

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO - PUC-SP

HERNANI DE IRAJÁ: ARTE E CIÊNCIA DE UM SEXÓLOGO BRASILEIRO

ALESSANDRO EZABELLA

Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social
Núcleo de História da Psicologia

São Paulo
2010

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO - PUC-SP

HERNANI DE IRAJÁ: ARTE E CIÊNCIA DE UM SEXÓLOGO BRASILEIRO

ALESSANDRO EZABELLA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Social, sob a orientação da Professora Doutora Maria do Carmo Guedes.

Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social
Núcleo de História da Psicologia

São Paulo
2010

Profa. Dra. Maria do Carmo Guedes

Profa. Dra. Mitsuko Aparecida M. Antunes

Prof. Dr. Dante Marcello C. Gallian

Agradecimentos

A Marlene, secretária do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social, que com sua atenção e paciência facilitou os trâmites burocráticos do mestrado;

Ao CAPES e CNPq pelo auxílio com as bolsas de estudo;

Às professoras Fúlvia e Iza pelas valiosas e oportunas aulas;

Aos funcionários da PUC *campus* Monte Alegre e do Laboratório de Psicologia Experimental, cujas atividades, apesar de silenciosas, tornaram possível a realização da minha pesquisa;

Aos colegas do Rio, Igor Torres, Sabrina Paiva, Jane Russo e Sérgio Carrara, por compartilhar informações importantes para a execução deste trabalho;

Aos colegas do período em que participei do Centro de Estudos e Pesquisas em Comportamento e Sexualidade (CEPCoS), em especial a Oswaldo Rodrigues Jr., Carla Zeglio, Vânia Bressani e Hugues França Ribeiro pelo apoio e incentivo iniciais para o desenvolvimento dos estudos em história da Sexologia;

Aos colegas do mestrado, tanto da Psicologia Social quanto da História, pelo apoio, dicas e por compartilhar momentos de angústia na tomada de decisões importantes;

Aos alfarrabistas Seu Luís e José Luiz Garaldi, pela simpatia e conversas esclarecedoras;

Aos tantos colegas do Núcleo de Estudos em História da Psicologia (NEHPSI), pelo auxílio e incentivo;

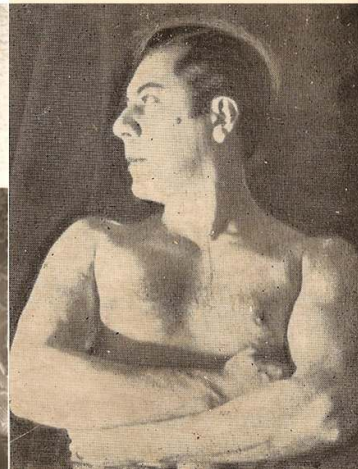
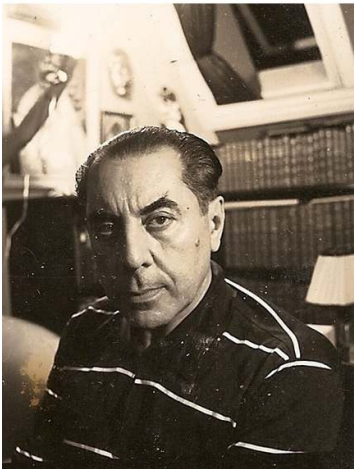
Aos professores da banca, Dante Marcelo Gallian e Mitsuko Makino Antunes, pela argüição sincera e orientações quanto à condução da pesquisa;

À família Irajá, não apenas pela receptividade com que me acolheram em suas residências, mas também pela confiança;

À minha orientadora, Maria do Carmo Guedes, pela disponibilidade com que me recebeu no seu núcleo e pelas valiosas orientações;

A Pryscilla Roberta Motta, amiga carinhosa e sempre presente, que me acompanhou em boa parte deste percurso;

Aos diversos amigos que me apoiaram em diferentes momentos do mestrado, seja auxiliando na reflexão sobre a pesquisa ou ainda dando boas risadas e desabafando;



*Agora que a viagem quase finda,
Ao chegarmos ao último dos
portos,
Lembro dos mortos que vivem
ainda
Lamento os vivos já bastante
mortos!*
Hernani de Irajá

Resumo

Hernani de Irajá: arte e ciência de um sexólogo brasileiro
Alessandro Ezabella

Tendo como fontes primárias romances autobiográficos, um livro de memórias e obras de divulgação científica, este estudo biográfico visa compreender vida e obra de Hernani de Irajá, médico, pintor e jornalista. Além de suas atividades como médico sexólogo, Hernani de Irajá dedicou-se ao desenho e à pintura, ao jornalismo como crítico de artes e publicou pelo menos 10 obras de divulgação científica em *Sexologia*. E participou ativamente dos eventos sociais e artísticos promovidos no Rio de Janeiro no período de 1920 a 1960. É discutido o fenômeno da proscricção deste autor, aclamado por artistas e profissionais de sua época, porém com referências muito escassas entre os sexólogos brasileiros.

Palavras-chaves: Biografia, História, Sexologia, Brasil

Abstract

Hernani de Irajá: Art and science of a brazilian sexologist
Alessandro Ezabella

Having as primary sources autobiographical novels, a memoir and works of popular science, this biographical study seeks to understand life and work of Hernani de Irajá, doctor, painter and journalist. Besides his activities as a sexologist, Hernani de Irajá devoted himself to drawing and painting, to journalism as a critic of art and published at least 10 works of popular science in Sexology. And actively participated in social events and promoted art in Rio de Janeiro in the period 1920-1960. We discuss the phenomenon of the proscription of this author, acclaimed by artists and professionals of his time, but with very few references among Brazilian sexologists.

Keywords: Biography, History, Sexology, Brazil

Sumário

Introdução	9
Por que Hernani de Irajá?	17
História, Psicologia e Sexologia	19
Capítulo 1 – Considerações sobre a pesquisa biográfica	21
1.1. Sebos, leilões e bibliotecas: a relação entre pesquisador, as fontes e seus intermediários	22
1.2. Para que serve uma biografia?	28
Capítulo 2 – Hernani de Irajá: Uma biografia	34
2.1. Do infante Hernani ao Dr. Irajá	43
2.2. A vida no Rio de Janeiro	50
2.3. Helena, Flora e Inara	62
2.4. Últimas cenas de Hernani de Irajá	75
2.5. Hernani de Irajá: o “talento polimorfo”	75
2.5.1. Obras de divulgação científica	78
2.5.2. Produção literária	83
2.5.3. O pintor do belo	88
Capítulo 3 – Lapa: amores, encantos, pecados, perdições	93
3.1. As prostitutas e os malandros	97
3.2. Reduto dos boêmios, artistas e intelectuais	103
Conclusão	108
Referências bibliográficas	110
Apêndices	
Apêndice A – Relação de obras de Hernani de Irajá	117

INTRODUÇÃO

Sem pecado, nada de sexualidade, e sem sexualidade, nada de História.

Soren Kierkegaard

Foi na Biblioteca do José, na época Livraria da Sereia, que fui apresentado a Hernani de Irajá. Isso ocorreu há cerca de nove anos, quando vasculhava nos sebos livros de autores consagrados da Sexologia mundial, começando pelos autores mais recentes, como Helen Kaplan, o casal William Masters e Virginia Johnson, até chegar aos autores mais antigos, como Havelock Ellis, Magnus Hirschfeld e Iwan Bloch. De José Luiz Garaldi, dono da Biblioteca do José, ouvi as seguintes palavras sobre Hernani de Irajá: “*Esse cara era um maldito. Olha a cara de louco dele. Morreu jovem.*”

Além do comentário de José Luiz, outros elementos chamaram minha atenção para Hernani de Irajá. Poderia citar as capas chamativas de seus livros, não raramente ilustrados com fotografias e desenhos de mulheres nuas. Ou, ainda, a surpresa ao me deparar com uma obra – e um autor – que contrapõe-se, pelo menos a princípio, à ideia de que a maioria das publicações sobre sexualidade humana possuiria um teor moralista e/ou religioso.

Na ocasião em que visitei a Biblioteca do José, comprei *O Sexo Nu* (Irajá, 1966) e constatei que o livreiro possuía outras obras de Hernani de Irajá. Depois, movido pelo interesse em compreender tanto a obra quanto o homem por trás de sua autoria, voltei ao sebo e comprei *Psychoses do Amôr* (1931¹), *Sexualidade e Amôr* (1930) e *Psycho-pathologia da Sexualidade* (1933).

¹ Não sendo possível localizar a primeira edição desta obra (1918), a obra de referência é a de 1931.



Figura 1. Capas das obras de Irajá: *O Sexo Nu* (1966), *Psychoses do Amor* (1931), *Sexualidade e Amor* (1930) e *Psycho-pathologia da Sexualidade* (1933)

A surpresa maior, contudo, foi o rótulo de maldito que José Luiz atribuiu a Hernani de Irajá. O emprego desse termo nos remete a um autor cujo discurso diverge daquele que profissionais de um determinado campo do conhecimento estabelecem como norma. Poderíamos, então, considerar Hernani de Irajá um autor maldito por discordar do discurso científico presente na maioria dos estudos em sexualidade humana de sua época?

O que se pode afirmar inicialmente é que personagens malditos costumam marcar época por suas atitudes irreverentes, ousadas ou transgressoras, dando vazão muitas vezes a uma forma peculiar e original de encarar a vida. Pensando no uso deste termo, até que ponto poderíamos afirmar que Hernani de Irajá foi um personagem maldito? O que se sabe até o momento é que Irajá é um autor proscrito, banido de uma suposta “história oficial”, possivelmente pela sua oposição ideológica ao campo da Medicina Legal (representado por Afrânio Peixoto, Estácio de Lima² e Leonídio Ribeiro) e aos pintores modernistas. Soma-se a isso ainda seu estilo de vida peculiar, ou seja, o enaltecimento da beleza feminina e seu desejo de conquistar de belas mulheres.

² Estácio Luís Valente de Lima (1897–1984), natural de Marechal Deodoro (AL), doutorou-se em Medicina em 1921 com a tese *Introdução ao Estudo da Agonia*, defendida na Faculdade de Medicina da Bahia. Foi professor das Faculdades de Medicina e Direito da Bahia, Diretor do Instituto Médico Legal Nina Rodrigues. Informações obtidas em http://www.fameb.ufba.br/historia_med/hist_med_art24.htm, http://www.memoriaviva.com.br/ocruzeiro/06061959/060659_2b.htm.

Além de proscrito, poderíamos nos referir a Hernani de Irajá como um autor obsceno. O termo obsceno pode ser empregado de duas maneiras: primeiro, em sentido literal, obsceno é o que fere o pudor, impuro ou quem profere ou escreve obscenidades, segundo o Dicionário Aurélio Eletrônico. Depois, se nos remetermos à etimologia da palavra, veremos que Arango (1991, p.14) e Lapeiz e Moraes (1985, p. 8) explicam da mesma forma a origem de obsceno, que é: “uma corruptela ou modificação do vocábulo latino *scena*”, que significa literalmente “fora de cena”.

Pensando nesta definição de obsceno, podemos dizer que, apesar de sua extensa produção, seja como médico, pintor, escritor ou jornalista, Hernani de Irajá simplesmente saiu de cena. Assim, ele torna-se obsceno a partir do momento em que se perdem as referências sobre seu trabalho e sua biografia.

Outro aspecto a ser considerado nas obras de Hernani de Irajá são as opiniões emitidas por profissionais renomados do início do século XX. Autores como Júlio Porto-Carrero³, Antônio Austregésilo⁴ e Medeiros e Albuquerque⁵ tecem elogios sobre a erudição, os talentos artísticos e a clareza clínica de Hernani de Irajá e suas obras de divulgação científica que abordam a temática sexualidade humana. Tais opiniões poderão ser confrontadas com as fontes em que o nome de Hernani de Irajá é citado, auxiliando na constituição de sua biografia.

Livro completo de artista e de homem de ciência, versando com elegância e proficiência a difícil erotologia, com farta cópia de observações e vasta demonstração de cultura, é hoje elemento necessário para a bibliografia do assunto. Contanto nem sempre de acordo com o autor, máxime nas restrições que, por vezes, opõe à ciência de Freud, encontrei nesse livro, além de leitura proveitosa, muito material útil para pesquisas psicanalíticas.

³ Porto-Carrero foi autor de vários livros em Psicanálise, tendo sido o fundador da seção Rio da Sociedade Brasileira de Psicanálise. Ocupou a cátedra de Medicina Legal na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, foi membro destacado da Liga Brasileira de Higiene Mental e membro honorário da Academia Nacional de Medicina. (CAMPOS, 2001)

⁴ Antônio Austregésilo foi médico psiquiatra e neurologista. É considerado o fundador da Neurologia no Brasil e um dos precursores da Psicanálise no Brasil. (CAMPOS, 2001)

⁵ Medeiros e Albuquerque foi jornalista, professor, orador, ensaísta e memorialista. Ocupou a cadeira 22 da Academia Brasileira de Letras. Entre suas contribuições para a Psicologia, destacam-se os trabalhos *Os Testes* (1924) e *O Hipnotismo* (1926) (CAMPOS, 2001).

É um desses livros que a gente lamenta não ter escrito. (Júlio Pires Porto-Carrero in IRAJÁ, 1956b, p. 233)

LEIAM

SEXUALIDADE E AMÔR

EIS ALGUMAS
OPINIÕES SOBRE

“Sexualidade e Amôr”

A intelligencia e a elegancia com que foi feito este volume dão ao autor reconhecida competencia na materia. Notam-se, na feitura do trabalho, erudição, qualidades raras de escriptor, technica scientifica, certa paixão de sectarismo, sentimentos altos de hygiene social, enfim, as qualidades preciepas que produziram o grande exito do livro. O dr. Hernani de Irajá possui talento artistico, capacidade clinica, e clareza primorosa de exposiçào. As tres facas da obra garantiram-lhe o exito feliz, cujas edições comecam a succeder-se com rapidez, o que é raro em nosso meio de leitores de jornaes de escandalo e de opposições.

O autor, talento polymorpho, é um triumphador intellectual.

Prof. Dr. A. Austregesilo

Lí, de um folego, o livro *Sexualidade e Amor*, do dr. Hernani de Irajá, e isto bem demonstra o interesse que elle despertou. E' um trabalho em que se destacam os dotes literarios do autor e se podem bem constatar a boa sciencia, em que cada assumpto é tratado com toda a clareza e todos os pontos são discutidos com grande talento e profunda erudição. Nem uma unica questão deixou de ser encarada de accordo com a verdade scientifica. E' um livro, ao qual não devem ser regateados os mais sinceros encomios.

Prof. Dr. Henrique Rôgo

Livro completo, de artista e de homem de sciencia, versando com elegancia e proficiencia a difficil erotologia, com farta copia de observações e basta demonstração de cultura, é hoje elemento necessario para a bibliographia do assumpto.

Encontrei n'elle, além de leitura proveitosa, muito material util para pesquisas psychanaliticas.

E' um desses livros que a gente lamenta não ter escrito.

Prof. J. P. Porto Carrero

«Na obra “Sexualidade e Amôr” de Hernani de Irajá, ha, ao par de soluções varias da clinica biologica e de analyses psychicas e endocrinologicas, o problema social da sexualidade, em face da historia natural do homem, da philosophia e da religião.

Com toda a razão o brilhante Autor brasileiro, acha que não só «a vida social tenta suffocar o grito sexual» como tambem que «em tudo na

SEXUALIDADE



E
AMÔR

HERNANI DE IRAJÁ

vida humana, nos menores factos, o *primum movens* é a sexualidade, não raro a sensualidade.» Por esta senda maravilhosa de conclusões, **Hernani de Irajá** chega onde quer chegar.

A super reprodução é um dos casos da imprevidencia e da perversidade da natureza, a que allude conclusivamente o illustre Autor de “*Sexualidade e Amôr*” — Por isso tudo o livro é para ser relido.»

Dr. Almachio Diniz

“*Sexualidade e Amor*”, o novo livro do Dr. Hernani de Irajá, tem este merito: preserva a ignorancia latina das filhas de familia. Mas, preserva porque aclara certos factos, explica alguns phenomenos. De um modo legitimo. Honesto.

E que melhores elogios poderia desejar um homem que escreve? Nenhum — o valor de “*Sexualidade e Amor*” affirma-se pela escoreiteza de linguagem e por ensinamentos muito mais puros que certos ensinamentos biblicos.

Dr. Neves Manta

(Assistente de Clinica Psychiatrica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro)

«...“*Sexualidade e Amôr*” continuando, ampliando o livro anterior, mal surgiu e está quasi com a edição esgottada. São paginas que a gente lê numa curiosidade crescente. Estudos de especialista consagrado. Trabalho de um Autor que progride sempre em clareza, precisão, elegancia.

Alvaro Moreyra

1931

LIVRARIA FREITAS BASTOS

Ruas: Bittencourt da Silva 21-A e 13 de Maio, 74 e 76 — Rio de Janeiro

Figura 2. Contracapa de *Psychoses do Amôr* (1918), com os comentários elogiosos a Hernani de Irajá

Foram estas as palavras escolhidas por Júlio Pires Porto-Carrero para elogiar a obra do colega médico e escritor. E, a exemplo de Porto-Carrero, são inúmeros os elogios contidos em seus livros. Há políticos, como o médico e ministro Oswaldo Aranha; médicos, como o psicanalista Gastão Pereira da Silva, além de poetas e escritores, como Augusto Frederico Schmidt e Álvaro Moreyra. Não raramente, encontram-se elogios ao “talento polimorfo”, como Antônio Austregésilo designou as múltiplas atividades que Hernani de Irajá exerceu. Obviamente, só se encontram críticas elogiosas na contracapa ou páginas anexas de seus livros, fazendo menção às suas competências profissionais e de suas produções científicas ou artísticas. Mas a troco de quê autores como Porto-Carrero elogiariam Hernani de Irajá de forma tão pomposa?

Estamos agora diante de Hernani de Irajá, não só proscrito, mas também definido como um “talento polimorfo”. Afinal, quem foi Hernani de Irajá, o autor de mais de 40 obras publicadas, saudado por parte dos intelectuais e acadêmicos daquele período? E como se deu o processo de proscrição?

Entre as referências levantadas a fim de responder essa questão, uma delas, localizada alguns anos depois do levantamento inicial, destacou-se pelo detalhamento de informações, que continha:

S. Maria, RS, 22 set. 1897 – Rio de Janeiro, 14 ago. 1969. F.: Raimundo Alexandre Pereira e Brazilina Moraes de Irajá. Est. no Ginásio Júlio de Castilhos e no Anchieta, P. Alegre. Escola de Engenharia, P. Alegre, curso incompleto. Médico pela Fac. de Med. P. Alegre, 1917. Assistente da Seção Pediátrica da Fac. de Med. de P. Alegre. Médico no Rio de Janeiro. Assistente da Fac. de Med. do Rio de Janeiro. Membro do Corpo de Saúde do Exército. Redator de A Pátria, A Noite, Revista da Semana e Fon-Fon, todas do Rio de Janeiro. Membro da Pró-Arte, Rio de Janeiro, que presidiu; da Associação Artística Brasileira, Rio de Janeiro, da qual foi um dos fundadores; da Soc. de Homens de Letras do Brasil; do Pen Club do Brasil, Rio de Janeiro; da ABI e do Instituto Brasileiro de Cultura, id. Especializado em patologia sexual. Desenhista. Irmão de Helena de Irajá. Bibl.: Psicoses do Amor, tese de doutoramento, P. Alegre, Globo, 1918 (mais dez edições, todas no Rio de Janeiro, a última de 1963). Feitiços e Crendices, Rio de Janeiro, Liv. Freitas Bastos, 1932, id, 2.ed., ibid, 1937. Psicopatologia da Sexualidade, ibid, 1932, id, Rio de Janeiro, Ed. Getúlio Costa, 1946. Sexualidade e Amor, estudo, Rio de Janeiro, Pongetti, 1932

(mais três edições até 1957). *Sexualidade Perfeita: Higiene dos Sexos*, Rio de Janeiro, Liv. Freitas Bastos, 1933, id, 2.ed., *ibid*, 1956. *Morfologia da Mulher*, Rio de Janeiro, 1937. *Tratamento dos Males Sexuais*, id, Liv. Freitas Bastos, 1937. *Sexo e Beleza*, S. Paulo, Cultura Moderna, 1938 (mais três edições no Rio de Janeiro, até 1958). *O Sensualismo na Arte*, estudo, Rio de Janeiro, Liv. Vítor, 1945. *Segredos Sexuais*, id, id, Irmãos Pongetti, 1953. *Amores e Paixões*, id, *ibid*, 1956. *Impotência Sexual*, id, em parceria com Spinoso Rothier, *ibid*, 1957. *O Homem: Encontro com o Passado*, memórias, *ibid*, 1959. *Neurastenia e Melancolia*, Rio de Janeiro. *O Ciúme*, id. *Macumba e Outros Mistérios*, id. *Sexos em Luta*, id. *Crônica de Ciência*, id. *O Sexo Nu*, id, Irmãos Pongetti, 1966. *Adeus, Lapa*, id, 1967. *Confissões de um Conquistador de Criadas*, memórias, id. 1968. (MUSEU DE HISTÓRIA DA MEDICINA DO RIO GRANDE DO SUL, Informação disponível em http://www.muhm.org.br/index.php?formulario=sys_bio_bibliografias_notas&submenu=4&metodo=0&id=212)

Madame Satã, apesar de ter sido alvo de preconceito e colocado à margem da sociedade por ser negro e travesti, tornou-se conhecido com a veiculação de sua biografia no *Pasquim* e, mais recentemente, com a produção do filme *Madame Satã*. Suas brigas, suas prisões e a vida marginalizada tornaram-se públicas e foram até mesmo cultuadas por um grupo de pessoas interessado pela sua história. Por que isso não ocorreu com Hernani de Irajá? As referências a seu respeito Irajá são muito escassas e dizem respeito a um grupo restrito de pesquisadores, interessados na temática História da Sexologia.

Ao conversar com colegas sexólogos, constatei que o nome de Irajá é praticamente desconhecido no meio científico. De forma geral, os sexólogos remetem-se à história presente da Sexologia, citando nomes de um período muito posterior a Hernani. E não é apenas no discurso oral que o autor em questão está proscrito. No levantamento de produções científicas verificou-se que o tema História da Sexologia é objeto de poucos estudos, surgindo em pesquisas com temas correlatos, a exemplo de Rago (1991), Green (2000) e estudos históricos diversos relacionados de alguma forma à sexualidade humana.

Desde 2000, venho me empenhando em localizar obras científicas em sexualidade humana que datem do final do século XIX a meados do século XX, por meio de consultas em sebos e bibliotecas da cidade de São Paulo e também de qualquer

localidade do Brasil. Recorri à internet para fazer a negociação dos livros de interesse. Ao todo, foram adquiridas 52 obras de autores brasileiros, que têm servido como fonte primária e vieram a público entre meados do século XIX e meados do século XX. Entre essas obras, constam não apenas livros científicos, mas ainda literatura erótica, além de romances e livros de memórias que de alguma forma puderam trazer importantes contribuições à pesquisa. Alguns de seus autores são conhecidos em outros campos de investigação, como é o caso de Afrânio Peixoto⁶ e Leonídio Ribeiro⁷ (Medicina Legal) e Viveiros de Castro (Direito).

O levantamento de informações que permitissem uma melhor compreensão sobre a proscricção de Hernani de Irajá levou-me à pesquisa de possíveis parentes do autor, que supostamente poderiam trazer alguns esclarecimentos sobre quem foi esse médico, qual sua história de vida e, principalmente, os motivos que o levaram a se tornar um personagem proscrito. Em 2002, localizei Hernani de Irajá Pimentel Coelho, o neto mais novo de Hernani que, demonstrando receptividade diante de minha solicitação, procurou responder algumas das minhas indagações.

Infelizmente, muitos livros, quadros, fotos e outros documentos que eventualmente serviriam como fontes documentais se perderam em um incêndio no quarto andar do casarão que Hernani de Irajá usava como ateliê, biblioteca e consultório. O neto sugeriu que eu procurasse sua irmã, Flora D'Avino, já que muitas fotos e documentos da família permanecem com ela.

Em novembro de 2006, Hernani de Irajá recebeu, por intermédio de seus netos, a condecoração (*in memoriam*) “Pioneiros da Sexologia Brasileira” durante a II

⁶ Afrânio Peixoto foi discípulo de Nina Rodrigues, tendo trabalhado com Juliano Moreira, pioneiro da psiquiatria brasileira. Foi ainda autor de diversas obras voltadas para a Medicina Legal e Psiquiatria (Campos, 2001).

⁷ Médico legista, discípulo de Afrânio Peixoto, Leonídio Ribeiro foi o autor do trabalho *Homossexualismo e Endocrinologia* (1938), tendo recebido o prêmio Lombroso de 1933 da Real Academia de Medicina da Itália pelos estudos que correlacionavam a homossexualidade com questões endócrinas. Informações disponíveis em <http://www.historiaecultura.pro.br/cienciaepreconceito/instrumentos/instrumentosbiografias.htm>.

Jornada CEPCoS⁸ de Sexualidade Humana, quando apresentei vida e obra do autor e sua importância no cenário da Sexologia no Brasil. Na ocasião, conversei com os netos de Hernani de Irajá e tomei conhecimento de detalhes de sua vida pessoal, ampliando a compreensão sobre sua história de vida.

Ao contrário dos antigos historiadores que delimitavam seus estudos aos arquivos oficiais, biografando os grandes imperadores, por exemplo, historiadores como Carlo Ginzburg têm se dedicado ao estudo de gente comum, do povo, a exemplo de sua obra *O queijo e os vermes* (2006). Estudar a História da Sexologia significa, portanto, dar voz aos autores que se dedicaram à sexualidade humana, buscando compreender o estigma do obsceno e do pornográfico associado a estudos retrógrados, de autores considerados moralistas.

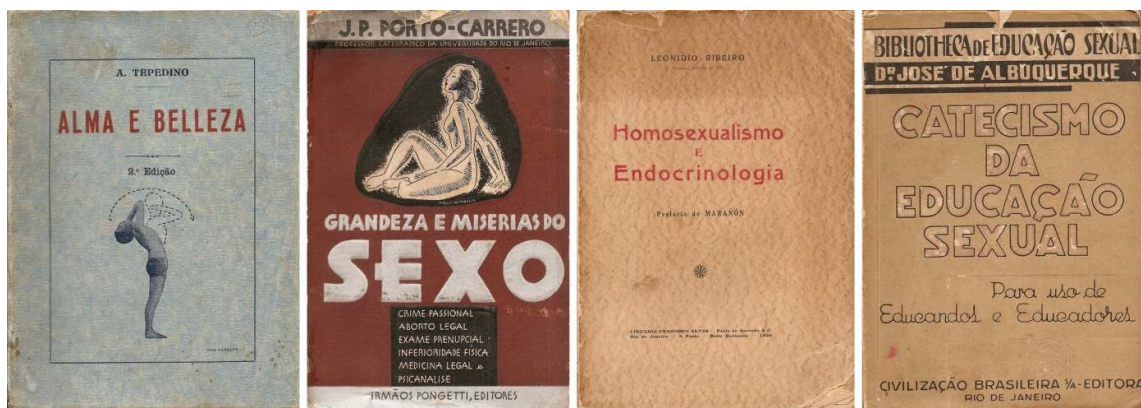
Durante o levantamento de obras e autores nacionais em Sexologia, Irajá destacou-se pela peculiaridade de suas obras e também pelos indícios que ampliaram a discussão sobre a constituição da Sexologia no Brasil. Uma vez que Hernani de Irajá apresenta-se como um autor proscrito, torna-se necessário primeiramente reconstituir sua biografia, mostrando sua inserção e de suas obras na sociedade carioca e entre seus pares. A reconstituição da biografia de Irajá pode não responder plenamente questões referentes ao fenômeno da proscricção, mas pode ao menos ampliar a discussão em torno de suas ideias e suas publicações. Um estudo biográfico de Hernani de Irajá enquanto fio condutor contribui com novos elementos para a composição de um panorama sobre a História da Sexologia brasileira e para uma melhor compreensão dos costumes e valores sociais relacionadas à sexualidade humana no Brasil.

⁸ O Centro de Estudos e Pesquisas em Comportamento e Sexualidade (CEPCoS) é uma organização não-governamental, da qual participei por 10 anos, promovendo estudos e pesquisas em sexualidade humana.

Por que Hernani de Irajá?

Os diferentes elementos reunidos neste levantamento de obras de Hernani de Irajá, como o rótulo de maldito, a peculiaridade de suas obras, via de regra muito ilustradas, os elogios de autores renomados e o fato do editor da obra *O Sexo Nu* (1966) atribuir a Hernani a condição de “precursor da divulgação científica dos estudos da sexualidade no Brasil”, coloca-nos diante de um indivíduo *sui generis*.

As obras de Hernani de Irajá, por exemplo, possuem um apelo comercial e adotam um projeto gráfico aparentemente arrojado para a época, divergindo das obras de autores contemporâneos dele, como Alexandre Tepedino⁹, Júlio Pires Porto-Carrero, José de Albuquerque¹⁰ ou Leonídio Ribeiro.



Figuras 3 - Capas dos livros de Alexandre Tepedino (*Alma e Belleza*, 1930), Júlio Pires Porto-Carrero (193-?), Leonídio Ribeiro (*Homossexualismo e Endocrinologia*, 1938) e José de Albuquerque (*Catecismo da Educação Sexual*, 1940).

Além disso, há a questão da proscrição de Hernani de Irajá do meio científico. Podemos apontar inicialmente a pesquisa de Cavalcanti (1992), que apresenta um panorama da Sexologia brasileira utilizando como marco para sua exposição de

⁹ Médico eugenista, autor da primeira tese brasileira sobre eugenia e autor dos livros *Alma e Belleza* (1930), *Amor e Sexo* (1931) e *Como Evitar os Males Sexuaes* (1933).

¹⁰ Médico carioca, fundador-diretor do “Jornal de Andrologia”, “Boletim de Educação Sexual” e “Arquivos Brasileiros de Andrologia”. Dirigiu a Campanha de Educação Sexual a partir de 1933 e foi membro das seguintes instituições: Societé de sexologie de Paris, Sociedade de Sexologia de Buenos Aires, Sociedade Mexicana de Eugenesia, Sociedade de Medicina de Valparaíso. Escreveu inúmeras obras de divulgação científica sobre sexualidade humana (RIBEIRO FILHO, 1965, p. 11).

autores a criação da Comissão Nacional de Sexologia da Febrasgo (Federação Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia)¹¹. Como o próprio nome mostra, a Federação reúne apenas médicos ginecologistas e obstetras, excluindo profissionais de outros campos com interesse nesses estudos. Cavalcanti, contudo, reconhece a possibilidade do nome de outros autores estarem aquém do seu conhecimento.

O confronto entre a existência de pelo menos três autores pouco estudados – Hernani de Irajá, Pires de Almeida e Pires Porto – e a pesquisa de Cavalcanti (1992) suscitou a necessidade de aprofundar a investigação na constituição dos estudos em sexualidade humana no Brasil. A partir de pesquisas em mecanismos de busca na internet, foi possível confirmar a presença dos nomes de Hernani de Irajá e Pires de Almeida inicialmente em estudos científicos de Mott (s/d)¹².

Um dos poucos estudos diretamente relacionado com a temática História da Sexologia no Brasil, produzido por Carrara e Russo (2002), traça um panorama da Sexologia e da Psicanálise, situando o início de ambas na década de 1920 e o seu florescimento nas décadas de 1930 e 1940. Nesse estudo, são citados alguns nomes que já eram conhecidos durante o levantamento de material bibliográfico desta pesquisa, a exemplo de Antônio Austregésilo e Júlio Pires Porto-Carrero, e outros se somam à lista de autores cujas obras seriam posteriormente pesquisadas em sebos, como José de Albuquerque. Em contrapartida, Leopoldo Pires Porto permanece anônimo neste e nos demais estudos levantados enquanto fontes secundárias.

Green (2000), por sua vez, apresenta um estudo muito interessante sobre a homossexualidade masculina no Brasil do século XX e novamente surgem os nomes de autores em sexualidade humana, entre eles Hernani de Irajá, Afrânio Peixoto, Estácio de Lima e Leonídio Ribeiro. No entanto, o problema de pesquisa apresentado por Green

¹¹ A FEBRASGO foi fundada em 30 de outubro de 1959, em Belo Horizonte, conforme informação disponível em <http://www.febrasgo.org.br/?op=paginas&tipo=pagina&secao=2&pagina=17>. Pressupõe-se assim que a data de criação da Comissão Nacional de Sexologia seja posterior a esta data.

¹² Artigo disponível no site do autor (<http://www.geocitrus.com/luizmottbr/entre5.html>).

contempla apenas parcialmente um estudo em História da Sexologia no Brasil, uma vez que sua temática está focada em pesquisas científicas referentes à homossexualidade. Em consonância com os estudos produzidos por Russo e Carrara (2002), Paiva (2002) problematiza a difusão da Sexologia no Brasil por meio de uma avaliação das obras de Hernani de Irajá. O autor propõe-se a discutir o processo histórico de construção das ciências do sexo levando em consideração suas principais características metodológicas e dando destaque a alguns personagens ilustres da Sexologia e da Psicanálise. Paiva (2002) ressalta ainda a valorização da Psicanálise e da Sexologia como articuladoras da luta contra os “exageros sexuais” e suas consequências. Sua conclusão é que os escritos de Hernani de Irajá são representativos de uma tensão entre a pretensão científica e a preocupação com sua receptividade por parte de um público leigo.

Um estudo mais recente, Flores (2007), analisa a produção pictórica de Hernani de Irajá buscando compreender a correlação do ideal de beleza feminina com a política médica eugenista. Flores (2007) apresenta Hernani de Irajá como um artista menor e situa-o, enquanto pintor, num grupo conservador reunido em torno da figura de Oswaldo Teixeira, diretor do Museu Nacional de Belas Artes.

História, Psicologia e Sexologia

Ao menos entre os historiadores é ponto pacífico a necessidade de desenvolver qualquer estudo a partir de uma perspectiva histórica. Até que ponto podemos afirmar que a constatação da existência de obras científicas em sexualidade humana, que problematizam aspectos diversos deste campo do conhecimento, amplia o debate em torno de temas específicos deste campo científico?

É bem verdade que a Sexologia constitui-se como um campo científico que congrega profissionais de outras áreas do saber, a exemplo da Antropologia,

Enfermagem, Medicina, Psicologia, Sociologia, entre outras. Se por um lado tal fato pode favorecer os discursos múltiplos e enriquecer o debate em torno de questões relevantes e, não raramente, com repercussões sociais, por outro lado a Sexologia torna-se um campo disperso, com conflitos internos que privilegiem os anseios e necessidades de cada campo compreendido dentro da Sexologia.

Apesar do longo percurso trilhado por vários autores que se dedicaram à Sexologia, esse campo do conhecimento ainda requerer discussões quanto à formação do sexólogo e a delimitação do seu campo de atuação.

Wertheimer (1998) justifica a importância do estudo da História da Psicologia – e por que não da Sexologia ou de qualquer outro campo do conhecimento? – de forma bastante apropriada e pertinente ao afirmar que o estudo da História da Psicologia pode ajudar a desenvolver uma visão integrada deste campo. A História da Sexologia no Brasil poderia, então, ser vislumbrada sob uma perspectiva histórica, permitindo vê-la de forma integrada. Isso abriria caminho para que os profissionais que se dedicam a esta atividade do momento atual da Sexologia, compreendam seus embates e, principalmente, sua história.

Apesar da própria História ter um caráter lacunar, feito de ausências e espaços em branco que são estudados pelos historiadores, a Sexologia apresenta lacunas significativas. O preenchimento dessas lacunas não apenas recoloca autores como Hernani de Irajá em seu respectivo espaço, mas também cria a possibilidade de discutir temas de pesquisa com o amparo da perspectiva histórica presente na obra deste autor.

1. CONSIDERAÇÕES SOBRE A PESQUISA BIOGRÁFICA

Luna (1999) alerta para a necessidade de clareza em relação ao problema da pesquisa. Passo este que é fundamental para o seu desenvolvimento. O problema de pesquisa aqui proposto aproxima-se muito do que Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (1998) dizem a respeito de estudos qualitativos, ao afirmar que muitos destes estudos são exploratórios, tornando o conceito de problema de pesquisa bem mais amplo.

Tendo conhecimento disto, e apesar de ter adquirido uma vasta bibliografia a respeito dos estudos em sexualidade humana e mesmo literatura erótica no Brasil entre meados do século XIX até meados do século XX, o problema de pesquisa foi delimitado à biografia de Hernani de Irajá, sendo ele o foco principal de estudo e tendo ainda os estudos e obras de outros autores como instrumento facilitador da compreensão do contexto em que se insere Hernani de Irajá e sua produção científica.

A busca por este foco visa atender alguns objetivos, conforme explicitam Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (1998): estabelecer as fronteiras de investigação, orientar os critérios de inclusão e exclusão que permitam uma seleção das informações relevantes, auxílio na orientação sobre atores e cenários da pesquisa.

Além dos trabalhos já citados a respeito de Hernani de Irajá, foram localizadas outras fontes que posteriormente serão analisadas cuidadosamente. Em virtude da necessidade de manter um foco, selecionei os trabalhos em que Hernani de Irajá aparece exercendo a função de médico sexólogo. Fontes complementares poderão, num segundo momento da pesquisa, se agrupar a esta após análise criteriosa e coerência com o problema de pesquisa ora desenvolvido.

A respeito da seleção das fontes, Luna (1999) argumenta que a escolha deve ser feita sempre pela fonte mais direta possível, assumindo as implicações desta escolha. Da mesma opinião é Pongratz (1998), ao argumentar que se deve obter

informações básicas através do uso crítico de fontes primárias, ao invés de depender excessivamente das fontes secundárias. A compreensão da biografia de Irajá só é possível a partir do recurso às fontes primárias, uma vez que são poucas as fontes secundárias que esclarecem fatos diversos relacionados a Hernani de Irajá. Entre as fontes primárias selecionadas para a execução deste trabalho, constam a produção científica e literária de Hernani de Irajá, documentos levantados em arquivos públicos, bibliotecas cartórios e instituições diversas, depoimentos orais e mensagens pessoais estabelecidas com pessoas que possuam algum vínculo ou interesse pelo tema da pesquisa, revistas e livros produzidos por familiares ou a respeito de Irajá e sua família, como *Cristais ao Sol* (IRAJÁ, 1958a), *Revisa Astrolândia* (1958b) e *Revista Manchete* (1955).

1.1. Sebos, leilões e bibliotecas: a relação entre pesquisador, as fontes e seus intermediários

Aspecto peculiar deste trabalho é o levantamento de fontes primárias, em especial os livros, em sebos. Dentre eles, dois se destacam pelo contato diferenciado estabelecido com os livreiros: a Biblioteca do José – na época denominada Livraria Sereia – de José Luís Garaldi e a Ornabi, do Seu Luís. Estas duas livrarias – ou alfarrábios – têm uma história peculiar. A Ornabi – Organizadora Nacional de Bibliotecas – surgiu em agosto de 1945 com o nome de Livraria Ipiranga e localizava-se no Edifício das Arcadas, tombado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (Condephat), situado na esquina das ruas Quintino Bocaiúva e Benjamin Constant. Nela, Seu Luís recebeu intelectuais, políticos e bibliófilos em busca de livros raros disponíveis entre os mais de 360 mil exemplares do

acervo. Passados 62 anos de atividades ininterruptas, Seu Luís decide se aposentar e vende a Ornabi em 2007¹³.

A Biblioteca do José não tem a mesma tradição do alfarrábio do Seu Luís. Fundada como Livraria S. Bach em meados da década de 1990, a livraria de José Luiz Garaldi cumpre sua função de vender livros usados, raros ou antigos seguindo uma tradição de antiquários. O dono tem, portanto, ao menos algum conhecimento daquilo que é vendido na sua loja. Em 2008, Martins Filho publicou uma obra que ajudou a distinguir a Biblioteca do José de um mero comércio de livros. A obra em questão, *Ex Libris: Coleção Livraria Sereia de José Luiz Garaldi*, aborda um assunto muito específico, os *ex-libris*, demonstrando os conhecimentos de José Luiz sobre livros raros e antigos e também suas peculiaridades.

Tomei conhecimento da Biblioteca do José através do seu site, no qual José Luiz listou várias obras da Sexologia mundial e também algumas obras nacionais¹⁴.

Percebendo o interesse do pesquisador pelo tema e talvez justificando a ausência de títulos que embora listados já haviam sido vendidos, José Luiz apresentou alguns livros de Hernani de Irajá, utilizando-se do *Dicionário Literário Brasileiro* (1978), de Raimundo de Menezes, para esclarecer quem foi o “ilustre desconhecido”. Das obras de Hernani de Irajá, José Luiz dispunha no seu sebo de *Psychoses do Amôr* (1931), *Psychopathologia da Sexualidade* (1933), *Sexualidade e Amôr* (1930) e *O Sexo Nu* (1966). Paulatinamente tais livros foram adquiridos nos contatos com José Luiz Garaldi, com exceção de *Sexualidade e Amor* (1930).

O que aconteceria durante a visita à Biblioteca do José se, a exemplo do que ocorre em boa parte dos sebos, mantivesse um contato superficial com seu proprietário

¹³ As informações sobre a Ornabi foram extraídas de Freitas e Queiroz (2007).

¹⁴ Entre as obras internacionais disponíveis, havia edições brasileiras de Magnus Hirschfeld, Havelock Ellis, Paolo Mantegazza e Egas Moniz. Dos autores nacionais, ele tinha disponíveis Porto-Carrero, Estácio de Lima e Hernani de Irajá.

ou ele comigo? Os livros de Irajá seriam – e na verdade são – apenas parte de um acervo disponível para venda.

Na Ornabi, tive uma experiência relativamente semelhante. Localizada no centro de São Paulo e na época – final da década de 1990 – com um grande acervo de livros, a pesquisa por títulos da Sexologia sempre trazia gratas surpresas durante as visitas. Uma dessas surpresas foi a obra *La Vida Sexual Contemporánea* (1924), de Iwan Bloch. Naquele momento, o livro chamou atenção por ser de um autor de quem acabara de tomar conhecimento. *L'Uomo e La Donna* (s/d), de Havelock Ellis foi outra boa surpresa, que acabei adquirindo por um valor baixo, como ocorreu na maioria das vezes em que entrei no sebo do Seu Luís.

Apesar das pequenas surpresas que encontrei garimpando as estantes dos sebos e da grande quantidade de livros disponíveis nos três andares da Ornabi, consegui apenas dois exemplares de autores nacionais: *Sexo e Cultura* (193-?), de Júlio Pires Porto-Carrero e *Psiconeuroses e Sexualidade* (1919), de Antônio Austregésilo. Ao questionar o preço deste ao Seu Luís, ele abriu um sorriso falando com saudades de um autor cujo nome ou obra lhe parecia familiar, porém proscrito nos dias de hoje. Conversamos brevemente sobre tal proscrição e, apesar de não me lembrar de suas palavras exatas, era evidente em Seu Luís o tom saudosista em um discurso que transmitia um quê de inconformismo.

Em nova visita à Ornabi, buscava agora a obra *A arte e a neurose de João do Rio* (1976) de Neves-Manta, citada por alguns autores cujas obras havia adquirido anteriormente. Animado com a solicitação que lhe fiz e novamente diante de dois nomes muito familiares a ele (Neves-Manta e João do Rio), Seu Luís procurou apressado o exemplar no mezanino e o lançou para a funcionária que me acompanhava no andar térreo. Aproveitei então o ensejo da visita ao Seu Luís para questioná-lo sobre os autores que tenho pesquisado, em especial Hernani de Irajá. O livreiro fez menção a

uma visita de Hernani de Irajá a São Paulo, descrevendo-o como um homem alto, culto, sempre presente nos círculos sociais da elite carioca de sua época. Junto com o nome de Hernani de Irajá, veio o do Dr. Tepedino. Seu Luís lembrou-se dele como Dr. Tepenido, informando um provável contato deste autor com Hernani de Irajá.

Muitos sebos foram visitados na cidade de São Paulo. Havia, no entanto, uma diferença no vínculo que se estabelecia com grande parte dos alfarrabistas ou livreiros e o cliente, tendo o livro como intermediário entre ambos. Na grande maioria dos sebos, a relação que se estabelece entre o produto e o cliente é exclusivamente comercial. Raras vezes o livreiro tem pleno conhecimento dos autores, obras e peculiaridades das obras disponíveis em suas lojas. Um exemplar autografado de *De médico a criminalista*, do médico legista Leonídio Ribeiro, por exemplo, foi adquirido em um sebo por meros R\$5,00. Exemplos raros, com tiragem limitada, autografados e/ou fora de catálogo podem apresentar preços não tão acessíveis como este. *O Problema Sexual* (1913), obra anônima prefaciada por Coelho Neto e Ruy Barbosa, estava à venda alguns anos atrás em um sebo conhecido entre os bibliófilos por algo em torno de R\$1.000,00. A mesma obra, com autógrafa impresso e autógrafa manuscrito de Coelho Neto foi arrematada em um leilão de livros raros e antigos por um valor pelo menos cinco vezes inferior ao desta loja.

O grande diferencial entre os alfarrabistas da Biblioteca do José e Ornabi e os livreiros, do ponto de vista do pesquisador que se utiliza de fontes e qualquer indício que lhe traga novas informações à sua pesquisa, é o vínculo que ambos estabelecem. Nesses casos, o alfarrabista não é apenas um comerciante interessado em vender sua mercadoria, mas também um colaborador, seja fornecendo fontes historiográficas, como no caso de José Luiz, ou sendo ele mesmo esta fonte, a partir do testemunho de algo vivido por ele, como foi o caso do Seu Luís.

A partir da aquisição de algumas obras de Hernani de Irajá, recorri à internet e aos sebos virtuais com dois propósitos muito distintos: saber quem foi Hernani de Irajá e o que havia sido publicado sobre ele em fontes secundárias, a exemplo de Russo e Carrara (2002). Desejava também localizar e adquirir outras obras de Hernani de Irajá e de outros autores que publicaram livros em sexualidade humana no Brasil. Quando realizei a pesquisa na internet, as informações sobre Hernani de Irajá eram muito escassas. Lembro de ter recorrido ao centro de pesquisa documental do jornal *O Globo* e de outro jornal cujo nome não me lembro, solicitando pesquisa sobre Hernani de Irajá. Ambos não relataram presença deste nome nas suas publicações¹⁵.

Utilizando ainda os recursos da internet, procurei informações sobre as obras de Hernani de Irajá na Biblioteca Nacional e nas bibliotecas da USP. A pesquisa em tais bibliotecas retornou pouquíssimos resultados. A Biblioteca Nacional contava com três ou quatro obras do autor e a biblioteca da USP até hoje possui apenas *Feitiços e Crendices* (1932). O mesmo, ou uma situação até pior, ocorre quando se pesquisa outros autores da Sexologia brasileira, como José de Albuquerque, demonstrando que as bibliotecas possivelmente adotam procedimentos em que livros de determinados autores são descartados para dar lugar a autores e obras mais recentes.

A Inversão dos Sexos (193-), de Estácio de Lima, um dos livros pesquisados na Faculdade de Direito da USP, foi consultado inicialmente nesta instituição e solicitado para xerocópia. O livro, porém, não pode ser xerocopiado, sob a alegação de restrições quanto aos direitos autorais e por conta do seu estado de conservação. Outros livros, como *Homossexualismo* (1906), de Pires de Almeida, tornam-se menos acessíveis ainda, por se tratarem de exemplares raros e antigos.

¹⁵ A ausência do nome de Hernani de Irajá no jornal *O Globo* não deve ser entendida como verdadeira, uma vez que Antônio Olinto, na seção Porta de Livraria de 23/11/1967, publica resenha sobre a obra *Adeus! Lapa*, conforme Irajá (1969, orelha da contracapa).

Todos os caminhos levavam aos sebos, até porque o valor de alguns livros adquiridos era o mesmo ou pouco superior à xerocópia. Além disso, poderia constituir um curioso e útil acervo de obras brasileiras em sexualidade humana para futuras pesquisas, sem a burocracia imposta pelas bibliotecas, apesar de reconhecer que parte desta burocracia, algumas vezes, é necessária para a conservação de um acervo.

Além dos sebos, a aquisição de livros raros e antigos em leilões contribuiu para a expansão de títulos que já buscava ou que mostraram-se úteis e valiosos para o acervo. Entre as obras obtidas em leilões constam *O Sensualismo na Arte* (1945) e *Sexo e Beleza* (1947), de Hernani de Irajá, *Homens aventureiros* (18--), *O Problema Sexual* (1913) e ainda *Dona Dolorosa* (1934), de Théo Filho. Não é raro encontrar nos leilões livros em edições especiais, autografadas, fotografias antigas, cartões-postais, moedas e selos e uma infinidade de outros materiais de determinada época. A grande desvantagem dos leilões é a disputa que se estabelece. Uma obra que datava do final do século XIX e abordava a prostituição foi arrematada por R\$1.900,00. Em contrapartida, um atestado médico de Juliano Moreira, também ofertado em leilão, não recebeu nenhum lance, sendo arrematado pelo valor mínimo, algo em torno de R\$40,00. Outra desvantagem dos leilões é a relação estritamente comercial estabelecida entre o comprador e o vendedor, que é intermediada pelo leiloeiro, excluindo o privilégio de informações que por ventura poderiam ser fornecidas pelo proprietário do lote.

Em setembro de 2006, passei a utilizar os serviços da Estante Virtual, um website que concentra livreiros de todo o país e seus respectivos acervos disponíveis para venda. A partir de consultas frequentes a este site, algumas obras referentes à História da Sexologia no Brasil e sobre Hernani de Irajá foram adquiridas, a exemplo de *Cristais ao Sol* (IRAJÁ, HELENA, 1958), *Sexualidade Perfeita* (IRAJÁ, 1956b), *Homossexualismo* (PIRES DE ALMEIDA, 1906), entre outras.

1.2. Para que serve uma biografia?

Na Antiguidade, Plutarco e Suetônio dedicaram-se a relatar e publicar a vida de grandes homens e imperadores, sob uma perspectiva moralizante (CADIOU et al., 2007, p. 187). Nesse período, as obras biográficas gozavam de grande prestígio e eram destinadas a retratar a vida de homens ilustres ou prestigiados pelos gregos, cujo interesse estava focado mais no caráter exemplar do biografado do que seus feitos. Havia uma distinção entre os historiadores desse período sobre o que era a história que narrava fatos coletivos e buscava a verdade e contar as histórias “das vidas”, que possuíam um acento muito maior no caráter político, moral ou religioso do que em sua singularidade propriamente dita (BORGES, 2006, p. 203-233).

Uma vez que a história dessa época privilegiava acontecimentos políticos e militares a partir da análise de documentos oficiais e da organização social, a biografia acaba por distinguir-se do gênero histórico, sendo vista como um vasto campo de erudição. Dois fatores foram determinantes para essa distinção: a utilização de regras distintas para a produção de biografias que podiam dispensar uma apresentação cronológica e o fato de não estarem submetidas aos mesmos critérios de veracidade da história (CADIOU et al., 2007, p. 187-205).

O propósito da biografia na Idade Média era relatar o sentido profundo e ético do feito histórico do biografado. Ao invés de rememorar fielmente a veracidade dos fatos, a biografia propunha-se a transfigurar a realidade para que o leitor encontrasse nela matéria de imitação e edificação. Não por acaso, os textos históricos desse período eram constituídos, em sua grande maioria, por biografias de bispos e abades em estado de iluminação espiritual e, paulatinamente, as biografias de santos, devotos, laicos e soberanos serviram de inspiração a inúmeros historiadores. A biografia sofrerá uma renovação a partir do século XII, quando os biógrafos reconsideraram as especificidades do personagem descrito, estabelecendo um forte vínculo com a

veracidade dos fatos relatados, sob o argumento que um fato relevante poderia servir de modelo se ele realmente tivesse ocorrido (CADIOU et al., 2007, p. 187-205).

Durante a Idade Moderna a biografia era alvo do interesse de eruditos e antiquários a partir do século XVI. Porém, ainda havia uma forte influência do modelo antigo, o que tornava a biografia mais próxima da Literatura que da história. Com isso, a biografia permanece como um subgênero da História Geral (CADIOU et al., 2007, p. 187-205). Neste mesmo período, mais precisamente entre os séculos XVII e XVIII, a biografia sofrerá as alterações mais profundas. São empregados novos métodos para se investigar uma vida e estabelece-se um forte vínculo entre biógrafo e biografado, evitando o panegírico e buscando contar a “verdade” (BORGES, 2006, p. 205).

O século XIX foi marcado pela influência da Filosofia da História e do positivismo e a decorrente redução da importância do indivíduo na História. O que se vê em seguida é um questionamento dos historiadores sobre o papel do sujeito e da biografia, debate este muito atual, diga-se de passagem (BORGES, 2006, p. 206-207). Alguns historiadores da *Escola dos Annales* adotam posições diferentes sobre esta questão: Marc Bloch era pesquisador das mentalidades coletivas e, portanto, um fervoroso antibiográfico; de outro lado, Lucien Febvre utilizava-se de figuras históricas, a exemplo de Lutero ou Rabelais, para apreender o corpo social do século XX (CADIOU et al., 2007, p. 200-201).

O recurso da biografia, no caso de Irajá, está mais diretamente relacionado à proposta dos historiadores da *Escola dos Annales*. Irajá não é, portanto, um mártir ou herói de seu tempo, cujas vida e obra devam ser enaltecidas. Sua biografia parte do princípio que Irajá é um personagem *sui generis*, que presenciou eventos sociais, científicos e artísticos relevantes, transitando entre grupos heterogêneos e buscando algum reconhecimento nas atividades de médico e pintor. Um estudo biográfico permitirá compreender não só a história de vida de Irajá, mas também o seu entorno. A

este respeito, Laville e Dionne (1999) esclarecem a inserção do indivíduo na sociedade a partir de um estudo historiográfico:

É uma maneira de recolocar o indivíduo no social e na história: inscrita entre a análise psicológica individual e a dos sistemas socioculturais, a história de vida permite captar de que modo indivíduos fazem a história e modelam sua sociedade, sendo também modelados por ela. (p. 159)

Dos autores cujas obras foram levantadas em sebos, nenhum outro possui a mesma complexidade que Hernani, pois em suas obras pode-se observar a originalidade do autor, seu trânsito entre intelectuais, músicos, boêmios e prostitutas e também os estudos de caso descritos em seus livros, oferecendo aos pesquisadores um panorama bastante rico e complexo da cultura sexual do início e meados do século XX.

Chamam a atenção sua irreverência e a ousadia de suas obras científicas que possuem fotos de mulheres nuas nas capas e no interior destas; as ilustrações não só de mulheres, mas também de temas diversos presentes nas obras; a diversidade de temas que ele desenvolve nas suas publicações (romances, obras em sexualidade, críticas artísticas e literárias, livros de memórias, livros de temas religiosos); seu círculo social que incluía personagens como Madame Satã, Ary Barroso, Carmen Miranda e Sílvio Caldas; bem como profissionais renomados da época que elogiavam seus livros de sexualidade humana, como Antônio Austregésilo, Júlio P. Porto-Carrero, Medeiros e Albuquerque, Henrique Roxo¹⁶ e Inaldo L. Neves-Manta¹⁷.

¹⁶ Henrique de Brito Belford Roxo (1877-1969) formou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Sua tese de doutoramento *Duração dos Actos Psychicos Elementares nos Alienados*, foi defendida em 1900, sob orientação de Teixeira Brandão. Entre 1904 e 1907, substituiu seu orientador na direção do Pavilhão de Observações do Hospital Nacional de Alienados. Roxo frequentou a Clínica Psiquiátrica de Heidelberg e de München, onde se encontrava o psiquiatra alemão Emil Kraepelin, pai da psiquiatria moderna e um dos primeiros estudiosos da psicose maníaco-depressiva, esquizofrenia e mal de Alzheimer. Roxo foi ainda membro efetivo da Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal, membro titular da Academia Nacional de Medicina, membro associado da Société Clinique de Médecine Mentale de Paris e da Société Médico-Psychologique, também de Paris, além de inúmeros outros títulos. Informações obtidas em Roxo (1925, p. 5), Facchinetti e Venancio (2006, p. 152) e <http://www.kraepelin.org>, acessado em 21/02/2010.

¹⁷ Livre docente em Clínica Psiquiátrica da Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil (atual UFRJ). Membro da Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal, da Sociedade Brasileira de Criminologia, da Associação Brasileira de Psiquiatria. Foi ainda Membro Titular

Paiva (2002) e Oliveira (2003) reconhecem Hernani de Irajá como uma peça importante na difusão dos estudos em sexualidade humana junto ao grande público, sendo um autor prolífico nesta área e, curiosamente, mais reconhecido como pintor do que como sexólogo propriamente.

A análise de Miceli (2001) sobre a intelectualidade brasileira e, mais precisamente, suas considerações sobre os gêneros de memórias e biográficos contribuem significativamente para a compreensão da posição social de Hernani de Irajá e sua produção literária. Ao referir-se aos livros de memórias ou biografias de intelectuais brasileiros enquanto fontes historiográficas, Miceli (2001, p. 17) prioriza a pesquisa em livros de memórias. A biografia, ainda segundo Miceli, é dedicada, via de regra, a autores que gozavam de uma posição dominante ou ainda aqueles que foram convertidos em objetos de consagração póstuma. Por outro lado, os livros de memórias consistiam em uma estratégia muito recorrente entre intelectuais dominados, desejosos de reconhecimento pela sua produção intelectual.

Miceli (2001) esclarece:

“Se a celebração biográfica é uma maneira de reconstituir vidas exemplares num registro apoloético, dissimulando-se os mecanismos reais que regem as trajetórias sociais e intelectuais, os memorialistas, por sua vez, não escondem o jogo de que participam, pois sua própria situação os faz enxergar melhor os móveis da luta de cujas gratificações mais importantes se veem excluídos” (p. 20-1).

Tendo em vista a obscenidade a que Hernani de Irajá foi submetido - ou teria ele próprio se submetido a ela? -, a consequente proscricão de seu nome da História da Sexologia brasileira, e os inúmeros elogios de personagens diversas e de alguma forma pertencentes ao seu círculo social, busco compreender sua história de vida e também o conteúdo de suas obras a fim de preencher uma lacuna histórica, carente de informações a seu respeito. Neste sentido, Prost (2008) assinala que “a verdadeira lacuna é

constituída pelas questões ainda sem resposta para os historiadores” (p. 80), lembrando que este trabalho não encerra qualquer debate em torno da figura de Irajá, já que, corroborando a idéia de Prost (2008), “a escrita da história nunca estará encerrada” (p. 80). Ao contrário disto, a partir de um estudo biográfico de Irajá, outros pesquisadores estarão instrumentalizados para analisar e discutir questões diversas, seja sobre a História da Sexologia, a produção científica de Irajá e outros autores de sua época ou qualquer outro tema a fim.

E é Prost (2008) quem mostra a inserção da biografia enquanto recurso historiográfico para a compreensão de fenômenos sociais, culturais, econômicos, políticos e religiosos (p. 81). Rejeitada em um primeiro momento pelos integrantes da *Escola dos Annales*, a biografia torna compreensível, no caso de Irajá, a constituição do campo da Sexologia no Brasil a partir de sua inserção no meio acadêmico, sua influência e inserção entre os intelectuais do Rio de Janeiro e ainda os costumes sexuais e o preconceito em torno do tema sexo naquele período. *O Queijo e os Vermes* (2006), de Carlo Ginzburg, é um bom exemplo sobre a reconstrução historiográfica executada da cultura popular da Europa pré-industrial a partir do levantamento e análise de documentos inquisitoriais referentes a Menocchio, um moleiro cuja longa sentença chamou a atenção de Ginzburg e deu origem a esse precioso trabalho. O olhar mais atento e focado na figura de Irajá encontra, portanto, sua correspondência nos estudos em microhistória. Em discurso convergente com Ginzburg, Levi (1992) reconhece a microhistória como uma prática historiográfica que se baseia na redução da escala de observação (p. 136).

Geertz (2005) contribui significativamente para a leitura e compreensão da proposta deste trabalho. Seu trabalho sobre os diários de Malinowski fala sobre a abordagem etnográfica pela imersão total, que contempla não apenas a vida nativa, mas ainda a paisagem, o isolamento, a população européia local e ainda a lembrança de casa

e daquilo que se deixou. A questão crucial, no entanto, diz respeito ao “capricho das paixões do sujeito, a debilidade de sua constituição e as digressões de seu pensamento. (...) A questão é viver uma vida múltipla: navegar em vários mares ao mesmo tempo” (p. 104).

Neste mesmo trabalho, Geertz (2005) expõe sua preocupação sobre a idéia do objeto apequorado diante da expansão do sujeito da pesquisa. Fazendo referência à abordagem do eu-testemunho, Geertz fala da projeção de imagens antitéticas nos escritos etnográficos de Malinowski, fazendo com que ele pudesse ser visto como “o etnógrafo competente e experiente”, “o moderno explorador antropológico”, “o trabalhador de campo especializado” e o “cronista e porta voz de alguns milhares de ‘selvagens’ quase nus” (p. 106-107). Em outras palavras, Geertz salienta a necessidade dos pesquisadores de transitarem em diferentes espaços (e tempos), ora como um pesquisador rigoroso, desapaixonado e objetivo, ora como um personagem cuja sensibilidade lhe permita ver, falar, sentir e acreditar nas coisas tal qual um “selvagem”.

2. HERNANI DE IRAJÁ: UMA BIOGRAFIA

Nasci sob os signos conjugados de Virgo e Leo e Vênus é minha padroeira pagã. Sou um contemplativo absoluto na mais ampla acepção da palavra. Tenho as ternuras íntimas que nos silenciam sob a beleza das noites e dos astros. Aspiro o perfume das estrelas. E divago perpretando sonetos bilaqueanos ante o pátio misterioso da Via Láctea. E vivo! Como vivo? Assim como o apaixonado de Mimi. E, se canto, transbordo o lirismo que me invade perante tudo que é belo: a noite pontilhada de luas e de sois, o perfume das mulheres divinas, a música, o amor, a aventura! (Irajá, 1967, p. 163)

Entre os livros publicados por Hernani de Irajá, um é de memórias e três são romances autobiográficos e foram fundamentais para a construção de sua biografia. Assim, temos como fontes primárias deste trabalho *Adeus! Lapa* (1967) e os romances *Amores e Paixões* (1956a), *O Homem* (1959) e *Confissões de um Conquistador de Criadas* (1968). Três dicionários consultados – Martins (1978), Menezes (1978) e Coutinho e Sousa (2001) – trazem verbete sobre Irajá, auxiliando na confrontação de informações entre as fontes consultadas. O relato dos netos em conversa informal permitiu complementar aspectos de sua biografia e de seus familiares desconhecidos ou velados nas demais fontes pesquisadas. Green (2000), Russo e Carrara (2002), Paiva (2002), Oliveira (2003) e Flores (2007) contribuíram como fontes secundárias, tendo como mérito maior a discussão crítica sobre a História da Sexologia no Brasil.

O primeiro romance autobiográfico publicado foi *Amores e Paixões* (Irajá, 1956a), obra que contém número significativo de indícios sobre sua vida. Irajá escreve inspirado pela teoria psicanalítica, explicando de forma algo confusa, na introdução da obra, que seria possível encarar “o artista e o homem de ciência como o Super-Ego imperfeito – (o ideal) e o Id civilizado (!)– (a censura) na presente narrativa” (p. 10-11). Os protagonistas deste romance são dois irmãos gêmeos: Naro (pintor) e Jaer (médico).



Figura 4 - Capa dos livros *Amores e Paixões* (1956a), *O Homem* (1959), *Adeus! Lapa* (1967) e *Confissões de um Conquistador de Criadas* (1968).

O que se observa de fato é que Irajá atribui funções do ego aos seus personagens. Desta forma, Jaer é regido pelo princípio da realidade, enquanto Naro é regido pelo princípio do prazer. A compreensão destas funções torna-se mais clara quando se observa a construção dos personagens de Irajá. Ainda crianças, Jaer progredia rapidamente nos estudos, enquanto Naro “revelava pouco adiantamento”. Naro “era um dos primeiros nos jogos de recreio” e estava bem preparado na disciplina de Literatura (p. 24). Na ficha de apresentação dos personagens principais, outra diferença é percebida sem grande demora. Naro, o gêmeo pintor, mantém-se solteiro, sendo pai de três crianças (Vermelhão, Café e Tanit) com mulheres diferentes (Ofélia, Doralice e Helaira). Jaer, o gêmeo médico, casa-se com Ilma e juntos têm uma filha, Terezinha (p. 13).

Em uma discussão com Ilma, iniciada quando ela comparou os gêmeos afirmando que seu marido parecia quinze anos mais velho que o irmão, Jaer argumenta que “as ânsias, as responsabilidades da ciência, da medicina, as vigílias, os estudos e os constantes sobressaltos de uma vida como a que levo, conduzem mais cedo ao acabamento e à velhice” (p. 86). Ainda nessa discussão, Jaer considera que o irmão poderia ser melhor médico que ele, sobrevalorizando o fato de o irmão ser artista, pintor e poeta. Nas palavras de Jaer, Naro seria um eleito de Deus (p. 86).

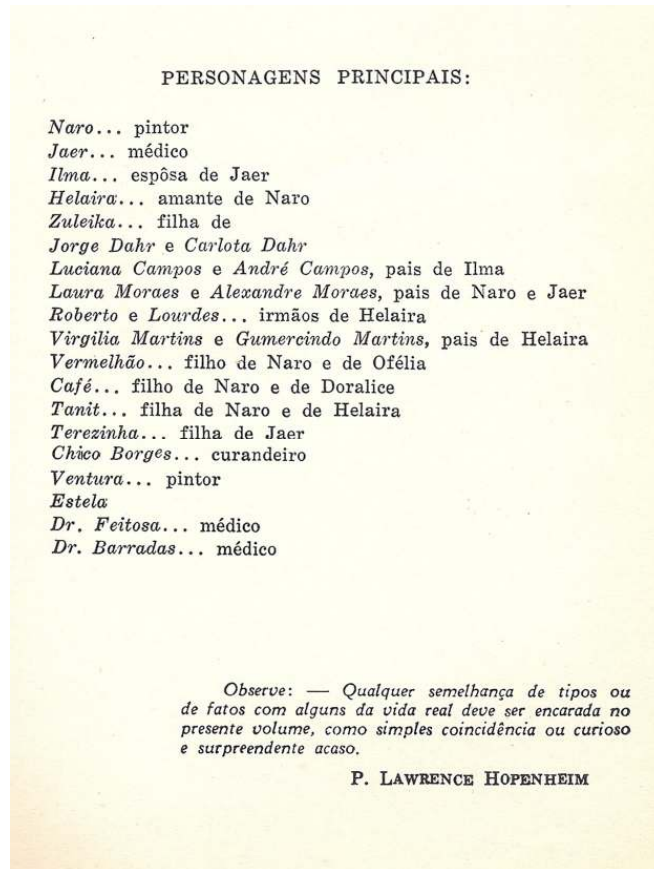


Figura 5 - Ficha de apresentação dos personagens do romance *Amores e Paixões* (Irajá, 1956a).

O recurso que Irajá emprega na obra *Amores e Paixões* (1956a), utilizando-se dos gêmeos Naro e Jaer enquanto representantes de suas pulsões, pode ser um indício do seu desejo de viver regido pelo princípio do prazer, tal qual seu personagem Naro, que se mostra aventureiro, boêmio e tem como ofício as artes. De fato, Naro e Jaer, cada qual com seus atributos, são uma síntese da individualidade de Irajá. É provável que esta obra atenda a uma finalidade específica: dar vazão aos conflitos éticos e morais a que Hernani de Irajá se sujeitava, seja pelo fato de seu casamento não ser convencional ou pintar nus e flertar com suas modelos, por exemplo.



Figura 6 - A questão do duplo está presente não só nos romances, mas em fotografias da família. No verso da primeira foto, Irajá aproveita-se da falha na revelação para falar de seu duplo. Na segunda, Irajá coloca-se de perfil, em frente a uma ilustração sua, fazendo uma menção menos explícita à questão do duplo.

Em um curto espaço de tempo, Irajá publicou outro romance autobiográfico, *O Homem* (1959). Neste romance, Irajá assume a identidade de Narto Pereira, estudante de Medicina que vive em Porto Alegre, filho do advogado Raimundo A. Pereira. Circunscrito ao final da década de 1910, o enredo gira em torno do romance de Narto com Ordália, uma jovem pianista por quem o médico se apaixona e de quem fica noivo, porém Ordália some inexplicavelmente. Seu sumiço serve como pretexto para que Irajá aborde assuntos de cunho religioso, como seu relacionamento com o Padre Landell de Moura, suas visitas aos terreiros de macumba, além da descrição de pessoas e lugares da Porto Alegre daquela época. Neste romance, Irajá dedica poucas páginas à vida acadêmica e, ao abordar o assunto, fala com certo desânimo dos colegas cujas expectativas iniciais em relação ao curso não foram atendidas ou ainda aqueles que preferiram cuidar da criação de gado da família.

Narto Pereira é descrito por Irajá como um homem atlético, que pratica vários esportes, como esgrima e halterofilismo. Movido por um espírito aventureiro, ele passeia pelo cenário de Porto Alegre, discutindo literatura com seus grupos de amigos,

envolvendo-se em brigas, frequentando os terreiros de macumba e procurando desvendar o sumiço de sua noiva Ordália. Em *O Homem* (1959), Narto reencontra Ordália e casa-se com ela, quando é sabido que Irajá muda-se com a família para o Rio de Janeiro solteiro. Essa informação indica que esta obra possui fatos ficcionais que exigem uma leitura cuidadosa para posterior compreensão da biografia de Irajá.

Das fontes pesquisadas para a produção da biografia de Irajá, *Adeus! Lapa* (1967) é a única obra em que o autor não recorre a personagens fictícios. Ele relata sua vida boêmia no Rio de Janeiro do início da década de 1920 em primeira pessoa. O autor questiona se *Adeus! Lapa* (1967) seria um livro de memórias e argumenta que “repassa vultos e acontecimentos de várias décadas do Rio de Janeiro” (p. 8), não sendo sua intenção respeitar a ordem cronológica dos fatos ou recorrer a jornais e revistas. Irajá demonstra uma preferência, em seus livros de memórias, por relatar minuciosamente eventos presenciados por ele.

Adeus! Lapa (1967) é composto por pequenos contos que abordam diferentes aspectos do bairro e seus frequentadores ou moradores. Carmen Miranda, Ary Barroso, Madame Satã, Joãozinho da Lapa, Henrique Pongetti, Procópio Ferreira, Neves-Manta e Antônio Austregésilo são alguns dos nomes que surgem na obra de Irajá. Pessoas que faziam parte do seu círculo social ou de quem Irajá presenciou algum fato pitoresco.

Ao invés de uma introdução, *Adeus! Lapa* (1967) traz uma espécie de advertência, na qual Irajá desaconselha a leitura de seu livro para menores de 19 anos. Em seguida, ele lista comportamentos da juventude da década de 1960, reprovados por ele e muitos deles associados ao uso de drogas. Segundo Irajá, sua obra fala de coisas mais consistentes, relatando fatos que marcaram época de gerações “que fizeram da boemia um pequeno mas extenso romance a se plantar na lembrança daqueles que ali passaram algumas horas alegres.” (Irajá, 1967, p. 7)

A Lapa era um “mostruário do mundo”, nas palavras de Irajá. O bairro boêmio carioca possuía não só os cabarés, *rendez-vous*, pensões, cafés e bares. Os bilhares, farmácias, engraxates, vendas, açougues e outros estabelecimentos comerciais faziam parte do bairro que respirava a boemia das noites cariocas. E sendo a Lapa este “mostruário do mundo”, Irajá parece ter enxergado nela a possibilidade de estabelecer contatos sociais significativos. Prova disso é seu trânsito entre grupos heterogêneos. Irajá dividia suas atenções ora com os jornalistas, ora com os pintores, ou ainda com os escritores e intelectuais que frequentavam a Lapa.

Confissões de um Conquistador de Criadas (1968) é um dos últimos romances escritos por Irajá. Sua primeira edição foi publicada pela Editora Record e em 1981 chegou à quinta edição, pela Editora Pallas.

Como em *Amores e Paixões* (1956a), esta obra traz um aviso informando que qualquer semelhança entre personagens e fatos relatados no livro e situações reais seria “mais do que simples coincidência”. Se em *Amores e Paixões* (1956a) Irajá utiliza-se de um desdobramento de sua personalidade a partir de dois irmãos gêmeos (o médico e jornalista, Jaer, e o pintor, Naro), em *Confissões de um Conquistador de Criadas* (1968) ele recorre à fusão de dados autobiográficos nos dois personagens principais do livro: o médico e o pintor, sendo este um suposto paciente seu.

O título bem-humorado do livro poderia revelar as pretensões de Irajá: escrever um romance autobiográfico em que ele utilizaria o personagem principal da obra para narrar suas aventuras sexuais. A introdução do romance já traz indícios das intenções de Irajá. Ele cita Medeiros e Albuquerque – “um dos mais notáveis homens do Brasil”, na sua opinião –, que teria deixado um memorial para ser publicado dez anos após sua morte. O memorial em questão chama-se *Quando eu era vivo* (1944). Nele, Medeiros e Albuquerque relata, no “Capítulo dos Amores”, as mais de quatrocentas francesas que ele teria conquistado. O fato teria ocorrido entre os anos de 1914 e 1917,

assinalando, segundo Irajá, a França em seus últimos momentos da *Belle Époque*. E se parte de nossos intelectuais já tinha alguma simpatia pela cultura francesa, pelos intelectuais e pelas *femmes de Paris*, o período da Primeira Guerra Mundial era particularmente propício para Medeiros e Albuquerque, já que, segundo Irajá (1968, p. 9-10), “havia 2 milhões de novas mulheres a mais nas estatísticas da guerra”. O editor tenta despistar os leitores sobre o caráter autobiográfico deste romance afirmando na orelha do livro que “se existem presumíveis, e parecendo claras, identificações, isso nada mais será do que simples coincidências”.

Irajá relata a história de um pintor que o teria procurado no consultório entregando-lhe suas “confissões”. O argumento utilizado por João Ubaldo Ribeiro em *A Casa dos Budas Ditosos* (1999) é muito semelhante ao desta obra. Em ambas, os narradores recebem do personagem principal escritos confessionais sobre suas aventuras sexuais, cabendo aos autores das respectivas obras apenas a tarefa de transcrever e aperfeiçoar o estilo e/ou escrita dos supostos personagens.

J. M. L., o personagem principal da obra de Irajá (1968) guarda diversas semelhanças com a história de vida do seu autor. Irajá o descreve como um pintor com talento também para outras artes. Nascido em São Sepé (RS), “com o raiar do século XX” (p. 16), ele se muda com a família para Porto Alegre e estuda no Ginásio Júlio de Castilhos (p. 19), escola na qual Irajá estudou. Anos mais tarde, matricula-se no curso de Engenharia, mas abandona a faculdade no segundo ano sob o argumento de que não tinha vocação para os números (p. 24). Tempos depois, muda-se para o Rio de Janeiro, estabelecendo-se inicialmente em uma pensão familiar (p. 99). O pintor, especialista em figura humana (nus), proclama nas suas confissões seu “amor pela plástica, por formas aproximadas do perfeito e do equilíbrio plástico” (p. 21).

O interesse de J. M. L. pelo nu artístico manifesta-se desde a infância, primeiro reproduzindo as telas que mais chamavam sua atenção. Aos 8 anos, o pintor

conquistava a confiança das “criadinhas” de sua residência para que elas lhes servissem de modelo vivo. A tática empregada com as “criadinhas” para desenhar seus nus era conquistar primeiro a confiança da moça para desenhar um braço, no outro dia uma perna, depois um decote um pouco mais ousado e assim por diante (p. 17).

A procura de J. M. L. por Irajá em seu consultório teria outro propósito mais importante que a simples entrega de suas confissões. O pintor estaria em busca de ajuda para compreender seus “sentidos exageradíssimos no que toca às mulheres” (p. 12), sendo ele capaz de, “instintivamente”, despir as mulheres com os olhos. Tal “capacidade” deixaria constrangida qualquer mulher que se aproximasse do pintor. O fato de ser pintor servia-lhe como um bom pretexto para aproximar-se das mulheres de seu interesse. Sua predileção, porém, era pelas criadas, presença constante na vida do pintor desde a mais tenra idade. A respeito desta predileção, afirma ele:

Correspondiam as empregadinhas de minha casa e as das casas vizinhas a todas as manifestações de simpatia de meus impulsos e, prazerosas, muitas vezes eram as primeiras a excitarem-me, tentadas pela exuberância com que me viam dotado. (Irajá, 1968, p. 29)

Apesar da preferência pelas serviçais domésticas, o pintor tinha interesse também por garçonetes, indicadoras de cinema, encarregadas de vestiários, cabeleireiras, modistas, costureiras, manicures, massagistas, chapeleiras e balconistas. Esta preferência estendia-se ainda às jovens bailarinas, cantoras e, principalmente, pianistas. Mas nem toda mulher atraía o pintor: deputadas (ou políticas), juízas, chefas de seções (funções públicas), parteiras, cobradoras, *chauffeuses*, tabagistas inveteradas, toxicômanas, além de médicas, engenheiras, mulheres do chamado Exército da Salvação e enfermeiras não eram do seu interesse (p. 25). O pintor utiliza-se de uma proporção sobre as mulheres com que se relacionou. Segundo ele, a proporção seria de 20 criadas para sete jovens de outras profissões ou atividades.

O pintor utiliza-se ainda de diversas estatísticas sobre suas conquistas amorosas ao longo de mais de 20 anos. Foram, então, 130 “Marias” conquistadas. Quanto à nacionalidade, diz ele que as brasileiras são em maior quantidade. 1076 brasileiras, 26 francesas, além de sírias, turcas, mexicanas, inglesas e, na conta do pintor, até duas ciganas foram incluídas. As loiras foram maioria entre suas conquistas amorosas, 551 no total. Cinicamente, o pintor afirma que “entre 18 incompletos e 24 anos houve maior facilidade para amarem” (Irajá, 1968, p. 121). A idade das mulheres com quem o pintor teria se relacionado variava de 12 a 40 anos. O último dado estatístico apresentado por ele diz respeito ao estado civil dessas mulheres. Ao todo foram 684 solteiras, 312 casadas, 83 noivas, 52 viúvas, sem contar as amancebadas, encostadas ou desquitadas. As estatísticas realizadas pelo pintor, apresentadas aqui apenas parcialmente, levam a um mesmo total de mulheres conquistadas: 1201 “damas, senhoras de suas vontades, de suas ações e de seus perfeitíssimos corpos” (p. 122).

A história do artista sedutor termina com o relato de Irajá informando que seu paciente teria viajado para a Europa e a cada país visitado ele teria escrito para o médico contando suas aventuras amorosas.

Se esta biografia pretende lançar luz sobre Hernani de Irajá, outros aspectos ganham destaque na sua história, como o desdobramento de alguns de seus talentos (médico e pintor) projetados nos personagens de seus livros, como os irmãos gêmeos Naro e Jaer de *Amores e Paixões* (1956a) ou ainda J. M. L., o paciente pintor de *Confissões de um Conquistador de Criadas* (1968). Como mostra a epígrafe usada neste capítulo, Irajá era um homem fascinado pelo belo. Tal fascínio manifestava-se em diversos setores da sua vida: enquanto pintor retratava o belo, enquanto médico e cientista zelava e estudava a beleza física e enquanto homem seduzia mulheres cuja beleza lhe atraía. Irajá parecia sentir necessidade de correr riscos, de aventurar-se ou, como relata ele mesmo em *Amores e Paixões* (1956a) sobre o gêmeo pintor Naro, “teria

ele um ardor pela aventura, transformando os fatos mais sérios da vida em lances esportivos” (Irajá, 1956a, p. 297).

E era dono de uma individualidade ímpar. Não se rendeu ao movimento modernista, criticando a ausência de técnica nas pinturas, por exemplo. Defendia vigorosamente a exibição de seus nus nos salões de arte da época, contrariando quem os julgasse imorais ou indecentes. E reproduzia nos livros sobre sexualidade humana pinturas e ilustrações de mulheres nuas. Irajá era ainda muito bem relacionado socialmente. É possível que tenha integrado a elite carioca de seu tempo, promovendo festas, participando e fundando associações destinadas à promoção das artes e tenha tido contato com intelectuais, artistas, boêmios e prostitutas do Rio de Janeiro.

2.1. Do infante Hernani ao Dr. Irajá

Hernani de Irajá Pereira nasceu em setembro de 1894¹⁸ na cidade de Santa Maria da Boca do Monte (RS), hoje apenas Santa Maria.

Filho de Raimundo Alexandre Pereira e Brazilina de Moraes Pereira, Hernani era irmão de Helena de Irajá, poetisa, cronista, contista e tradutora. E é justamente Helena de Irajá quem traz algumas pistas sobre a educação que Hernani e ela receberam dos pais.

No livro *Cristais ao Sol* (1958), Helena de Irajá dedica um poema ao pai, informando nele que o Dr. Raimundo Alexandre Pereira escreveu um livro de versos intitulado *Espessuras*¹⁹ (p. 15). Esse livro é dedicado à memória da mãe, Dona Brazilina de Moraes Pereira, também autora de um livro de poesias, intitulado *Contas do Meu*

¹⁸ Coutinho e Sousa (2001) afirmam que Hernani teria nascido em 1907, porém esta data é incompatível com as informações sobre sua tese de doutoramento. O website da Faculdade de Medicina de Porto Alegre (<http://www.famed.ufrgs.br/formados-medicina.php>) informa que Irajá formou-se em Medicina em 1917, sendo que a publicação de sua tese ocorreu no ano seguinte, conforme website do Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul (http://www.muhm.org.br/index.php?formulario=sys_bio_bibliografias_notas&submenu=4&metodo=0&id=212).

¹⁹ Não foram localizadas outras informações a respeito desta obra até o presente momento.

*Rosário*²⁰, sendo que Helena de Irajá dedicou ainda o poema “Santa” à sua mãe (p. 39). No poema intitulado “Oração” (p. 100), a autora esclarece que sua mãe pode ter exercido alguma atividade relacionada a crianças doentes e o pai formou-se em Direito:

Negrinho do Pastoreio...
 que dê a Mamãe e o Papai?
 Deus que levou? Onde é que 'stão?
 Tu “botou” Mamãe juntinho da Nossa Senhora dos Navegantes?
 Ou é Ela mesma a Nossa Senhora,
 brilhando nas “água” do Guaíba,
 empurrando, bem de mansinho,
 a Barca dos seus meninos
 tão impacientes, tão doentinhos,
 que só, só, só Ela
 sabia e podia consolar?

E Papai?
 Abriu o Código dos Santos Doutores
 E escreveu com a pena da Verdade,
 Do Direito
 E, sobretudo, aí, *sobretudo da Justiça*,
 O Parágrafo *Bom*, o parágrafo Único,
 Não revogando *nunca* as disposições *em contrário!*

A lembrança mais antiga de Irajá sobre a infância em Santa Maria, relatada por ele em *Amores e Paixões* (1956a, p. 17), seria da casa onde nasceu e que possuiria dois leões de pedra enfeitando o portão de entrada, além das ruas do Acampamento e do Comércio com lojas iluminadas e vitrines atraentes. As mudanças de cidade foram uma constante durante a infância de Hernani. A primeira mudança da família foi para São Sebastião do Caí. Do período em que permaneceu na cidade, Hernani rememora as visitas à igreja, as “pandorgas” que soltava com os filhos do seu Albino nas tardes de domingo e ainda as noites calmas de beira-rio em que ouvia sua mãe ao piano tocando “Mal du Pays”, “Sobre as Ondas”, “Edelweis” ou ainda “Ondas do Danúbio” (p. 17). Ainda criança, Hernani de Irajá e sua família mudam-se novamente de cidade. Desta vez o destino é São Leopoldo²¹. Morando perto da estação de trem, Hernani lembra-se do apito triste do trem que assinalava um adeus. À noite, ele observava as moças que

²⁰ Não foram localizadas outras informações a respeito desta obra até o presente momento.

²¹ A obra *O Homem* (Irajá, 1959, p. 90) tem uma pequena referência a esta cidade, quando Narto relembra as grandes árvores de Natal que havia na cidade, mais um indício de que Irajá morou nesta cidade.

costumavam passear pelas calçadas, esforçando-se depois para lembrar as características de cada uma delas. Ainda em São Leopoldo, a família muda-se novamente, mas desta vez estabelecem-se na rua principal da cidade. Foi neste local que o Dr. Raimundo teria recebido os primeiros constituintes, vindos a cavalo do interior do Estado (p. 18). Nessa mesma época, Hernani de Irajá teria namorado uma menina bem mais velha que ele. Contudo, demonstrava alguma atração por outra menina da cidade. Hernani teria se “livrado” da confusão com as duas meninas com a mudança de uma delas para o Rio de Janeiro. A exposição desse episódio pode ser um indício das aventuras amorosas em que Irajá se envolveria anos mais tarde, durante sua vida adulta.

E a família Irajá muda-se mais uma vez de cidade. Acabam fixando residência em Porto Alegre (p. 19). O pai monta banca de advocacia na Rua da Ladeira, na época constituída principalmente de cartórios e escritórios (p. 20). Plínio Casado seria sócio do Dr. Raimundo, sendo que as causas criminais ficariam sob os cuidados do Dr. Plínio e as causas cíveis e comerciais sob responsabilidade do Dr. Raimundo, mesmo porque ele seria, segundo Narto, o maior especialista do estado (Irajá, 1959, p. 156, 234).

“Seu” Müller, um professor austríaco de piano e vizinho da família, ficou responsável pelas aulas de música²². As aulas eram reforçadas pela mãe, que possuía álbuns de música que eram repassados ao piano a fim de aperfeiçoar algumas peças do seu repertório (1959, p. 99). Por conta dos estudos para os exames preparatórios que estavam para acontecer, Irajá abandonou as aulas de piano e violino.

Mantendo o hábito de pintar quadros, adquirido no internato no colégio de freiras, e sendo estes muito apreciados pelos amigos da família, a mãe de Hernani incentiva-o a ter aulas particulares de pintura. John Riedel, um pintor alemão, seria o responsável por desenvolver os conhecimentos de Hernani na pintura (1956a, p. 20-21).

²² A figura do “Seu” Müller aparece também no romance *O Homem* (Irajá, 1959, p. 99).

Apesar de possuir uma rotina de estudos intensa, em que passava as tardes repetindo pronúncias e corrigindo frases e palavras, Hernani gostava de “vadiar”. Durante suas gazetas, ele gostava de ficar observando os seminaristas – jocosamente chamados de formigões – saírem em fila com as batinas esvoaçantes ou ainda visitar o Museu Júlio de Castilhos para observar as coleções de pássaros e borboletas e eventualmente ser presenteado pelos funcionários com algum exemplar empalhado em duplicata. Nesta época, Irajá já ensaiava alguns desenhos e caricaturas que, por vezes, eram usados como um passatempo que teria a serventia de ridicularizar alguns dos seus professores, como o foi o caso da Dona Amélia, cuja caricatura rendeu-lhe o castigo de escrever duzentas vezes no caderno: “Não se deve faltar com o respeito aos professores”. Por volta dos 12 anos, Hernani pode ter sido transferido de colégio, indo estudar no Ateneu Brasileiro. A família planejava mudar-se para o Rio de Janeiro quando Hernani completou 13 anos, porém a viagem gorou (Irajá, 1956a, p. 23).

Hernani é retirado do Ateneu aos 14 anos. Seu pai julga mais conveniente que o filho estude os “preparatórios” em curso particular. O Dr. Raimundo vislumbrava para Hernani a carreira de engenheiro ou médico. Sendo ele advogado e tendo que lidar com as “tricas e chicanas” presentes no foro, Dr. Raimundo acaba por considerar que as melhores carreiras profissionais para o jovem Hernani seriam a Engenharia, dado seu talento para o desenho, ou ainda a Medicina, profissão para a qual estaria “talhado”. Na sua visão, ambas as profissões trariam êxito financeiro e independência para Hernani (Irajá, 1956a, p. 26).

Ildelfonso Gomes, Ignácio Montanha, Emílio Meyer e os Maristas do irmão Weibert foram alguns dos cursos e professores particulares que auxiliaram Hernani nos estudos preparatórios. A troca de professores e cursos é grande e com justificativas diversas. Ora Hernani não apresentava frequência nas aulas, ora a casa de determinado professor era velha e cheirava a morcego, ou ainda as “mulheres à toa” e brigas com

professores atrapalhavam a continuidade dos estudos (Irajá, 1956a, p. 27). Outros professores foram solicitados pela família para aulas particulares. Entre eles, Oswaldo Vergara teria ensinado Português e Caligrafia²³, Krausseck teria sido o responsável pelas aulas de Matemática e História Universal, enquanto Dona Dorothéa Alritz teria ensinado Alemão, e Zago o Latim (Irajá, 1956a, p. 28).

O esforço de Hernani para os exames preparatórios e o estímulo da família com viagens para o Rio de Janeiro e Europa deram um impulso aos seus estudos. É possível que Hernani tenha obtido boas notas durante os exames, porém havia a necessidade de um bom professor de Matemática. A família recorreu, então, ao professor Henrique Pereira Netto, que lecionava no Ginásio Júlio de Castilhos (Irajá, 1956a, p. 28).

A narrativa de Irajá sobre a educação de Naro e Jaer no romance *Amores e Paixões* (1956a) deixa clara a preocupação dos pais não apenas de prover aos filhos condições de se estabelecerem profissionalmente como médico ou engenheiro, mas ainda de ter uma educação primorosa, com aulas de música, pintura e línguas estrangeiras. O fato de o pai dos gêmeos ser considerado o maior especialista do estado na sua área demonstra sua ascensão profissional e econômica, podendo incentivar os filhos com viagens pelo Rio de Janeiro e Europa.

Hernani ingressa no curso da Escola de Engenharia (Martins, 1978), porém sua dificuldade com os números o faz abandonar o curso (Irajá, 1968) e escolher a Faculdade Livre de Medicina e Farmácia de Porto Alegre. No período em que se dedicou aos estudos superiores, Hernani colaborou para alguns jornais de pouca tiragem do Rio Grande do Sul, entre eles, *O Exemplo*, *O Ecrínio* e *O Independente*. Seria durante este período que Hernani estrearia na condição de crítico e jornalista. Hernani (1956a, p. 30) afirma que Décio Villares teria ido ao Sul para verificar o acabamento do

²³ Em *O Homem* (Irajá, 1959, p. 202), Oswaldo Vergara é citado também como professor de Português e Caligrafia de Narto.

seu monumento a Júlio de Castilhos e procurou Hernani por saber da sua dedicação à arte e julgá-lo capaz de publicar uma boa crítica no *Róseo*, que mais tarde mudou seu nome para *Correio do Povo*. O que se sabe sobre os jornais para os quais Hernani de Irajá colaborou é que *O Escriínio* foi fundado em Bagé (RS) por Andradina de Oliveira, professora, contista, biógrafa e teatróloga que escrevia artigos de combate em defesa da mulher (Martins (1978, p. 401). *O Exemplo*, por sua vez, era uma publicação organizada por negros, que se antecipou à imprensa negra paulista²⁴. *O Independente* fazia uma crítica ácida e preconceituosa a regiões onde vivia a população mais pobre de Porto Alegre, estigmatizando-a como área perigosa e propícia à proliferação de doenças e maus hábitos²⁵.

Após sua estreia no *Correio do Povo*, Hernani foi solicitado como caricaturista para a *Revista Kodak*, uma publicação cuja temática dividia-se entre cultura, variedades e entretenimento, noticiando a vida social e cultural da capital e das principais cidades gaúchas: Pelotas, Rio Grande, Bagé, Santa Maria²⁶. Sua colaboração para a revista estendeu-se em pouco tempo para seções de “mundanidades” e depois crítica de arte.

A participação de Hernani nos jornais e revistas rendeu convites para as festas da elite gaúcha, porém ele se frustrou por trabalhar sem receber remuneração financeira. No caso da *Revista Kodak*, era ele quem dava todo o suporte para a parte artística da revista (Irajá, 1956a, p. 31). Irajá afirma que Astir e Hip (pseudônimos atribuídos a ele, segundo Coutinho e Sousa, 2001) colaboraram como caricaturistas para outros semanários, a exemplo de *O Maneca*. Outros colaboradores do periódico seriam o poeta Hermínio de Freitas e Hugo Barreto (Irajá, 1959).

²⁴ Informação obtida em <http://oliveirasilveira.blogspot.com/2006/12/palavra-de-negro.html>.

²⁵ Informação obtida em <http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=163>.

²⁶ Informações obtidas em <http://conselhoix.blogspot.com/2008/06/gripe-espanhola-o-vrus-que-matou.html>.

Apesar das poucas páginas dedicadas à vida acadêmica, Irajá mostra-se um bom observador. Passados cerca de 40 anos de sua formação, ele relembra um a um os colegas da Faculdade de Medicina e características que lhes eram mais peculiares. Irajá era mais próximo de dois colegas de turma – Crispim Raimundo de Souza e Manoel Luiz de T. O. Bordini – que, como ele, eram “fazedores de força, meio boêmios, mais ligados ao esporte, louquinhos pelas provas de campo e levantamento de halteres” (Irajá, 1959, p. 394-395).

Entre seus colegas de turma, Hernani afirma que alguns morreram de febre tifoide. A Primeira Guerra Mundial também colaborou com algumas baixas em sua turma, fazendo com que outros de seus colegas fugissem para o Rio de Janeiro ou para a Europa. Outros de seus colegas trocaram o curso de Medicina pelo Direito. Ao todo foram 29 os alunos que colaram grau naquele ano no curso de Medicina.

Observando os acontecimentos da Primeira Guerra Mundial, Hernani sente uma “tristeza palpável” pelas ruas de Porto Alegre. “As caras eram fechadas. Os alemães, os teutos, os germanófilos apresentavam-se superiores, sorridentes numa euforia impertinente e multiforme” (Irajá, 1959, p. 101). Havia um clima de inquietação, uma ânsia da população por notícias sobre a guerra. Os jornais renovavam seus boletins várias vezes ao dia. Muitas pessoas aguardavam estas notícias angustiadas e preocupadas com parentes residentes em regiões consideradas de risco.

Irajá conclui o curso de Medicina em 1917 e no ano seguinte sua tese, *Psychoses do Amôr*, é publicada.

A tão aguardada mudança da família Irajá para o Rio de Janeiro finalmente acontece. Em *Amores e Paixões* (1956a, p. 32), Irajá refere-se à mudança da família para a Capital no final de junho de 1923²⁷, chegando à cidade pelo Cais Faroux. Dona

²⁷ Apesar dos relatos sempre ricos em detalhes, Irajá não demonstra muita precisão quanto ao ano dos fatos ocorridos. Em *Adeus! Lapa* (1967), ele faz menção a episódios dos quais ele teria participado entre os anos de 1922 e 1923. É mais prudente, portanto, acreditarmos que a família mudou-se para o Rio de

Brazilina estaria feliz em rever a cidade, entretanto Irajá frustrou-se com a expectativa de encontrar uma cidade “incontestavelmente bela”.

2.2 A vida no Rio de Janeiro

Chegando ao Rio de Janeiro, a família Irajá ficou hospedada na casa de parentes que residiam na Rua Conde de Bonfim. Posteriormente, a família mudou-se e passou a morar em pensões familiares (IRAJÁ, 1956a, p. 32-33). O “moço do Sul de boa aparência e artista” acabou se tornando o centro das atenções. Seus quadros, segundo ele, ficavam expostos em local central da pensão, atraindo visitantes, jornalistas e compradores (IRAJÁ, 1968, p. 99).

Durante sua permanência em uma dessas pensões, Irajá se envolveu com a dona da hospedaria (IRAJÁ, 1956a, 1968), uma jovem viúva proveniente de algum estado nordestino que lhe enchia de regalias e, à noite, “penetrava na sua perfumada alcova em busca de atritos que não eram de briga, nem rixas, apenas a degustação de saibos dulçorosos de bocas ardendo com felinos desejos” (IRAJÁ, 1968, p. 99). Movido possivelmente pelo seu espírito aventureiro, Irajá procurava esquivar-se da vigilância da dona da pensão para seduzir as “mulatinhas cheirosas” ou as “galeguinhas cariocas” que lá trabalhavam (IRAJÁ, 1968, p. 100). Hernani, todavia, não se contentava apenas com as empregadas da pensão. Algumas das hóspedes, embora casadas, eram também alvo de suas conquistas amorosas. Uma delas é descrita por ele (1968, p. 106) como forte, atlética, esportiva e um pouco queimada pelo sol. Irajá estava deslumbrado com sua beleza que, segundo ele, fazia-o lembrar a ex-miss alemã Marlene Schmidt. Aproveitando-se da ausência do marido em viagem e dos momentos de maior

Janeiro entre 1917, ano em que Irajá concluiu seu curso de Medicina, e 1922, primeiros registros de Irajá no Rio de Janeiro (Irajá, 1967, p. 143).

tranquilidade na pensão, o jovem planejava detalhadamente formas de se aproximar e conquistar as mulheres que lhe chamavam a atenção.

Pouco tempo após a mudança da família para a cidade do Rio de Janeiro, o Dr. Raimundo Pereira sofreu uma congestão cerebral e faleceu. O evento teve um impacto sobre os ensinamentos que Irajá recebeu durante o curso de Medicina, fazendo com que o jovem médico se sentisse impotente diante da morte do pai (IRAJÁ, 1956a, p. 33).



Figura 7 - Irajá com a farda do exército acompanhado de um amigo oficial, Nico.

Em 1924, Irajá passou a ocupar o posto de Primeiro Tenente do Forte de Copacabana, sob o comando do Capitão Antônio Fernandes Dantas. Tinha, então, se mudado para o Catete e à noite se juntava a outros oficiais para ir aos bailes promovidos pelas pensões familiares das imediações (IRAJÁ, 1967, p. 115).

Os primeiros anos morando no Rio parecem ter sido marcados pela necessidade que Irajá tinha de se estabelecer profissionalmente e pela escassez de recursos financeiros que foram consumidos ao longo dos anos, após o falecimento do pai. Em seus primeiros anos no Rio de Janeiro, Hernani se ocupa com uma série de trabalhos. Neste período, ele teria se dedicado à pintura, aproveitando o espaço de seu atelier para dar aulas. Também se inscreveu em um concurso para docente de faculdade (IRAJÁ, 1956a, p. 33). Já o trabalho no Corpo de Saúde do Exército durou pouco tempo. Irajá tinha aspirações maiores e o pouco movimento na enfermaria militar, com casos “fraquíssimos”, não exigiam muitas habilidades profissionais (IRAJÁ, 1956a, p. 49).

Irajá abriu consultório depois de obter o registro de seu diploma da Saúde Pública. Porém, passaram-se dois meses sem que ele recebesse um chamado sequer, tendo resolvido buscar outra atividade remunerada. Quando retornou ao bairro de Botafogo, deparou-se com uma aglomeração em torno do corpo de uma jovem meretriz loira, assassinada em plena luz do dia. Na ocasião, Irajá reencontrou Adolfo Alencastro Guimarães, jornalista e redator do jornal *A Pátria*. O episódio foi relatado por Irajá em *Adeus! Lapa* (1967, p. 80-81) e em *Amores e Paixões* (1956a, p. 34-35). Tal encontro entre os amigos conterrâneos rendeu a Irajá uma reportagem rica em “dados anatômicos e circunstanciais”, agradando ao secretário do jornal e fazendo com que Bezerra de Freitas o deixasse encarregado de uma seção policial (IRAJÁ, 1956a, p. 34-35).

A partir dali, Irajá dedicou-se ao jornalismo no Rio de Janeiro, atividade que exerceu por pelo menos duas décadas. Além das revistas *A Noite*, *Revista da Semana* e

Fon Fon (MARTINS, 1978, p. 278), Irajá afirma que em 1946 escreveu artigos, ensaios e críticas para a revista *Vamos Ler!*, além de charges e caricaturas sob o pseudônimo “Guerra à Pixe” (1967, p. 35).

As atividades de jornalista são atribuídas a Jaer no romance *Amores e Paixões* (1956a). Em certo momento, afirma Hernani: “Estava Jaer lançado no enganador jornalismo, esse visgo que prende e vicia com poucas vantagens, desde que não se trate de secretário, gerente ou diretor da folha” (IRAJÁ, 1956a, p. 35).

As despesas da família começaram a se avultar, e então ficou decidido que Brazilina iria morar com uma irmã no *Boulevard 28* de Setembro, enquanto Irajá moraria em uma casa da Rua do Catete que alugava quartos (IRAJÁ, 1956a, p. 36-37). Ele passou a trabalhar no internato de doenças internas do Hospital de Misericórdia e começou a obter algum êxito com suas pinturas. Seu primeiro quadro enviado ao Salão, a paisagem *Campanha ao Luar*, ganhou uma menção honrosa - ou “menção horrorosa”, como ele ironicamente se refere ao fato -, nas palavras de Guttman Bicho (IRAJÁ, 1956a, p. 37).

No Hospital de Misericórdia, Irajá fundou uma sociedade de internos e lança *O Escalpe*, jornal bimestral cujos anúncios viabilizaram sua estreia como autor de livros no Rio de Janeiro (IRAJÁ, 1956a, p.38).

Irajá obteve êxito em um concurso e tornou-se assistente de Psiquiatria, passando a atender alguns chamados. No mesmo período, Brazilina foi trabalhar no serviço dos Correios e Telégrafos, indicada para esta atividade por um coronel reformado que a admirava desde os tempos em que era solteira (IRAJÁ, 1956a, p. 40-41).

Entre os livros publicados por Irajá na década de 1920, constam *O Esfôrço para a Beleza* (1923), *Landru no Inferno* (1923), *Cenestopathias* (1924), *Neurasthenia e Melancolia* (1924), *O Ciúme* (1924), *Loucos* (1926), *Delacroix e Gericault* (1927) e,

por fim, *Artista* (1928). Apesar de não haver muitas informações sobre estes livros, os títulos das obras deixam claro o interesse do autor por temas relacionados às artes, à beleza estética, à Psiquiatria e à Psicologia e que se repetiriam em publicações posteriores.

Irajá monta atelier no Flamengo e abre consultório como médico psiquiatra na Cinelândia. A especialidade em Psiquiatria era-lhe, porém, ingrata. Passavam-se os dias sem que algum paciente o procurasse no seu consultório. Sua mãe pode ter sido pedida em casamento por um militar reformado (IRAJÁ, 1956a, p. 47). A estagnação do seu consultório fazia Irajá enxergar as instituições de saúde de um modo geral com certa antipatia e rancor, considerando a concorrência de tais instituições como “quase invencível” (IRAJÁ, 1956a, p. 48). Aos poucos, porém, Irajá parece começar a ter algum êxito tanto com a pintura como com a clínica, deixando-o em uma situação financeira um pouco mais confortável.

Irajá teria conhecido Flora Simões, segundo análise das fotos da família, em 1928. Flora pertencia a uma tradicional família de fazendeiros do café, residente no bairro de Perdizes, em São Paulo. Antes do casamento, o casal troca fotos e possivelmente correspondências e, em dezembro de 1928, fazem um passeio pelas cidades de Cubatão, Osasco, Santos e São Paulo, também registradas em fotos.



Figura 8 - As datas nas fotos indicam que estas foram as primeiras fotos trocadas entre Hernani de Irajá e Flora Simões.



Figura 9 - O casal Irajá e Flora, em passeio pelas cidades de Cubatão, Osasco, Santos e São Paulo, em dezembro de 1928.

Hernani de Irajá casou-se com Flora Simões possivelmente em setembro de 1930, no Rio de Janeiro. O casal mudou-se para a Rua Sebastião Lacerda, 31, bairro de Laranjeiras, no Rio de Janeiro.



Figura 10 – Foto de casamento de Hernani de Irajá e Flora Simões, datada de 10 de setembro de 1930, Rio de Janeiro.

A década de 1930 foi marcada por acontecimentos de grande importância tanto no âmbito pessoal como profissional. Além do casamento, Hernani e Flora participaram de um evento singular: ambos expuseram quadros na XXXVIII Exposição Geral de Bellas Artes, também conhecida como Salão de 1931 ou Salão Revolucionário²⁸. Hernani exibiu os quadros *No Camarim*, *Camaquam*, *Morena*, *Anna* e *Altiva*. Flora Simões de Irajá, incentivada pelo marido que a ensinou a pintar, expôs o quadro *Natureza Morta*.

Organizado pelo arquiteto Lúcio Costa, diretor da Escola Nacional de Belas Artes neste período, o Salão Revolucionário recebeu, além dos artistas com pinturas

²⁸ As informações sobre o Salão de 1931 foram obtidas no website do Museu de Arte Contemporânea de São Paulo e estão disponíveis em <http://www.macvirtual.usp.br/mac/templates/projetos/seculox/modulo2/modernidade/eixo/salaorev/artistas.html> e <http://www.macvirtual.usp.br/mac/templates/projetos/seculox/modulo2/modernismo/geracao/index.htm> da Casa de Lúcio Costa (<http://www.jobim.org/lucioxmlui/handle/123456789/3949?show=full>) e também da Enciclopédia Itaú Cultural de artes Visuais: http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia_IC/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=3838

tradicionais, a produção da primeira e da segunda geração de pintores modernistas: Annita Malfatti, Antônio Gomide, Cícero Dias, Ismael Nery, Tarsila do Amaral, Victor Brecheret. Além deles, outros nomes da pintura brasileira apresentaram algumas de suas obras no Salão Revolucionário, como Cândido Portinari, Di Cavalcanti, Guignard e Lazar Segall. Esses pintores, afinados com o projeto da Semana de Arte Moderna organizada por Mário de Andrade em 1922, buscavam valorizar elementos da cultura tradicional por meio de uma linguagem vanguardista, consonante com os valores estéticos dos centros europeus e, mais especificamente, de Paris. O Salão de 1931 permitiu à primeira geração de pintores modernistas apresentar suas obras antes ignoradas pelo circuito oficial. À segunda geração, a exposição permitiu vislumbrar a configuração de artistas modernistas e ainda a divulgação de suas obras.

Alguns nomes presentes no Salão de 1931 irão posteriormente ilustrar as obras de Hernani de Irajá, como é o caso de *Feitiços e Crendices* (1932) em que constam os nomes de Mário de Murtas, Henrique Cavalleiro e Porciúncula de Moraes. Outro nome presente nas obras de Hernani de Irajá é Di Cavalcanti, com ilustração na capa do romance *Amores e Paixões* (1956a).

Em 1932, nasceu Inara Simões de Irajá, única filha do casal. Como veremos mais adiante, Irajá pouco fala de sua família nos seus romances autobiográficos ou livros de memórias explorados nesta pesquisa.

Flora D'Avino diz que, por volta de 1936, Irajá começou a ter dificuldades para se manter em pé. O motivo para tal dificuldade, ainda segundo a neta, deveria ser alguma questão nervosa, pois Irajá conseguia mexer a perna, mas não tinha controle dos movimentos²⁹.

²⁹ Não foram localizadas quaisquer informações nos romances de Irajá sobre este fato, fazendo-nos crer que era um assunto incômodo para Irajá e velado por ele. As fotos da família Irajá comprovam o uso de bengalas e cadeiras de rodas que o auxiliassem na sua locomoção.

Em 1938, Irajá publicou *Sexo e Beleza*. Outras obras de Irajá podem ter sido publicadas entre meados da década de 1930 até meados da década de 1940, a saber: *Crítica: Arte literária* (s/d), *Dentro do Mistério* (s/d) e *Histórias e Lendas* (s/d).

Irajá, segundo Russo e Carrara (2002), teria sido preso na década de 1940 pelo delegado Frota Aguiar, da Delegacia de Costumes. O motivo de sua prisão seriam as orgias que ele supostamente promovia em seu consultório. Pairariam ainda acusações de “ambivalência sexual”, incesto e “taras sexuais”. Em consulta ao Arquivo Nacional, responsável pelos arquivos referentes à Delegacia de Costumes e Diversões, obteve-se resposta negativa quanto à presença do nome de Hernani de Irajá nos documentos. Pode-se, a partir disso, questionar se algum registro pertencente à Delegacia de Costumes foi extraviado, por motivos diversos, ou então questionar o informante de Russo e Carrara (2002) sobre eventuais equívocos ou presunções do seu testemunho. Os netos de Irajá acreditam que o avô pode realmente ter sido preso, porém o motivo seria a sedução de uma garota menor de idade. Irajá, conforme o relato dos netos, teria sido solto graças à interferência do coronel com quem Flora se relacionava.

Ao contrário dos primeiros anos, quando Irajá dedicava-se à Medicina em consultório particular, ele passou a ter seu consultório cheio. Dois fatos confirmam a veracidade desse fato. O primeiro é relatado pelo próprio Irajá, novamente no romance *Amores e Paixões* (1956a). Ele relata que a sala de espera de Jaer estava repleta e, conforme observação de sua interlocutora, na proporção de dez mulheres para três homens. Jaer argumenta que tal proporção devia-se à sua especialidade, “ginecólogo, aperfeiçoador de plástica e também um pouco neurologista” (Irajá, 1956a, p. 66). Sobre seu atendimento clínico, uma crítica publicada em seus livros traz informações que avivam o período em que Irajá dedicava-se ao consultório médico:

Hernani de Irajá vive sempre atarefado. Seu consultório é um dos mais movimentados do Rio. Os clientes ali não lhe dão tréguas. Uma multidão, por

vezes, espalha-se pelas salas, corredores e saguão... e a todos atende aquele homem alto, simpático, cortês, metido num enorme avental, despachando os retardatários, receitando, fazendo curativos ligeiros, mostrando a seus auxiliares como proceder em casos esquisitos, e assim desdobra-se aquele homem que se assina Hernani de Irajá nos receituários, nos frontispícios dos seus livros, nos seus quadros de arte, nos seus trabalhos técnicos e artigos de revista. (PACHECO apud IRAJÁ, 1956b, p. 239)

Tanto nos livros dedicados aos estudos em sexualidade como nos romances, Irajá demonstrava ser um médico astuto. Em *Amores e Paixões* (1956a), ele relata a consulta de um paciente de 53 anos que teria “perdido a cabeça” e resolve procurar Jaer. O paciente diz que “fez mal” a uma mocinha que trabalha em uma oficina de costuras em frente à sua casa e estava com um “corrimento” que o incomodava bastante. Jaer pede ao paciente que encaminhe ao seu consultório a moça envolvida no caso. Durante os exames, Jaer constata que a moça tem corrimento, causando surpresa à paciente, pois ainda não a havia examinado. Posteriormente, durante os exames ginecológicos, Jaer é enfático ao questioná-la sobre um aborto que ela teria feito. A paciente confirma o fato e relata ao médico a história de abandono do seu ex-noivo ao saber que ela havia engravidado e a preocupação dos seus pais diante da expectativa do casamento e a gravidez da filha (p. 170-172).

O relato de Irajá sobre atendimentos clínicos que envolvam aspectos da sexualidade humana mostram a complexidade e o preconceito em torno do assunto. Preocupados com julgamentos morais, até hoje muitos pacientes se esquivam de buscar ajuda profissional. Quando resolvem fazê-lo, o consultório do sexólogo parece remeter os pacientes a uma espécie de confessionário, um espaço em que se expõe aquilo que, falado publicamente, traria consigo estigmas diversos, como o “homem impotente”, a “mulher frígida”, o “pervertido sexual” ou o “homossexual promíscuo”. Apesar da distância temporal que separa o atendimento de Irajá da realidade social de hoje, poucos avanços foram feitos. Muitos profissionais de saúde, quando solicitados por algum

paciente com queixa sexual, encontram dificuldades na conduta terapêutica, seja pelo despreparo ou pelo preconceito em relação ao tema.

Com o passar dos anos, Irajá teria ampliado as especialidades de sua clínica, conforme relata a partir de Jaer, em *Amores e Paixões* (1956a, p. 103). Irajá atendia agora pacientes com queixas neurológicas e estendeu o atendimento a pacientes com males sexuais, abrangendo “os desvios psico-mentais, psicoses, cerebropatias... e ia até a urologia e males venéreos” (IRAJÁ, 1956a, p. 103). Essa ampliação teria feito sua clientela crescer consideravelmente, a ponto de se “esfalfar” dia e noite sem descanso, apesar dos assistentes.

Irajá pode ter feito uma revelação ao longo da história de *Amores e Paixões* (1956a), atribuída ao personagem Jaer. De acordo com Irajá (p. 199), Jaer estava sentindo seu entusiasmo pelas mulheres diminuir, associando este fato à profissão, que estava matando seus desejos carnis. Nas palavras exatas de Irajá, Jaer “via em cada mulher que se lhe deparasse uma portadora de males ocultos, de achaques e taras que somente um consultório médico conhece e avalia” (p. 199). Jaer, assim como Irajá, tinha grande apreço pela beleza estética. Ele relata sua decepção durante a faculdade, quando se aproximava de uma “pequena de aparência saudável” e, mais tarde, as descobertas desagradáveis durante um encontro mais íntimo, como uma dentadura imperfeita, um hálito diferente, cicatrizes de operações vitiligo oculto, odor de tabaco ou álcool (p. 199-200).

Irajá pode ter se distanciado aos poucos da família. Mais adiante no romance *Amores e Paixões* (1956a, p. 268), Jaer é retratado como um homem resignado e infeliz. O convívio com a filha, de quem esperava algum consolo, era restrito, limitando aos dois beijos diários. Jaer sentia-se mais “em família” quando visitava a sobrinha, a mãe e a tia (p. 268).

Os netos de Hernani afirmaram que em certo momento o avô passou a viver enclausurado, no sótão do casarão em que morava com a família. Lá, segundo os netos, ele recebia pacientes e modelos que subiam de elevador para encontrá-lo em seu refúgio. Flora D'Avino diz que esse enclausuramento fez com que Irajá deixasse de participar da festa de casamento de Inara.

Em *Amores e Paixões* (1956a), Naro tem atitude semelhante à de Irajá. A fala de Ilma é muito representativa: "... Dizem que o artista está de *nojo* para o resto da vida e não gosta de ser perturbado no seu 'claustro'. Ele agora só anda de negro" (p. 275). Naro estava, na verdade, de luto por Helaira, personagem descrita como sua amante e por quem ele tinha grande afeição.

O enclausuramento de Hernani de Irajá remete-nos imediatamente a uma das questões deste trabalho, que diz respeito ao processo de proscrição. Isso não quer dizer que seu enclausuramento foi necessariamente responsável por sua saída de cena. Aqui foram explorados diversos aspectos que podem ter favorecido a proscrição de Hernani de Irajá. Entre esses aspectos, o fato de Irajá ter atuado como médico sexólogo parece ter um grande peso, já que os únicos médicos que publicavam obras dessa natureza eram da Medicina Legal, sendo igualmente alvo de grupos moralistas que os enxergavam profissionais como homens pervertidos, que faziam uso da ciência para escrever obras pornográficas. Outro aspecto que pode ter contribuído para sua proscrição, caso fosse de conhecimento público, eram os detalhes de sua vida pessoal. Que tipo de testemunho faria alguém que viveu nesse período e tinha conhecimento sobre o estilo de vida de Irajá? E como a história de Irajá chega aos dias de hoje? Este trabalho mostra a vida de Hernani de Irajá ao longo de décadas que sofreram transformações sociais e políticas significativas. A partir disso, como se pode enxergar Hernani de Irajá hoje e como ele era visto em sua época, levando em conta que ele foi um dos primeiros sexólogos clínicos? Qualquer análise ou interpretação que se faça

sobre Irajá ou sua obra deve considerar, ao menos parcialmente, aquilo que ele deveria ter como verdade para si.

2.3 Helena, Flora e Inara

Entre os contatos estabelecidos com Flora D'Avino, um deles ocorreu no final de 2009 e tinha por finalidade colher informações pontuais para a pesquisa, entre elas: nome dos pais de Irajá, de sua esposa, filha e genro, além de datas relevantes, como nascimento, casamento, morte e eventos significativos (como mudança da família Irajá para o Rio de Janeiro e quando teria apresentado dificuldades de locomoção). Flora mostrou-se solícita com as informações que eram de seu conhecimento. Durante o levantamento de fontes sobre Irajá, constatou-se que os nomes de Helena de Irajá, Flora Simões de Irajá e Inara Simões de Irajá, respectivamente irmã, esposa e filha de Hernani de Irajá, praticamente não aparecem nos seus romances autobiográficos (1956a, 1959, 1968) ou no seu livro de memórias (1967).



Figura 11 - Os irmãos Hernani e Helena de Irajá (imagem à esquerda), Flora Simões em foto da década de 1920 (imagem central) e Inara Simões de Irajá (imagem à direita).

Em *Amores e Paixões* (1956a), por exemplo, Irajá utiliza, na composição dos personagens desta obra, um casal de irmãos gêmeos (Naro e Jaer), privilegiando o aspecto do duplo (o artista e o médico). Neste mesmo romance, Irajá (p. 45) afirma que Jaer frequentava um “afamado curso de declamação” na Praia do Botafogo. O curso era organizado em tardes literárias pela Madame Vargas, e reunia, além dos escritores, poetas, músicos e artistas plásticos, “dezenas de moças belas e inteligentes” que eram aplaudidas como “declamadoras de escol”, entre elas Margarida Lopes de Almeida, Berta Singerman, Laís Oliveira, Nair W. Dickens, além de Helena de Irajá. Jaer distraía-se e aperfeiçoava-se flertando com estas meninas. Em *Adeus! Lapa* (1967, p. 117), Irajá faz uma breve referência à irmã elogiando seu *savoir dire*³⁰, ao rememorar as mulheres que por algum motivo se destacavam no seu círculo social e frequentavam a Avenida Central, no Rio de Janeiro.

Segundo Martins (1978, p. 278), é da autoria de Helena de Irajá: *Tricolor* (1933), um livro de contos publicado pela Francisco Alves; *Cristais ao Sol* (1958a), livro de poesias publicado pela editora Irmãos Pongetti com o pseudônimo Glauca de Toledo; e a tradução de *Óleo para as Lâmpadas da China* (1948), obra de Alice T. Hobart, publicada também pela editora Irmãos Pongetti. Além dessas obras, Helena de Irajá publicou ainda³¹: *Simbologia do Mito* (s/d), *O Romantismo na Arte e na vida* (s/d), *Beleza Universal* (s/d) e *Ensaaios* (s/d), todos eles referentes a conferências que a autora publicou; *Chama Eterna* (s/d), obra apresentada como romance psicológico; *Aventuras do Detetive Petrônio Torres & Humorismo* (1967), livro de contos policiais e de humor publicado pela editora Irmãos Pongetti. Helena de Irajá traduziu também: *The Ring of Chiang See Gong* (s/d), de Fletcher; *La Madonne des Wagons-Lits* (s/d), de Maurice

³⁰ Saber dizer, falar correto ou adequado.

³¹ Tais informações foram obtidas a partir da consulta à obra *Aventuras do Detetive Petrônio Torres & Humorismo* (1967), não constando neste livro ano de publicação e editora das obras mencionadas.

Dekobra, em parceria com Gustavo Barroso; e *La Lampada de Diós* (s/d), de Concha Espina.

Na conversa com Flora D'Avino, ela relatou que a tia-avó tinha baixa estatura e lembrou-se de ter presenciado algumas cenas peculiares. Em uma delas a tia, que residia no Rio de Janeiro, veio a São Paulo e ficara hospedada no apartamento de familiares. Helena de Irajá descia o prédio e informava ao porteiro que iria tomar eletrochoques. Flora D'Avino afirmou ainda que a tia-avó permaneceu internada por período não muito longo em clínicas psiquiátricas de São Paulo.

Helena de Irajá é descrita pela sobrinha-neta como uma mulher muito inteligente, justificando seu argumento com o fato de Helena ter sido poliglota e, como se percebe na biografia de Irajá, os esmeros dos pais para que os filhos recebessem uma educação que lhes preparasse no campo das artes, música, literatura, além dos estudos regulares. Segundo o relato da sobrinha-neta, Helena dirigia-se a seus interlocutores proferindo frases com cada palavra em um idioma diferente. Helena os chamava de burros, por não entender o que ela dizia, e reclamava impaciente dizendo que odiava gente burra. Ela tinha o costume ainda, quando impaciente, de questionar seu interlocutor: “O senhor tem mãe?”.

A sobrinha-neta relata ainda que, ao contrário do irmão que gozou de prestígio na elite carioca entre as décadas de 1920 a 1950, Helena de Irajá chegou a dormir na rua. O contraste entre as condições econômicas de Irajá, que morava em um casarão com quatro andares, e sua irmã é discutido pela sobrinha-neta, que questionava o que impediria Irajá de acolher a irmã menos afortunada. Porém, tanto os livros de Hernani quanto os de Helena de Irajá são publicados pela Irmãos Pongetti. Suspeita-se que Helena possa ter sido apresentada a Henrique Pongetti, amigo de Hernani durante seus passeios pela Lapa das décadas de 1920 e 1930.

Como dito anteriormente, Flora Simões era proveniente de uma tradicional família de fazendeiros do café. Segundo Maria Flora Azevedo (2007, p. 69-70), sobrinha de Flora, a família de Manuel Rodrigues Simões, pai de Flora, era numerosa. Eram 16 filhos ao todo, seis do primeiro casamento, com Rita Adriana Macedo Simões, e dez do segundo casamento, com Maria da Silva Fonseca Simões. Natural de Pouso Alegre (MG). Manuel Rodrigues Simões é descrito pela neta como um homem grande e espadaúdo. “Respeitado pela sua valentia, adorado pela sua bondade e consultado pela sua sabedoria” (Azevedo, 2007, p. 71), o pai de Flora era ainda um caçador inveterado e amante da literatura e da música. Azevedo (p. 74) afirma que os irmãos de Flora destacaram-se profissionalmente. Manuel Simões Jr., por exemplo, formou-se em Direito pela Faculdade do Largo de São Francisco e seus estudos auxiliaram a família a conservar o patrimônio familiar, constituído principalmente por fazendas de café; Agenor e Caio Simões formaram-se em Medicina, sendo que Caio dedicou-se à política (foi eleito prefeito de Barra Bonita em 1917, fundador do Partido Social Progressista e a partir de 1947 foi suplente do Senado por nove anos) e Agenor dedicou-se à Pediatria nas cidades de Barra Bonita e São Paulo. Embora Manuel Rodrigues Simões já se dedicasse à cafeicultura, foi após sua morte, ocorrida em julho de 1914, que seus filhos começaram a prosperar financeiramente. O patriarca da família Simões havia comprado terras da Noroeste do Estado em Cafelândia (SP), permitindo que cada um de seus filhos abrisse e investisse em suas respectivas fazendas de café (p. 43).

Outras informações que auxiliam na construção de um pequeno panorama sobre a família de Flora são o gosto pela caça e pela literatura. Azevedo (2007, p. 80) afirma: “Todo Simões (digamos quase todos), no tempo em que meu avô era vivo, não concebia viver sem caçar”. Azevedo (p. 71) atribui a Manuel Rodrigues Simões o gosto pelas artes e pela literatura que eram transmitidas aos seus filhos. Descrito como empreendedor e progressista, era o primeiro em sua cidade, São Manuel do Paraíso

(SP), a “instalar e usufruir os resultados das conquistas técnicas, as inovações científicas” (p. 71).

Algumas fotos da Família Irajá revelam aspectos interessantes do relacionamento de Hernani de Irajá e Flora Simões. Em duas delas, Irajá está passeando pelas ruas do Rio de Janeiro e olhando para o lado. Na dedicatória de uma delas, datada de 18/03/1929, lê-se: “Fróra, Lá vou eu! Acho que do outro lado passava uma lindíssima dama, porque eu estou fazendo um certo arzinho disfarçado! E tu, como te vais? Muito amor do teu Nani.” Na outra foto, datada de 16/03/1929, Irajá escreve para Flora: “Fróra, Lá vou eu! Ainda no mesmo andar, no mesmo pisar, no mesmo lugar! Desta vez não passava ninguém que valesse à pena. Já vês isso pela minha quadratura carangulá! E tu, como te vais? Muito amor do teu Hernani.” A dedicatória de Irajá pode trazer consigo alguns indícios sobre a forma como ele e Flora compreendiam o casamento, não havendo uma obrigatoriedade quanto à fidelidade. Outra hipótese seria a imposição de Irajá a Flora deste tipo de relacionamento e a aceitação dela não muito conformada com o fato.



Figura 12 - Fotos de Irajá dedicadas a Flora, datadas de 1929.

No romance autobiográfico *Amores e Paixões* (1956a), o personagem correspondente à Flora seria Ilma, casada com Jaer, o gêmeo médico, enquanto Naro, o

gêmeo pintor, mantém relacionamentos amorosos diversos e não chega a se casar. Um diálogo deste romance parece dar pistas sobre o relacionamento não convencional que Hernani e Flora estabeleceram entre si. Terezinha (filha de Ilma) pergunta à mãe, durante conversa com Jaer:

- Mas o papai, às vezes tem namorada! Não tem? – interrompe Terezinha, com voz meio esganiçada, olhando para a mãe e fazendo uma caretinha.
- Não se meta onde não é chamada! – diz-lhe sua mãe erguendo-a e tomando-a pela mão.
Jaer sorria, rasgando uns envelopes de sua correspondência.” (IRAJÁ, 1956a, p. 88).

Hernani possuía diversos álbuns de fotografias com mulheres dos mais diversos tipos e dedicatórias. Apesar do incêndio que destruiu grande parte de seu acervo, a neta guarda um álbum com uma pequena amostra da fama de conquistador do avô. Uma parte considerável das fotos possui dedicatórias íntimas, em períodos diversos de sua vida. O teor das dedicatórias podia variar de “Ao Nani, uma pálida lembrança”, por exemplo, até algo mais explícito, como “Nani, Tu és meu” ou “Nani, Lembrança de nossas noites...”.

A maioria das fotos é de mulheres anônimas. A exceção são as fotos com dedicatórias de personalidades do mundo artístico, mulheres que faziam parte do círculo social de Irajá, como a atriz Bibi Ferreira, a vedete Luz Del Fuego e a cantora lírica Nadir de Mello Couto.



Figura 13 - Algumas das personalidades que integravam o círculo social de Irajá. Da esquerda para a direita: Bibi Ferreira, Luz Del Fuego e Nadir de Mello Couto.

Irajá faz menção a este conjunto de fotos no romance *Amores e Paixões* (1956a), atribuindo a propriedade delas a Naro, o gêmeo pintor:

Estela estava curiosíssima em conhecer o apartamento de seu esquivo galanteador. Entrou. Uma penumbra agradável envolvia a sala. Os retratos avultavam. Sobre cavaletes, em cima de estantes, nas paredes, viam-se rostos jovens e, muitos risonhos, quase todos belos.

Dirigiu-se para a mesa central onde encarreiravam-se fotografias com dedicatórias, - ávida para decifrá-las. O negrinho percebeu-lhe a curiosidade e chamou-a dizendo que os quadros estavam na outra sala. (IRAJÁ, 1956a, p. 256).

Uma fala de Naro, o gêmeo pintor de *Amores e Paixões* (1956a), permite uma melhor compreensão sobre o fascínio de Irajá pela beleza feminina e com que intenção ele colecionava estas fotos:

- Envelhece-se muito depressa. Mas a mulher vai na frente. É pena! E na sua mente principiaram a deslizar as imagens de álbuns, anos e anos passados, com criaturas as mais lindas que se pode imaginar. Os álbuns conservavam-nas intactas. (IRAJÁ, 1956a, p. 73)

Por ocasião da condecoração Pioneiros da Sexologia, ocorrida durante a II Jornada CEPPOS de Sexualidade Humana em 2006, os netos informaram que Flora Simões recebia visitas de um coronel. Mais tarde, na conversa em que Flora D'Avino

exibiu as fotos de família, ela apontou em duas ou três delas o homem com quem sua avó se relacionou. Quando questionada sobre a conduta de Irajá em relação ao caso entre Flora e o coronel, a neta afirmou que ele e o coronel se respeitavam e Irajá tinha conhecimento da história, assim como Flora também sabia das aventuras amorosas que o marido empreendia. Ainda segundo a neta, Flora costumava viajar à Europa duas vezes por ano na companhia deste coronel, além das viagens que faziam em companhia da filha Inara para a fazenda da família. As fotos da família mostram o coronel presente durante um extenso período. A mais antiga o retrata sentado à mesa cercado pelos familiares de Flora, e Irajá ao fundo da foto. Neste retrato, Flora D'Avino confirmou que uma menina com aparentemente 8 anos seria sua mãe. Já a foto mais recente mostra Inara adulta em companhia da mãe e do coronel. Ou seja, o coronel teria feito companhia à Flora por um período de 20 anos, aproximadamente, já que a neta afirmou que o coronel afastou-se da família após o casamento de Inara.

No romance *Amores e Paixões* (1956a), Jaer, durante a gravidez de Ilma, aguardava a chegada de um menino que pudesse dar continuidade às suas atividades de médico. Diz ele em certo momento: “Tudo muito bem! Só que o menino não veio, porque era uma menina!” E logo depois complementa: “Jaer orgulhava-se da filha, se bem que mais desejasse um filho para continuar a sua obra” (IRAJÁ, 1956a, p. 58). O fato de esta obra ser um romance autobiográfico levanta suspeitas sobre o desejo de Irajá por um filho homem. Em novembro de 1932 nasceu Inara Simões de Irajá, que mais tarde se tornaria compositora e musicista.

Como o pai, Inara Simões de Irajá tinha gosto pela arte. Aos 7 anos, ela já compunha alguns versos musicais durante seu curso primário no Colégio Sion, tradicional colégio de origem francesa localizado no Rio de Janeiro, no bairro de Cosme Velho. (JAPIASSU, 1958, p. 5). A exemplo do que ocorre com Helena e Flora, Irajá praticamente não faz menção à filha nos seus romances ou livros de memórias. Um dos

raros registros sobre Inara está presente no romance *Amores e Paixões* (1956a). Nele, Irajá criou a personagem Terezinha, filha de Jaer e Ilma. Em uma passagem deste romance, Jaer, o gêmeo médico, mostra-se encantado com os progressos da filha no colégio, especialmente no desenho e na música.

A família Irajá se deslocava entre as cidades do Rio de Janeiro, onde residiam, e São Paulo, onde residia a família de Flora. Mensalmente Inara visitava com a mãe a fazenda de café da família na cidade de Cafelândia, interior de São Paulo (GONÇALVES, 1955, p. 55).

Aos 23 anos, Inara pode ter ganhado alguma notoriedade como compositora e musicista com a publicação de matéria jornalística de uma página e capa da revista *Manchete* de setembro de 1955³². Na matéria, Inara é apresentada como “compositora de altos méritos”, “violonista de talento”, que “toca e canta suas próprias músicas”. Segundo Gonçalves (1955, p. 55), entre sambas, bailões, valsas e cantigas de autoria de Inara, o número de composições chegaria nessa época a 30, sendo seus maiores sucessos: *Ele tem trinta e dois anos*, *Congada*, *Dentro da noite*, *Voltaste*, *Este luar pede um amor* e *Baião da saudade*. Nesse período, ainda segundo Gonçalves (1955, p. 55), Inara costumava reunir as amigas na sua residência, em Laranjeiras, para “noitadas de violão e música”. Quando estava no campo, gostava de praticar equitação e cuidar do jardim e da horta.

Em 1956 foi lançado um LP pelo selo Copacabana, contendo 12 composições de Inara e interpretadas por conhecidas cantoras da época, entre elas: Elizeth Cardoso, Inezita Barroso, Juanita Cavalcanti, Marita Luiz e Leny Eversong. Uma de suas composições, *Água do Céu*, foi motivo de polêmica em 2001, quando a música *Águas de Março*, de Tom Jobim, foi eleita melhor canção da música popular brasileira. Pesquisadores e críticos musicais que fazem oposição à bossa nova alegaram,

³² Neste período, o editor da revista era Henrique Pongetti, amigo de Hernani de Irajá e editor de seus títulos e de Helena de Irajá pela Editora Pongetti.

de acordo com Ribeiro e Sanches (2001)³³, que Tom Jobim teria plagiado a composição de Inara.

Outro destaque de Inara na mídia ocorreu em junho de 1958. Era lançada a *Revista Astrolândia*, que tinha Hernani de Irajá como um de seus colaboradores. Em matéria de Japiassu (1958, p. 4-5), Inara é apresentada ao público como “o tapete mágico da melodia”. Segundo Japiassu (1958, p. 4-5), Inara teria se apresentado no programa *Melhores da Semana* da extinta TV Tupi. Uma de suas melodias ganhou um prêmio da Rádio Nacional que, ainda conforme Japiassu (1958, p. 4-5), teria sido doado a alguma casa de caridade, já que a filantropia era usual na família Simões.

Inara conheceu Fausto Galdino Pimentel Coelho na Rádio Guanabara. Segundo o relato da filha, ele era locutor da Rádio Guanabara e compositor. Apesar de casado, Fausto apaixonou-se por Inara e foi correspondido por ela. Eles se casaram no México, já que as leis do Brasil não permitiam sua união.

Quais motivos levariam Irajá a obscenizar (tirar da cena) mulheres com histórias tão significativas? Se a biografia de Irajá dependesse exclusivamente de suas obras enquanto fontes de pesquisa, não teríamos conhecimento dessas relações que, aliás, dizem respeito à sua própria história. Talvez Irajá quisesse lançar luz sobre aspectos diversos de sua história a partir dos romances autobiográficos que escreveu ou pode-se falar ainda de um homem que gostava de ser o centro das atenções, tal qual o ator principal de uma peça de teatro, cuja iluminação está direcionada para si e mantém os demais personagens da história velados ou ainda obscenizados.

³³ Informações obtidas em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u13819.shtml>.



Figura 14 – Da esquerda para a direita: Inara Simões em foto publicitária, capa da revista Manchete divulgando o trabalho de Inara e Fausto Galdino, marido de Inara.

2.4 Últimas cenas de Hernani de Irajá

Hernani de Irajá morreu em 15 de agosto de 1969, no Rio de Janeiro. Sua certidão de óbito registra como *causa mortis* septicemia, leucemia aguda, linfossarcomatose. Seu corpo foi sepultado no cemitério São João Batista.

Os últimos nove anos de sua vida foram marcados por diversos eventos. Em 1960, Inara casou-se com o compositor Fausto Galdino Pimentel Coelho, sendo que um ano depois nasceu a filha do casal, Flora D'Avino, e em 1964 nasceu o filho, Hernani de Irajá Pimentel Coelho.

Em novembro de 1965, seguiam viagem para Cafelândia o casal Inara e Fausto acompanhados dos filhos e dois empregados da família, além de Flora. Segundo o relato de Flora D'Avino, Fausto dirigia uma caminhonete importada quando vinha de Cafelândia para São Paulo, onde a família Irajá mantinha um apartamento para descansar durante as viagens. Como Fausto estava com sono, a família decidiu procurar um hotel em Araraquara. Porém, havia um congresso médico e a família não conseguiu vaga para descansar na cidade. Ao retornar para a estrada, a caminhonete da família Irajá bateu em um carro de boi, atingindo um caminhão com algum produto inflamável que naquele momento transitava na via oposta. Os únicos sobreviventes da família são os netos de Irajá. Com o impacto, Flora foi lançada para o mato e Hernani, que estava em um berço, foi parar no chão da caminhonete. Os netos ficariam inicialmente sob a guarda do avô e, mais tarde, dos tios.

A proximidade entre as datas do acidente, da publicação do livro de memórias *Adeus! Lapa* (1967) e do romance autobiográfico *Confissões de um Conquistador de Criadas* (1968) e do falecimento de Irajá em 1969 levanta uma questão: A publicação dessas duas obras na fase final de sua vida teria algum vínculo com um eventual diagnóstico de leucemia que Irajá tivesse conhecimento, havendo um

propósito de registrar passagens mais secretas de sua biografia, a exemplo do que fez Medeiros e Albuquerque em *Quando eu era vivo* (1944)?

Além disso, Irajá sentia-se sozinho no casarão em que viveu com sua família, tendo como companhia apenas os empregados e os netos? Será que o homem festivo, sempre cercado de amigos, mas que, em algum momento, preferiu enclausurar-se no sótão do seu casarão, transformou-se aos poucos em uma pessoa solitária e introspectiva?

Em uma conversa com o neto de Irajá, com a finalidade de entrevistá-lo para colher dados sobre a biografia do avô, ele se lembrou de passar apenas uma hora por dia com o avô, que o ensinava a desenhar. Uma de suas últimas lembranças foi quando Hernani o chamou para ver o homem chegando à Lua. A neta lembra também que o avô passava todo o tempo no sótão do casarão e dedicava o horário das 18 às 19 horas para os netos.

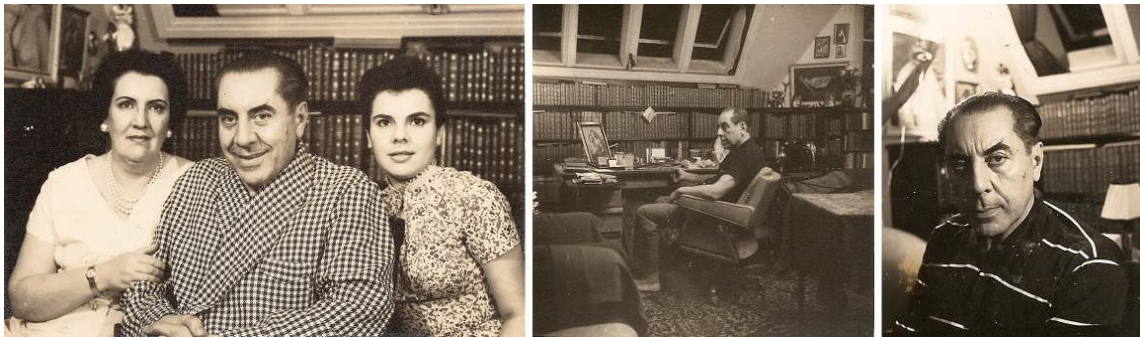


Figura 15 – Irajá acompanhado de Flora e Inara (imagem à esquerda), em plano mais aberto (imagem central) e em close (imagem à direita). As três fotos foram feitas no sótão do casarão em que vivia.

Em *Adeus! Lapa* (1967), Irajá expressa sua solidão, falando da passagem do tempo, da perda de amigos e parentes próximos. Diz ele:

São dezenas de rostos que pousam, que refletem amizades sinceras, desejos e anseios. Quanto tempo faz que a pintura estabilizou-os no Tempo? Uns quase recentes, alguns já de longa data. Gente viva ainda? Algumas, sim; de outros ignoro a sobrevivência. Amigos, companheiros, camaradas, modelos, moças, amigas, homenageadas... parentes. Os retratos de minha Mãe e de meu Pai, de minha Esposa e de minha Filha! Ali estão a fixar-me com aqueles olhos abençoados a me abençoarem. Esses instalaram-se pela mão

de Deus, na Eternidade. E com a solidão, com o apagar das luzes máximas, as figuras animam-se e vêm comigo conversar. (IRAJÁ, 1967, p. 181)

Em outro trecho deste mesmo capítulo, Irajá retoma o tom saudosista dos amigos que já partiram e consola-se com a solidão que o acompanhou nos últimos anos de vida:

Amigos! Quantos se foram nestes últimos tempos! E, no entanto, quase como se dá com meus entes adorados, parece-me ainda tê-los por perto de mim. Suas figuras, seus gestos e até suas vozes acodem-me, ecoam-me na noite. Nesses instantes perco minha solidão. O ambiente povoa-se de imagens fraternas, de emoções, de abraços, e revivem as frases carinhosas de joviais intimidades e se repetem até mesmo trechos de parlandas de outrora. Mas... Aí vêm elas! As lindas criaturas das telas descem, fogem das molduras e, palpitando vida, respirando o mesmo ar das nossas primaveras, cercam-me, aproximadas num semicírculo lareiro, resplandecem, revivendo instantes de ventura, recontando felizes momentos em tardes distantes sob penumbras de semitons velados, quando o frio era aconchegante e o piano em surdina temperava os corações, afinando-os em indizíveis melodias e improfanáveis diálogos. Solidão amiga! Tempo! (IRAJÁ, 1967, p. 183-184).

2.5 Hernani de Irajá: o “talento polimorfo”

A expressão “talento polimorfo” foi atribuída a Irajá por Antônio Austregésilo. Diz ele sobre *Psychoses do Amôr* (1918):

A inteligência e a elegância com que foi feito este volume – “*Psicoses do Amor*” – dão ao autor reconhecida competência na matéria. Notam-se, na feitura do trabalho, erudição, qualidades raras do escritor, técnica científica, certa paixão de sectarismo, sentimentos altos de higiene social, enfim, as qualidades precípua que produziram o grande êxito do livro. O Dr. Hernani de Irajá possui talento artístico, capacidade clínica e clareza primorosa de exposição. Tais predicados são a garantia da obra, que logrou favores do público e dos cultores da medicina. O aspecto clínico e higiênico do labor dá-lhe utilidade; a forma graciosa do estilo conquista os leitores; o assunto, em si, desperta a curiosidade dos amadores da literatura. As três faces da obra garantiram-lhe o êxito feliz, cujas edições começam a suceder-se com rapidez, o que é raro em nosso meio de leitores de jornais de escândalo e de oposições. Parabéns, pois, ao autor, cujo talento polimorfo o fez um triunfador intelectual. (AUSTREGÉSILO apud IRAJÁ, 1956a, p. 251).

Diante de um autor proscrito, inicialmente com poucas referências sobre sua biografia e relevância no cenário da Sexologia brasileira e da sociedade de sua época, qualquer pista ou indício que fornecessem dados complementares sobre sua história seriam úteis para a pesquisa.

Além das informações constantes no livro *O Sexo Nu* (1966), em que Irajá é citado pelo editor como “precursor da divulgação científica dos estudos da sexualidade no Brasil”, a crítica favorável à produção científica, literária e artística de Irajá está presente na maioria de seus livros. *Sexualidade Perfeita* (1956b), por exemplo, traz um apêndice com 21 páginas de críticas referentes a Hernani de Irajá, seja como médico, pintor ou escritor.

Em crítica publicada no jornal *A Federação*, Zeferino Brazil, teatrólogo, romancista e jornalista, considerado “o príncipe dos poetas no Rio Grande do Sul”, também exalta o “talento polimorfo” de Irajá:

Hernani de Irajá, talento multiforme, brilhante cultura de cientista e de literato, pintor e musicista, vive num ambiente colorido e harmonioso, num perpétuo enlevo de beleza, trabalhando sempre, sempre produzindo e triunfando sempre. (BRAZIL apud IRAJÁ, 1956a, p. 237).

“Inteligência inquietante”, “espírito fulgurante e culto”, “espírito brilhante” e “detetive de almas” são – a exemplo do “talento polimorfo” de Antônio Austregésilo – apenas algumas das expressões presentes em algumas de suas obras e que o consagram.

Deve-se notar que essas afirmações eram, na maioria das vezes, emitidas por pessoas do círculo social de Irajá. Antônio Austregésilo, por exemplo, é citado por Hernani em *Adeus! Lapa* (1967), em uma ocasião em que foram ouvir com amigos em comum o talento da então estreante Carmen Miranda (p. 107-108). Irajá deve ter conhecido Zeferino Brazil no *Correio do Povo*, já que ambos trabalharam no mesmo jornal. Victor Sá, jornalista, fundador da *Revista Phoenix* e redator e colaborador de inúmeras publicações como *A Vanguarda*, *Caricatura*, *O Malho* etc. (RIBEIRO FILHO, p. 224-225), é descrito por Irajá como um “bom amigo das noitadas da Cinelândia e da Lapa” (1967, p. 153). Alguns eventos são comuns a ambos, como a fundação da Associação dos Artistas Brasileiros e da Sociedade dos Homens de Letras do Brasil. Além disso, os dois trabalharam nos jornais *A Pátria* e *A Noite*.

As críticas favoráveis a Irajá são provenientes de grupos relativamente distintos. Os jornalistas perfazem a maioria e devem ter colaborado para a difusão das obras e atividades do autor em questão.

Irajá estabelece relações muito próximas entre as diversas atividades em suas obras, valendo-se de seus conhecimentos médicos nos estudos anatômicos de seus quadros ou ainda de seus conhecimentos em Psiquiatria na sua produção literária, como é o caso de *Loucos* (1923).

Nos livros de ficção e de divulgação científica, Irajá exhibe seus dotes artísticos de desenhista ou pintor. O recurso, tão comum em suas obras, pode atender duas finalidades distintas: a primeira seria a busca de Irajá por uma completude, ou seja, sua obra só estaria completa se ele fosse capaz de exprimir nela seu “talento polimorfo”. Assim, seus livros de divulgação científica seriam de autoria não apenas do médico, mas também do pintor, do homem culto e de educação esmerada pelos conhecimentos em artes, línguas etc. Irajá parecia enxergar a página em branco do papel como mais do que um repositório de teorias em sexualidade humana. As páginas de papel em branco serviam não só para que ele discorresse sobre as teorias sexuais de sua época, mas também para dar vazão aos seus talentos pictóricos.

A segunda finalidade diz respeito ao uso de ilustrações e fotos de mulheres nuas como um apelo comercial que o promovia e o auxiliava a se estabelecer profissionalmente enquanto médico sexólogo.

As críticas publicadas nas obras de Irajá, obviamente favoráveis a ele, constituem apenas parte daquelas que o autor recebeu. Uma das críticas contrárias à sua obra, e que foram localizadas em outras fontes que não suas próprias obras, pertence a Cardoso de Melo. Em reunião da Assembleia Constituinte, ele mostra-se contrário à publicação das obras de divulgação científica de Irajá, considerando-as indecorosas.. Supõe-se que Irajá tenha recebido muitas outras, em decorrência do apelo comercial de

suas obras e também porque elas versavam sobre aspectos diversos da sexualidade humana, fatores que permitiriam facilmente a confusão de seus livros com obras de literatura erótica.

2.5.1. Obras de divulgação científica

As obras de divulgação científica de Irajá, em sua grande maioria destinadas ao tema sexualidade humana, são divididas em três categorias - Morfologia e Plástica, Psicopatologia Sexual e Sexualidade Perfeita ou Normal -, conforme o editor de *Segredos Sexuais* (IRAJÁ, 1953). Boa parte destas obras foi publicada na década de 1930. Entre elas, podemos citar *Sexualidade e Amôr* (1930), *Morphologia da Mulher* (1931), *Tratamento dos Males Sexuaes* (1932), *Psycho-Pathologia da Sexualidade* (1933), *Sexualidade Perfeita* (1937) e *Sexo e Beleza* (1938).

Entre os livros publicados por Irajá, *Psychoses do Amôr* (1918) tornou-se seu trabalho mais conhecido, tendo obtido 15 edições até 1969³⁴ e publicado pelas Editoras Freitas Bastos, Irmãos Pongetti e Edições de Ouro. Sobre sua tese, Irajá afirma que “...ela versara sobre um assunto pouco estudado na literatura médica nacional. ‘Anomalias do Amor’³⁵ apresentava interessante e escolhida casuística. Com exceção de um trabalho de Pires Porto, ‘A intoxicação pelo Amor’, não passara pelas bancas de exames e defesas de teses outra semelhante. Ampliando o estudo inicial, o jovem médico fez publicar várias edições ilustradas.” (IRAJÁ, 1956, p. 32)

Psychoses do Amôr (1918) é, segundo o próprio autor, um “estudo das perversões do instinto sexual, das anomalias do amor” (IRAJÁ, 1931, p. VII). Hernani argumenta que existem poucos estudos científicos sobre o assunto e, por outro lado, o que se vê nos jornais são notícias diárias de crimes relacionados ao atentado ao pudor

³⁴ O livro *Sexo e Virgindade* (1969), escrito no mesmo ano de falecimento do autor, apresenta esta informação ao relacionar todas as obras já publicadas por Hernani de Irajá.

³⁵ Irajá refere-se à tese de Jaer, o gêmeo médico de *Amores e Paixões* (1956). Irajá parece repetir a troca de nomes neste romance, alterando-o de *Psychoses do Amôr* para *Anomalias do Amor*.

ou resultantes de “impulsões sexuais”. A fundamentação dos estudos desta obra está amparada em autores nacionais, como os já citados Pires Porto, Pires de Almeida, Viveiros de Castro, Afrânio Peixoto e também autores de diferentes nacionalidades com obras de repercussão internacional em sexualidade humana, a exemplo de Sigmund Freud, Krafft-Ebing, Havelock Ellis e Paolo Mantegazza.

O grande mérito de *Psychoses do Amôr* (1918) é problematizar as patologias ou aberrações do instinto sexual no campo médico. Assuntos como o onanismo, necrofilia, sadismo e masoquismo, a homossexualidade e o ciúme mórbido eram investigados no Brasil predominantemente sob a luz do Direito ou da Medicina Legal e não da Medicina. A obra mais próxima deste tema é *Attentados ao Pudor*, escrita pelo jurista Francisco José Viveiros de Castro, em 1896. Além disso, conforme trabalho de El-Far (2004), essa temática era frequente nos romances de sensação que abundavam nas livrarias entre o final do século XIX e início do século XX.

Psychoses do Amôr (1918) deve ter chegado às livrarias, portanto, com ares de novidade. Seu projeto gráfico parecia ousado à sua época. Acostumados com os romances de sensação ou literatura erótica, facilmente os leitores confundiriam a obra de Irajá com algum destes romances.

A década de 1930 foi particularmente fecunda para Irajá publicar livros de divulgação científica. *Psychoses do Amôr* (1918) estava já em sua quarta edição. *Sexualidade e Amôr* (1932) seguiu o mesmo caminho, com sua primeira edição esgotada em 1930 e a segunda esgotada já no ano seguinte. O fato repete-se ainda com *Morphologia da Mulher* (1933), cujas primeiras edições esgotaram em 1931. No campo das obras de divulgação científica, Irajá publicou, ainda no início da década de 1930, *Tratamento dos Males Sexuaes* (1933) e *Psychopathologia da Sexualidade* (1933). A concentração deste tipo de obra pode indicar o anseio de Irajá em estabelecer-se profissionalmente enquanto médico sexólogo, mesmo porque sua produção científica

até pouco antes do início da década de 1930 era muito escassa. Até então, Irajá havia publicado apenas duas obras, em 1924: *Cenestopathias e Neurasthenia e Melancolia*.

Diversos autores e de diferentes campos do conhecimento publicaram obras na temática sexual durante essa década. O sociólogo Adonias Lima publicou *A Victoria do Feminismo: O problema sexual* (1933). *Homossexualismo e Endocrinologia* (1938) do legista Leonídio Ribeiro foi agraciado com o prêmio Cesare Lombroso. Júlio Pires Porto-Carrero, conhecido autor de estudos em psicanálise, publicou nesta década as obras *Grandezas e Misérias do Sexo* (193?) e *Sexo e Cultura* (193?). O médico eugenista Alexandre Tepedino publicou *Alma e Belleza* (1930), *Amôr e Sexo* (1931) e *Como evitar os males sexuaes?* (1933), influenciado pelos conceitos da Psicanálise. José de Albuquerque, médico andrologista, publicou diversos livros na temática sexualidade humana, entre eles *Moral Sexual* (1930), *Da Impotência Sexual do Homem* (1933), *Educação Sexual* (1934), *Educação Sexual pelo Rádio* (1935) e *O Sexo em Face do Indivíduo, da Família e da Sociedade* (1936).

O que se observa, então, é que Irajá tinha diversos interlocutores à sua época, sendo que, de acordo com Russo e Carrara (2002, p. 276), seus livros seriam divulgados nos periódicos especializados que José de Albuquerque teria fundado: *Jornal de Andrologia* (1932-38) e *Boletim de Educação Sexual* (1933-39). Por sua vez, Adonias Lima critica José de Albuquerque na obra *O Amor Físico e o Casamento* (1949), considerando sua campanha sobre educação sexual meramente teórica. Por outro lado, Adonias Lima vê de forma muito positiva a participação de José de Albuquerque em conferências sobre educação sexual ministradas em 1946, na região norte do Brasil.

Durante a década de 1940, Irajá publica apenas uma obra e mesmo assim não seria exatamente um trabalho de divulgação científica. A obra em questão é *O Sensualismo na Arte* (1945), trabalho em que Irajá propõe-se a efetuar uma análise

psicológica daquilo que ele chama “fenômeno sexo-sensualístico” da Arte, sendo o foco desta análise de Irajá os escritores, uma vez que os pintores já foram objeto de estudos anteriores.

Duas obras de divulgação científica de Irajá são publicadas na década seguinte, ambas pela editora Irmãos Pongetti: *Segredos Sexuais* (1953) e *Impotência Sexual* (1957). E outras duas - *O Sexo Nu* (1966) e *Sexo e Virgindade* (1969) - são publicadas na década de 1960.



Figura 16 - Capa de obras de divulgação científica de Hernani de Irajá.

Green (2000) apresenta um estudo sobre a história da homossexualidade no Brasil, utilizando-se para tanto das obras científicas publicadas no início do século XX. Green (2000) apresenta Hernani de Irajá como um sexólogo prolífico, porém o condena por usar ilustrações de seres macabros e uma horda de esqueletos em um capítulo destinado à homossexualidade na sexta edição de *Psychoses do Amôr* (1918). As ilustrações, na visão de Green, transmitiriam a ideia de que a homossexualidade levaria o indivíduo direto ao inferno. Ele conclui anacronicamente que tanto Irajá como outros autores do campo médico-legal fizeram pouco esforço para desvencilhar a

homossexualidade do preconceito moral e social vigente no início do século XX. A quinta edição de *Psychoses do Amôr* (1918), no entanto, apresenta uma ilustração ambientada em alguma cidade grega, com pessoas nuas, algumas abraçadas às outras, formando casais heterossexuais. Green parece estar em busca de algum autor do início, ou mesmo de meados do século XX, que possuísse uma visão não-patológica da homossexualidade. O que vemos, entretanto, é o esforço de autores como Afrânio Peixoto e Leonídio Ribeiro, cujas obras buscavam descriminalizar a homossexualidade. O homossexual deixava de ser um criminoso e se tornava portador de uma perversão sexual que requereria cuidados médicos. Para a época, tal fato era uma evolução do pensamento médico-científico.

Flores (2007), por sua vez, ao propor uma análise de alguns livros de Hernani de Irajá, dedicados principalmente à arte e à morfologia feminina, a exemplo de *Esforço para a Beleza* (1923), *Morphologia da Mulher* (1933) e *Sexo e Beleza* (1958), e também outras, que dizem respeito aos estudos em sexualidade humana, como *Psychoses do Amôr* (1918), *Sexualidade Perfeita* (1956b) e *Sexualidade e Amôr* (1932), afirma não ser possível considerar Hernani de Irajá um artista, apesar de reconhecer suas múltiplas atividades (artista, músico, crítico de arte e médico sexólogo) e seu papel ativo no meio artístico.

Demonstrando algum cuidado com a leitura e análise das obras de Irajá, Paiva (2002) afirma:

Decifrar o pensamento de Irajá tentando extrair uma teoria coesa representativa de todo seu pensamento seria absorver de forma absolutamente insatisfatória esse mosaico diversificado que compõe a história do pensamento médico sobre o sexo no início do século XX. Ao contrário, podemos apenas dizer que talvez a característica mais destacável em seus escritos seja a preocupação pedagógica, ou seja, mostrar que o sexo era uma preocupação legítima para a nação, e mais especificamente, para cada indivíduo. (p. 93)

As afirmações de Green (2000) e Flores (2007) suscitam alguns questionamentos sobre a análise da obra de Hernani de Irajá, uma vez que se trata de um

autor proscrito, pouco estudado e com poucas referências biográficas. Ou poderíamos concluir que Hernani de Irajá foi um autor medíocre ou um artista menor a partir de uma análise apenas parcial de suas obras e sem conhecimento prévio de sua biografia e seus círculos sociais? O oposto também é verdadeiro: não se pode afirmar que Hernani de Irajá foi um autor à frente do seu tempo ou de prestígio no meio acadêmico sem uma análise igualmente cuidadosa de sua obra e biografia. É muito provável, aliás, que Hernani de Irajá situe-se na linha fronteira entre os cientistas que se opunham ao discurso médico de sua época e os profissionais que tinham alguma simpatia pelos ideais eugenistas – e que não foram poucos.

2.5.2 Produção literária

As informações sobre a produção científica e literária de Hernani de Irajá são desconhecidas. Sua última obra, *Sexo e Virgindade* (1969), enumera um total de 33 títulos, enquanto a penúltima, *Confissões de um Conquistador de Criadas* (1968), enumera 36 títulos. Igualmente, Martins (1978) e Coutinho e Sousa (2001) apresentam uma bibliografia incompleta das obras de Irajá.

A revisão realizada nas obras de Irajá em que constavam os títulos das demais obras publicadas por ele e a confrontação dessas informações com as de Martins (1978) fez com que se chegasse à conclusão que Irajá publicou um total de 43 obras.

Entre as obras relacionadas à sua produção literária, foram localizados nos seus os seguintes títulos: *Amores e Paixões* (1956a), *O Homem* (1959), *Confissões de um Conquistador de Criadas* (1968) e *Adeus! Lapa* (1967). Como discutido no início deste capítulo, as três primeiras obras referem-se a romances autobiográficos nos quais Irajá narra aspectos diversos de sua vida, ora relacionados ao período em que viveu em Porto Alegre, como *O Homem*, ora detendo-se a aspectos peculiares de sua biografia,

como suas conquistas e aventuras amorosas narradas em *Confissões de um Conquistador de Criadas*. Ele também problematiza suas atividades como pintor e médico a partir dos personagens Naro e Jaer de *Amores e Paixões*. Irajá teria se dedicado também ao gênero memórias, com a publicação de *Adeus! Lapa* (1967), *Tempo Militar* (s/d) e *Memórias de um Modelo* (s/d)³⁶.

Como se pode observar, Irajá dedica-se ao gênero memórias a partir de 1956, com o romance *Amores e Paixões*. Miceli (2001) relaciona a produção de livros de memórias com a consagração de seus autores. As biografias, segundo Miceli (2001, p. 17), eram dedicadas aos intelectuais pertencentes à classe dominante, ainda vivos, ou àqueles cujos embates posteriores os converteram em “objetos de consagração póstuma”. A dedicação de Irajá aos livros de memórias indicaria, portanto, seu anseio de reconhecimento entre seus pares, sendo que a produção dos seus livros de memórias é um forte indicativo de sua busca por autoconsagração.

A partir da conferência *O Esforço para a Beleza*, resultante de suas participações na Escola de Belas Artes, Irajá faz alguns acréscimos à conferência e publica *Esforço para a Beleza* (1923). No ano seguinte, Irajá publica *O Ciúme* (1924), denominado por ele como uma obra “lítero-científica”. Esta conferência foi resultado de sua participação nos cursos de declamação de Madame Vargas na Praia do Botafogo. As reuniões literárias de Madame Vargas ocorriam sempre à tarde e contavam com “figuras destacadas, escritores, poetas, artistas da música e das artes plásticas” (IRAJÁ, 1956a, p. 45).

Em 1923, Irajá publica um “poema tragicômico” intitulado *Landru no Inferno* e também *Loucos*, este último, segundo o próprio Irajá, um livro de “crônicas bem urdidas” em que ele descreve observações da “vida citadina” (IRAJÁ, 1956a, p.

³⁶ As obras de Irajá apresentam nas suas páginas iniciais uma relação com as obras publicadas pelo autor, sempre em ordem cronológica. *Tempo Militar* (s/d) teria sido publicada entre 1966 e 1969, estando o título relacionado em Irajá (1968) logo abaixo de *O Sexo Nu* (1966). *Memórias de um Modelo* (IRAJÁ, s/d) foi publicada após 1956, já que está relacionada em Irajá (1958) abaixo de *Amores e Paixões* (1956).

39). Aparício Torelli, teatrólogo e jornalista mais conhecido pela alcunha de Barão de Itararé, publica uma crítica no jornal *A Manhã* sobre *Loucos* (TORELLI apud IRAJÁ, 1956b, p. 245): “Acaba de aparecer no mercado um livro intitulado ‘Loucos’. Os loucos são três: o desenhista que ilustrou a capa, o editor e o autor. Os dois primeiros irão brevemente ter com o Dr. Juliano Moreira. O autor irá... já...”.

Os comentários do Barão de Itararé a respeito de *Loucos* poderiam ser interpretados como uma crítica ácida, julgando que os responsáveis pela publicação do livro estariam fora do seu juízo normal. Contudo, a fim de dar publicidade para suas obras e seu “talento polimorfo”, Irajá publicou em seus livros apenas as críticas – ou trechos delas – que lhe eram favoráveis.

Osório Borba descreve *Loucos* como “uma galeria de tipos anormais, casos psíquicos interessantíssimos, que autenticam no autor um estudioso da psiquiatria que imprime em seus ensaios a mais sedutora expressão literária.” (BORBA apud IRAJÁ, 1956b, p. 246).

Loucos recebe críticas de outras publicações, como os jornais *O Paiz*, *O Imparcial*, *Revista da Semana* e *A Pátria*, todas favoráveis ao livro ou ainda ao estilo adotado por Irajá. *O Imparcial* descreve *Loucos* como um “livro de contos mórbidos, escritos com agudeza e hipersensibilidade”, sendo considerado, nesta crítica, um livro “curioso” e “estranho” (IRAJÁ, 1956b, p. 245). O jornal *A Pátria* faz uma crítica mais inflamada, afirmando que Irajá “destaca-se entre os próceres da nova geração como um talento de incedível plasticidade” (IRAJÁ, 1956b, p. 245). A *Revista da Semana* aponta algo que se repetiu ao longo das obras de Irajá: a fusão entre seus talentos de pintor e escritor. Em suas palavras, “o escritor recorda-se de que também esgrime o pincel e empresta sempre às suas páginas um colorido vivo, um tom de paisagem ou um relevo de retrato” (IRAJÁ, 1956b, p. 245).

Celso Kelly, professor da Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil e do Instituto de Educação, discorre sobre o “talento polimorfo” do jovem pintor, médico e crítico de arte, autor de *Loucos*, procurando realçar os reflexos do “talento polimorfo” de Irajá na sua produção:

(...) Irajá, além de escritor, é um artista com tendências pronunciadas para a pintura e para a música. Como pintor, Hernani de Irajá faz uma obra pensada e refletida; isso representa uma vitória da moderna pintura. Como escritor, pinta e compõe com palavras a que não falta também o necessário colorido. Literato e pintor, Hernani tenta realizar, entre nós, uma exceção. São poucos ou talvez desconhecidos os literatos que pintem. (...) Entendemos que o pintor deve ser escritor e o literato deve, pelo menos, ser crítico de arte. São conexões essenciais. A prova de suas aptidões de escritor acaba de nos ser dada pelo Sr. Hernani de Irajá e vem dizer-nos do valor desse patricio, cuja inteligência e sensibilidade, ativamente unidas, o tornam o artista harmonioso e completo, que vê e sente o mundo por várias maneiras especiais. (KELLY apud IRAJÁ, 1956b, p. 246-247).

*Delacroix e Gericault*³⁷ (1927) e *Artista* (1928) são, assim como *O Ciúme* (1923) e *O Esforço para a Beleza* (1924), obras publicadas a partir de conferências realizadas por Irajá.

Ainda na década de 1920, Hernani publica duas obras críticas: *Crítica: Ópera Lírica* (s/d) e *Crítica: Artes Plásticas* (s/d). Sua produção está diretamente relacionada à atividade de Irajá como crítico de arte, exercida enquanto residia em Porto Alegre. *Crítica: Arte Literária* (s/d), publicada possivelmente no final da década de 1920 ou início da posterior, é o seu último trabalho como crítico.

A presença de obras críticas entre as primeiras publicações de Irajá pode ser um indicativo de transição entre suas atividades ou interesses. Enquanto estudava Medicina em Porto Alegre e durante seus primeiros anos no Rio de Janeiro, buscando se estabelecer profissionalmente como médico, Irajá trabalhou como jornalista e crítico de arte. Aliás, não era raro que, como ele, muitos jovens migrantes recém-chegados à

³⁷ Tanto Delacroix como Gericault foram pintores franceses identificados com o Romantismo, movimento artístico presente na Europa da virada do século XIX cujos ideais influenciaram a literatura, a filosofia e as artes plásticas.

capital, se dedicassem a múltiplas atividades profissionais, movidos possivelmente pela necessidade financeira.

Não foram localizadas informações sobre algumas obras literárias de Irajá publicadas, muito possivelmente, entre as décadas de 1930 ou 1940. São deste período os livros *Dentro do Mistério*, *Histórias e Lendas*, *Mistérios* (livro de contos). Apesar de não possuir praticamente nenhuma informação sobre tais obras, é perceptível nas obras de Irajá uma certa preferência por temas místicos e religiosos. Esse interesse é recorrente. Em *O Homem*, Narto atribui o sumiço inexplicável de sua noiva a um feiticeiro. Ao buscar pistas sobre a noiva, Narto procura o Cônego Landell de Moura, descrito por Irajá como um “cientista” que, em 1892, teria se dedicado à invenção de aparelhos capazes de transmitir a voz e a escrita à distância, como o teletitônio, o telauxifônio, o teatrofônio, entre outros. O Padre Landell teria conseguido registrar a patente de três de seus inventos: o transmissor de ondas, a telefonia sem fios e a telegrafia sem fios. Praticamente todos os aparelhos do Padre Landell acabaram destruídos com sua frustração por não ter obtido auxílio do Estado (IRAJÁ, 1959, p. 120-121). Narto gostava de passar horas conversando com o Padre Landell, demonstrando ter por ele respeito e admiração. Segundo Irajá, em consequência de “longos exercícios psico-mentais”, o Padre Landell desenvolveu uma espécie de capacidade de se comunicar à distância, sabendo de antemão quando Narto estava chegando em sua residência para visitá-lo ou ainda o nome do livro com que ele presenteou o cônego (p. 103-104).

Outro episódio de *O Homem* que reforça o interesse de Irajá por temas místicos e religiosos é aquele em que Narto resolve dar vazão a um “extravagante desejo”: executar, à noite, marchas fúnebres, réquiens e hinos em um órgão dentro do cemitério de Porto Alegre. O repertório de Narto incluía *Dança Macabra*, de Saint-

Saens, *Réquiem*, de Mozart e as *Marchas Fúnebres*, de Mozart e Chopin (IRAJÁ, 1959, p. 182).

Entre os títulos que Irajá publicou, dedicados a temas místicos e religiosos, podemos citar *Demonologia Brasileira* (s/d), *Macumba e Outros Mistérios* (s/d) e *Feitiços e Crendices* (1932).

Feitiços e Crendices dedica-se, segundo o próprio, ao estudo das superstições e lendas, integrando uma série de “Estudos Brasileiros”. Irajá discorre ao longo dos capítulos falando das crenças e superstições e suas origens, os fenômenos de autosugestão e sugestão, batuques, candomblés e feitiços. Irajá dedica-se também a compreender fenômenos como o hipnotismo e a telepatia, fazendo menção ainda aos “feitiços de amor” e “simpatias de casamento”.

Irajá publica, possivelmente entre as décadas de 1950 e 1960, *Poemas Regressivos* (s/d), sua última obra literária.

2.5.3 O pintor do belo

A pintura ou o ofício de pintor estão presentes de diferentes formas na produção de Irajá. Já foi explorado anteriormente o romance autobiográfico *Amores e Paixões* (1956), em que seu duplo se divide entre o médico sexólogo Jaer e o pintor Naro. Parte de suas pinturas é publicada em *Sexo e Beleza* (1958). Além disso, muitos dos comentários publicados em seus livros (IRAJÁ, 1956b) fazem menção ao seu talento enquanto pintor.

Até o ano de 1956, Hernani de Irajá teria participado de 51 exposições de pintura. A informação vem por intermédio de um de seus interlocutores, Armando Pacheco “Meio Dia”, sendo posteriormente atualizada por Irajá. Com um relato rico em

detalhes sobre a rotina e o contexto em que Irajá desenvolvia suas atividades de médico e pintor, Armando Pacheco “Meio Dia” afirma:

Hernani de Irajá, autoridade militante no terreno da ciência – clínica de plástica e sexologia; escritor com várias obras sobre biotipologia, em repetidas e novas edições sempre esgotadas, figura de projeção em nosso mundo artístico, pintor laureado em inúmeros salões, com uma invejável bagagem de 37 exposições, – (hoje 51) de sucesso marcante; versando sempre, como ponto de resistência o tipo plástico da mulher brasileira... (PACHECO apud IRAJÁ, 1956b, p. 239)

A Enciclopédia Itaú Cultural de Artes Visuais registra na ficha técnica³⁸ de Irajá sua participação em sete exposições ocorridas na Escola Nacional de Belas Artes, entre os anos de 1924 e 1933, incluindo sua participação no Salão Revolucionário de 1931. Nos anos de 1937 e 1943, Irajá participou também do Salão Paulista de Belas Artes.

No livro *Sexo e Beleza* (1958), Irajá publica, além de fotos, pinturas de mulheres nuas, dando-nos uma pequena amostra de seus quadros e de sua participação em exposições de artes. A presença de Irajá e suas pinturas nos salões da Escola Nacional de Belas Artes é detalhada no livro em questão. Entre as telas que foram exibidas nas exposições, podemos citar *Morena*, apresentado ao salão de 1945 (p. 32a), *Miss Beleza* apresentado ao salão de 1953 (p. 64a), *Glória* (p. 48a), *Italianinha* (p. 144a) e *Tentação* (p. 96a), apresentados ao salão de 1958. Irajá publica em *Sexo e Beleza* (1958) ainda pinturas de outros salões, como *Hetaira* (p. 160a), apresentado ao Salão de Belas Artes de 1940 e *Raios de Sol* (p. 112a), apresentado em 1953.

³⁸ Informações disponíveis em http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia_ic/Enc_Artistas/dsp_dados_artista.cfm?id_nome=284338&cd_idioma=28555



Figura 17 - Reprodução do quadro *Glória*, publicada em *Sexo e Beleza* (1958, p. 48a)

Entre as críticas que acompanham as obras de Irajá, algumas delas, apesar de favoráveis, revelam alguma oposição às pinturas de nus, como a de Augusto Frederico Schmidt³⁹ :

Saiu Hernani de Irajá, porém, pelo seu caráter e positivado valor, francamente vitorioso dessa campanha que nos recusamos de classificar. Na exposição, destaca-se, em primeiro lugar, um 'nu' – Misteriosa – tratado com vigor excepcional. Lindamente bárbaro, pouco desenhado, sintético e de um colorido em harmonia com a composição e espírito do quadro. É, indubitavelmente, um dos mais fortes e modernos que se têm exposta no Rio de Janeiro, ultimamente. (SCHMIDT apud IRAJÁ, 1956b, p. 231).

A que campanha Augusto Frederico Schmidt se refere nesta crítica, dizendo que Irajá saiu vitorioso dela? Em *Amores e Paixões* (1956a), por mais de uma vez Hernani relata as críticas ou censura que sofreu, a partir do gêmeo pintor, Naro. Em determinado evento, segundo o autor, Naro teria sido ouvido em particular, antes da

³⁹ Editor, comerciante, industrial e jornalista. Representante do Brasil na Operação Panamericana e presidente do Conselho dos 21, na Conferência de Bogotá. (RIBEIRO FILHO, p. 234)

seleção do júri, que solicitava uma “veladurazinha” ou “trapo” que escondesse a região pubiana do modelo (p. 167).

Antes da seleção do júri, Naro foi ouvido em particular. É que o haviam chamado para ver se era possível uma “veladurazinha” ou um “trapo” para esconder um pouco a região pubiana do modelo (IRAJÁ, 1956a, p. 167).

Em outra ocasião, durante a participação de Irajá em uma exposição, sua pintura *Mulata do toldo verde* teria sido premiada com uma medalha, sendo um dos destaques do Salão daquele ano. Havia uma suspeita, contudo, que Naro pagara outro pintor para produzir tais quadros, sendo ele, segundo seus críticos, um plagiário (IRAJÁ, 1956a, p. 39).

Em trabalho dedicado à reconstrução da produção cultural e à sociabilidade na cidade de São Paulo dos anos 1940 e 1950, Gama (1998) situa Irajá a partir do relato de Antônio Cândido. Testemunha de suas exposições, ele afirma que Irajá teria participado de exposições acadêmicas no Palacete das Arcadas, que reunia acadêmicos e neo-simbolistas. Ele era conhecido como sexólogo e pintor de terceira ordem e foi apontado como o primeiro pintor brasileiro que “expõe quadros onde as mulheres aparecem com os pelos pubianos à mostra”, algo novo ou exótico na pintura e que aguçava a curiosidade dos jovens (p. 96).

A pintura de nus que Irajá se propunha também era vista como “voluptuosa” pelos críticos de sua época. Foi esse o termo que um deles utilizou para classificar as pinturas de nus de Naro (Irajá, 1956a), que, por sua vez, rebate a crítica afirmando que pintores como Poussin, Boucher, Rubens, Giorgione, Ticiano, entre outros, seriam sem interesse e “imorais” (p. 187).

Por outro lado, a crítica de Irajá ao modernismo é franca e notória. Novamente o personagem Naro é invocado por Irajá para revelar seu descontentamento com artistas cujo talento ou técnica parecem-lhe duvidosos. Diz Naro em tom irônico:

Solotarof, um humorista que se fez passar por pintor da Rússia Soviética, abriu uma grande exposição em nossa Escola Nacional de Belas Artes. Umas drogas iguais às que aparecem por aí assinadas por artistas estrangeiros e mesmo por alguns nacionais. (...) Foi uma consagração, isto é, uma consagração por parte de uma facção de intelectuais que “vomitam” quando ouvem Puccini ou a Verdi ou se dão de cara com uma reprodução de Velasquez, Henner ou Millet. (IRAJÁ, 1956a, p. 193).

Irajá explica mais adiante que Solotarof lido ao contrário seria “Fora tolos”, deixando clara a rejeição de Naro – e sua também – à boa parte das pinturas daquela exposição. Aliás, como vimos antes, não seria difícil deduzir que Irajá se refere aqui ao Salão de 31, marco do modernismo entre os artistas plásticos.

A crítica de Hernani aos modernistas deve-se às figuras humanas disformes ou mesmo aleijões privilegiados por eles. Admirador da beleza e da estética feminina, Irajá exibia em seus quadros corpos de mulheres nuas que atendessem os ideais eugenistas de sua época, buscando uma reprodução que fosse mais fiel à sua modelo e, portanto, rejeitando as figuras disformes.

3 Lapa: amores, encantos, pecados e perdições

Lapa tornava-se um mostruário do mundo, com seus vícios e pecados e paixões, com suas virtudes, seus encantos e seus amores, vitrine de atrações, de ligações efêmeras, de ciúmes e juras de balcão de chope e promessas irrealizáveis, em cinco minutos de cama. (IRAJÁ, 1967, p. 08).

Rio de Janeiro, Capital Federal. Aos poucos, a cidade colonial dá lugar à cidade cosmopolita. O processo de transformação pelo qual o Rio passou até se tornar capital é descrito por Motta (2004, p. 13) como uma contraposição entre os modos de agir, pensar e sentir da “província” e os padrões e normas que os “homens da Corte” deveriam internalizar. A transferência da Corte Real para o Rio de Janeiro em 1808 trazia consigo a necessidade de adaptar a cidade para sua nova condição. No período, várias escolas foram fundadas (Medicina, Marinha, Guerra e Comércio), além da criação da Imprensa Régia, de uma livraria, que mais tarde se transformaria na Biblioteca Nacional. Também surgiram a Academia de Belas Artes, o Teatro Real e o Banco do Brasil (2004, p. 10).

Os intelectuais, ainda segundo Motta (2004, p. 13-14), exerceram um papel importante nesse processo de transformação da capital em cidade cosmopolita. Nas letras, nos ensaios histórico-geográficos ou ainda nas artes plásticas, os intelectuais cumpriam o duplo desafio de inserir o país entre as nações civilizadas e manter a unidade interna. O caráter cosmopolita da capital do Brasil Império é de fundamental importância nesse momento, fazendo com que a cidade do Rio de Janeiro se estabeleça um elo com o mundo europeu e se torne o centro irradiador da civilização no país. Além do cosmopolitismo, a cidade se transformava no centro econômico do país, graças à expansão da lavoura cafeeira e ao conseqüente dinamismo comercial provocado pela atividade.

Em 1922, o Rio de Janeiro comemorava o centenário da Independência do Brasil. A realização de uma “exposição universal”, segundo Motta (2004, p. 31), seria a grande mostra do progresso nacional conquistado pelo país ao longo daqueles últimos cem anos. Realizada após a Primeira Guerra Mundial e durante uma grave crise política, que culminou com a revolta dos oficiais do Forte de Copacabana, a exposição trazia consigo um anseio de renovação em todos os domínios da atividade humana e de resolução dos conflitos internos. Seus visitantes respiravam os ares da modernidade que emergia no começo do século XIX. Os congressos e conferências simultâneos à exposição versavam sobre temas variados, relacionados à História, Direito, Engenharia, Química e Educação (2004, p. 33).

Com os investimentos públicos, o Rio de Janeiro transformou-se na cidade luz da América Latina. Era o centro cultural do país, o local onde artistas e intelectuais se encontravam. O Rio de Janeiro era, portanto, o ponto de efervescência dos acontecimentos sociais, políticos e culturais.

Por isso, a cidade dos tempos da *Belle Époque* suscitava nos jovens intelectuais e artistas a expectativa de ascenderem social e profissionalmente, bem como de serem reconhecidos pelos seus talentos. Sobre o fascínio que o Rio exercia sobre os jovens artistas e intelectuais recém-chegados, Lustosa afirma:

Poetas, artistas e escritores sempre tiveram a atração pelo abismo, pelo lado mais perigoso das coisas, fonte maior de inspiração, capricho da sensibilidade. E o Rio-metrópole também era esse lugar que concentrava todo o fascínio e toda a perdição: território da beleza e do caos, onde vinha se perder o menino da província, munido de uma enorme bagagem de sonhos, ambições e, às vezes, talento. (LUSTOSA, 2001, p. 11).

O fenômeno da “obscenidade” repete-se com o bairro da Lapa da *Belle Époque*, que se tornou historicamente conhecido pela sua boemia e, principalmente, pela prostituição, fazendo muitos crer que a Lapa era um antro de perdição e luxúria. Irajá (1967), Castro (2004) e Martins (2004) mostram que o afamado bairro boêmio

mantinha, ao longo do dia, uma rotina suburbana. Martins fala da existência de duas Lapas:

A pública, a evidente, a urbana, com o seu comércio, as suas lojas, os seus restaurantes, os seus bares, os seus cabarés, intensamente iluminada e com um grande trânsito de veículos; e a outra, secreta, escondida, suburbana, insinuando-se pelas ruelas escuras na encosta do morro de Santa Teresa. (MARTINS, 2004, p. 234).

Martins esclarece ainda que os “conventilhos” localizados nas ruelas eram, ao contrário dos bares e cabarés, frequentados individualmente. O espírito de grupo ou boemia coletiva estava presente sobretudo nos bares, sendo raras as vezes em que os grupos de amigos frequentavam os *rendez-vous*. Nas ocasiões em que isso acontecia, segundo Martins, havia um certo respeito entre os colegas do grupo para não inibir qualquer um deles.

Irajá (1967) convida sua prima Maria Luísa, na época interna do Colégio Imaculada Conceição, para assistir o concerto de Madalena Tagliaferro, que teria ocorrido no Instituto Nacional de Música, na Rua do Passeio, próximo ao Largo da Lapa. Passeando pelos principais logradouros da Lapa com a jovem prima, Irajá relata a frustração dela, já que não presenciou nenhuma conduta extravagante ou escandalosa. A rotina da Lapa é ricamente descrita por Irajá, mostrando-se bom observador e conhecedor do bairro:

É que pela manhã, saída da noite, ainda cheirando a madrugada, a Lapa acorda para a vida cotidiana e pode-se ver a vida laboriosa doméstica, de calçada ou de rua, com os apregoadores de quitandas com cestos às costas e carrocinhas ou filas para açúcar, para leite, criadas à porta de açougues ou em direção a supermercados. Os cafés, como o ‘Guarani’ de um lado e o ‘Indígena’ do outro, apresentam-se em grande atividade, mas os salões de sinuca estão fechados desde madrugada. Os engraxates chamam os fregueses; alguns em trabalho fazem malabarismo com a escova e com o pano de lustro, acompanhando ritmicamente uma batucada ou samba de moda. As barbearias acolhem os primeiros fregueses. No ‘Imperial’, fronteiro, encostam-se às paredes alguns malandros ainda ressacados e trocam palavras de uma gíria própria intraduzível, só por eles compreensível. Talvez falem de jogo do bicho ou combinem planos para achacar um otário no jogo da chapinha ou no do palito nos bilhares. Às vezes há uma movimentação incomum. É uma

‘canao’ que passa lotada. E os fregueses da ‘Leiteria Bol’ ou da ‘Cantina Citilândia’, com o alvoroço, acorrem às portas para observar a causa do alarido. Mas logo tudo volta à rotina, ao normal, ao trivial corriqueiro. As drogarias atendem aos fregueses, as casas de eletricidade e artigos de mecânica satisfazem aos que desejam trocar algum material defeituoso. A Travessa do Mosqueira, procurando imitar as vielas napolitanas, estende as bandeirolas da multicolorida roupa lavada pelas janelas, sotéias e terraços, como no *Eterno Festival* de Orestes Barbosa. (IRAJÁ, 1967, p. 14-15).

A exemplo de Irajá, Castro (2004, p. 68) contextualiza a Lapa da década de 1920, falando da sua inocência durante o dia, da existência do colégio de freiras em que Carmen Miranda estudou, além dos pequenos armazéns, farmácias, pensões familiares e comércio diverso que constituíam o bairro. Martins (2004, p. 234) delimita geograficamente a Lapa obscena, a partir das ruelas e becos nos quais se localizariam os *rendez-vous*.

Castro (2004) complementa a visão da Lapa, falando da sua transformação com o pôr-do-sol. Os estabelecimentos comerciais que ficavam abertos durante o dia davam vez para os cabarés, cafés e pensões, cujas luzes vermelhas atraíam um público diverso daquele que frequentava o bairro durante o dia.

Irajá torna enigmáticos os motivos que o levaram a frequentar a Lapa. Em *Adeus! Lapa* (1967), ele se descreve como um homem sem vícios e que nunca entrou em uma *boite* ou *cabaret*. Ele fala, portanto, de um certo estranhamento ou de interpretações equivocadas que a publicação de *Adeus! Lapa* (1967) poderiam suscitar nos leitores ou àqueles que o conheciam mais intimamente. Em certo momento, Irajá afirma: “A Lapa tinha mistérios, surpresas, quadros inesperados, frequentemente tiros e até mortes violentas. Mas o que atraía em cheio era o elemento “fêmea”. Vinham de todos os lados, apareciam de todos os cantos” (1967, p. 153). Portanto, a frequência de Irajá ao bairro da Lapa trazia, em primeiro plano, seu interesse pelas mulheres do bairro. Seu espírito aventureiro e interesse por assuntos místicos e religiosos justificam sua descrição dos mistérios, surpresas e quadros inesperados presentes na Lapa.

3.1 As prostitutas e os malandros

O ar de mistério em torno da figura da prostituta que vive no bairro da Lapa revela-se nas diferentes palavras que Irajá utiliza para tentar classificá-la (IRAJÁ, 1967, p. 81): “Reservadas, hetairas, meretrizes de 1ª e 2ª, prostitutas fichadas no cadastro policial, rameiras, fubanas e adventícias, mariposas de bordéis e prostíbulos. Uma possível classificação do mundo lapeano?”

Soma-se a esse mistério certo glamour que as prostitutas europeias e, em particular as francesas, concediam à Lapa carioca que, nas palavras dos intelectuais que frequentavam o bairro boêmio, guardaria alguma semelhança com Pigalle ou Montmartre (IRAJÁ, 1967, p. 18).

O fascínio dos boêmios e intelectuais pelas prostitutas francesas é reproduzido em forma de diálogo por Irajá, ao falar sobre as grandes noitadas da Lapa:

Eram elas quase que na sua totalidade francesas, de Marselha, do Havre, de Lyon. A maioria era ou dizia-se de Paris. Seria o máximo: uma parisiense! ‘— Meu velho, passei uma noite inteirinha com uma deliciosa parisiense!’ E o amigo a babar-se de inveja: ‘— Onde? Onde foi isso? Conta!’ Era Tina Bonalis uma como que sacerdotisa desses encontros carnis. (IRAJÁ, 1967, p. 23).

Ao lado de Suzanne Casterat e Tina Tatti, Tina Bonalis era a proprietária de uma destas casas que oferecia uma plêiade de belas mulheres estrangeiras. Tais casas – também chamadas de mansões, pensões ou *rendez-vous* – zelavam pela excelência dos ambientes e pelo conforto, atraindo um seleto grupo de homens em busca de encontros carnis. Oficiais de alta patente, desembargadores, ministros, fazendeiros de Minas Gerais e São Paulo, além de senadores e deputados frequentavam as casas de Suzanne, Bonalis ou Tina Tatti.

As mulheres que residiam nessas pensões podiam, segundo Irajá (1967, p. 23), gozar de alguns privilégios, como sair a qualquer hora, manter afeições especiais e, em casos excepcionais, deixar a pensão a convite de algum frequentador apaixonado.

Em determinado momento, as prostitutas da Lapa ganham nome, endereço e adjetivos de Irajá. Sarita, por exemplo, apesar de polaca, dizia-se francesa, era boazinha e asseada e morava na Rua da Glória. Teria se aposentado em 1937, passando a frequentar salões de arte ostentando um brilhante na mão. Madoux era uma esplêndida parisiense, também residente na Rua da Glória. Esbelta e graciosa, e possuía vários pretendentes.

Ainda na Rua da Glória, perto da leiteria e da farmácia, residiam Iracy e Lina. Irajá diz que Iracy é mineira, baixinha e desconfiada. Lina é descrita como uma linda italiana que recitava entusiasmada trechos da Divina Comédia, de Dante Alighieri.

A narrativa de Irajá sobre as prostitutas da Lapa sugere certo grau de proximidade entre ambos. Pensando na sua inclinação enquanto pintor para os nus femininos e também nos estudos em Sexologia que desenvolvia, que papel as prostitutas desempenharam nas atividades profissionais de Irajá? É fato que elas podem ter servido como modelos ou fontes de inspiração para seus quadros, mas, na condição de sexólogo, haveria alguma participação delas na forma como Irajá compreendia a sexualidade, por exemplo?

Dois episódios singulares revelam a proximidade ou mesmo a simpatia que Irajá nutria pelas prostitutas. O primeiro deles envolve o Dr. Meira Lima, delegado que nos idos de 1922 e 1923 adotou medidas severas contras as “mariposas” da Lapa. Sua ordem era que não ficassem grupos de mais de duas prostitutas nos postes de parada dos bondes. Apesar da dificuldade em cumprir tal ordem, já que o contingente de prostitutas era alto, o delegado insistia.

Algumas prostitutas conseguiam avistar o Dr. Meira e seus soldados de longe e sumiam pelos becos e ruas transversais. Porém, sempre ficava alguma retardatária no meio do caminho, detida pelos guardas, que se condoíam com a severidade do delegado e deixavam que uma ou outra escapasse do carro que as conduzia à delegacia.

Fazendo uso de suas atribuições médicas e sendo amigo do Gal. Ivo Soares, chefe do Serviço de Saúde do Exército, Irajá intervinha junto ao delegado para que as prostitutas não fossem levadas à delegacia. O diálogo entre Hernani e o Dr. Meira Lima teria sido o seguinte:

— Sr. Delegado, vou responsabilizá-lo se sobrevier algum ‘choque’ nessas senhoras. Estão sob meus cuidados médicos e no uso de Neo-Salvarsan. Caso aconteça alguma perturbação nas retidas por sua ordem, terei que fazer uma comunicação à Diretoria de Saúde Pública e, talvez, ao Gal. Diretor da Saúde da Guerra.
— Está-me o Sr. sempre tentando perturbar a boa ordem...
(IRAJÁ, 1967, p. 144)

Contrariado, o delegado via-se obrigado a soltar as prostitutas. Segundo Irajá, os policiais da delegacia, seus pacientes de consultório, contavam-lhe as “descomposturas riquíssimas de palavrões” que o Dr. Meira Lima proferia contra ele.

Nesse mesmo período, conta Hernani, houve um ciclo de inspeções de saúde obrigatórias em que as prostitutas eram quase sempre ameaçadas e exploradas. A fim de realizar a tal inspeção, uma caravana policial bateu à porta de Mademoiselle Madoux, a esbelta e graciosa parisiense da Rua da Glória. O que a tal caravana não esperava era deparar-se com Mademoiselle Madoux abraçada a um Senador da República de bengala e cueca que esbravejou com os policiais, não restando a eles outra opção a não ser deixar a casa pedindo desculpas ao Senador pela “visita inconveniente”.

O outro episódio que demonstra proximidade entre Irajá e as prostitutas é relatado no capítulo *Mulier commoda et faceta haec meretrix* (IRAJÁ, 1967, p. 101-

104). Devido à falta d'água no Rio, por volta de 1927 a 1929, as meninas da pensão da Dona Dulce invariavelmente viam-se obrigadas a utilizar águas de colônia e loções de toalete. Certo dia, Dona Dulce resolveu socorrer suas meninas telefonando para Irajá e pedindo a gentileza de permitir que uma de suas pensionistas tomasse banho no seu apartamento.

Pedido consentido, Irajá abriu a porta de seu apartamento e deparou-se com três meninas e não apenas uma, como havia comentado Dona Dulce. Juracy, Dalila e Carmen despiram-se enquanto Irajá contemplava a beleza plástica de cada uma, aguardando-as finalizar as “complicadas operações de pós-banho”. Irajá percebeu que seu banheiro ficara alagado com os banhos das três meninas, além dos vidros de loção e colônia terem se esgotado. Juracy, Dalila e Carmen deixaram o apartamento de Irajá rindo e fazendo comentários jocosos sobre a experiência.

No dia seguinte, de passagem pela região onde viviam as meninas, Irajá resolve saber delas a impressão que tiveram do banho. Antes mesmo de adentrar a pensão, ele percebeu que as meninas discutiam questões de plástica, influenciadas pela observação de Irajá que dissera a Juracy que ela tinha um monte de Vênus belamente desenvolvido.

Irajá instituiu um concurso entre as pensionistas da Dona Dulce. Ele realizaria um exame anatômico para saber qual delas era a detentora do mais belo monte de Vênus. Como prêmio, a primeira colocada teria direito a um mês de banho grátis no seu apartamento, enquanto a segunda e terceira colocadas teriam direito, respectivamente, a 15 e 10 banhos grátis em dias alternados. As pensionistas se despediram efusivamente de Irajá, e Juracy, diante dos comentários anteriores sobre seu belo monte de Vênus, mostrou-se ainda mais expansiva.

Ainda envolvendo o tema da prostituição, Irajá narra alguns casos pitorescos ocorridos na Lapa. O Dr. Carlos Vigné Pacheco Júnior, por exemplo, costumava

frequentar os bordéis da Lapa e, enquanto saciava seus desejos carnis com as prostitutas, sua esposa o aguardava calmamente fumando um autêntico egípcio na sua limusine, que ficava parada em frente o bordel.

Sentado à mesa do Café CDM, que ficava na esquina da Rua dos Passeios com a Rua das Marrecas, Irajá e seus amigos observavam as saídas de Rosita, a mais linda *trotteuse*⁴⁰ da rua. Segundo o grupo de amigos de Irajá, Rosita teria saído 18 vezes em 45 minutos (IRAJÁ, p. 98).

Linda era casada com um rapaz recém-formado em Direito e ainda sem freguesia. A fim de ajudar financeiramente o marido, Linda frequentava os *rendez-vous*. Ela justificava o fato, nas palavras de Irajá, da seguinte forma (IRAJÁ, 1967, p. 170): “Ele deixa eu vir em casa de *rendez-vous* para ajudar. Demais que é que tem que eu ganhe também? Assim nós mantemos o nosso apartamento – (tão bonitinho) – e ele não fica desmoralizado perante a família.”

Apesar do ambiente boêmio e festivo que cercava as prostitutas da Lapa, não é difícil imaginar os maus bocados que elas devem ter passado com o serviço de inspeção da Polícia, com clientes, por motivos diversos, ou ainda com os malandros, querendo tirar alguma vantagem das meninas ou lhes oferecendo proteção.

Armandinho da Lapa, por exemplo, vivia à custa das mulheres. Não era o tipo de malandro que buscava cartaz na Lapa ou arranjava brigas. Ao contrário, Irajá (1967, p. 43) descreve-o como um homem calmo. O único momento em que Armandinho se inflamava era quando alguém afirmava algo equivocado de Gonçalina, sua companheira. Ele gabava-se de a mulher não “se passar” por menos de dez mil réis.

Madame Satã – jogador de capoeira, além de conhecido malandro e “pederasta” negro que fazia shows travestido de mulher nos cabarés da Lapa – tinha opinião bem definida sobre a concepção do malandro. Entrevistado pelo jornal *O*

⁴⁰ Mocinha passeadora, que desfila para conquistar olhares.

Pasquim (1971, p. 5), Madame Satã distingue malandros, marginais e ladrões, respondendo aos jornalistas que alguns personagens da Lapa, como Brancura e Baiaco, por exemplo, eram cafetões de escravas brancas, enquanto Meneghetti, na sua opinião, era ladrão de joias e não marginal. O que se deduz de suas afirmações era que o típico malandro se envolvia em brigas.

Irajá (1967, p. 76) critica esses malandros afirmando que só conseguem atingir a fama com a desordem e o crime. Sobre Madame Satã, Irajá (1967, p. 72) diz que é um “uranista famoso” e de um ciúme exagerado. O malandro homossexual arranjava briga se soubesse que estava sendo traído, marcando a navalhadas quem o enganasse.

Hernani de Irajá (1967, p. 72) cita um episódio envolvendo Madame Satã e um estudante paulista da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Sem dinheiro, o estudante se viu forçado a encontrar-se com Madame Satã algumas vezes, para receber dele uma bolsa que lhe ajudaria com os custos da faculdade. O rapaz, contudo, acabou fugindo para a região da Tijuca na vã tentativa de despistar o Satã. Resoluto, o malandro procurou o jovem nas imediações da faculdade e foi até a secretaria, a fim de obter seu endereço. Ao encontrá-lo, Madame Satã percebeu que o rapaz estava decidido a não dar continuidade às aventuras amorosas e também não se sentia intimidado com as ameaças do ex-amante. Diante disto, Madame Satã resolveu descobrir quem havia lhe roubado o estudante e ficou sabendo que ele estava se relacionando com uma linda jovem desquitada de pouco mais de vinte anos. Apesar de ter localizado o endereço de sua rival, o malandro não obteve êxito quando esteve no apartamento da moça, pois foi atendido pela empregada. Madame Satã despediu-se do local avisando que se o rapaz continuasse a visitar sua rival, dentro de seis dias um dos dois morreria⁴¹.

⁴¹ Irajá não comenta o desfecho deste caso, fazendo crer que ele não tomou conhecimento do fato.

Madame Satã virou uma lenda na história da Lapa e da malandragem carioca. Durst (2005, p. 30) lembra que a simples menção ao nome do malandro ou sua presença eram suficientes para apartar brigas. Para assustar os garotos que transitavam pela Lapa, era comum dizer a eles que Madame Satã estaria por perto e iria pegá-los.

Outro malandro temível era Joãozinho da Lapa, também conhecido como João Capitão. Nos idos de 1922, ele tinha fama de “valentão intemerato”, provocador e perito em navalhadas e armas de fogo (IRAJÁ, 1967, p. 41). Joãozinho da Lapa tinha sido proibido de ultrapassar determinada região do bairro. Na mesma noite em que soube da proibição, o malandro cruzou a suposta linha divisória, causando alvoroço entre os boêmios, receosos de um eventual tiroteio. À medida que Joãozinho da Lapa avançava pelas ruas, as portas fechavam-se e as calçadas tornavam-se desertas. Ouviram-se dois tiros quando o malandro tirava um lenço do bolso traseiro da calça. Joãozinho da Lapa caiu ferido no chão, perdeu muito sangue e desapareceu tragicamente do cenário lapeano.

Diferentemente das prostitutas, com quem Irajá mantinha uma relação no mínimo bastante amigável, a narrativa de Irajá sobre os malandros coloca-o na condição de mero espectador ou ainda de conhecedor das inúmeras histórias que a Lapa revelava durante suas noites festivas e agitadas. Ele relata que eventualmente alguns amigos se desentendiam entre si, com funcionários de algum estabelecimento em que se encontravam ou com os desafetos que encontravam eventualmente.

3.2 Reduto dos boêmios, artistas e intelectuais

A Lapa, “mostruário do mundo” nas palavras de Irajá, não era apenas o bairro boêmio do Rio dos anos 1920, que concentrava malandros e prostitutas, mas

também o local onde se encontravam os artistas e intelectuais, a grande maioria tão jovem quanto Irajá e ainda não tão conhecidos, como pontua Castro (2004, p. 69).

Como vimos em sua biografia, Irajá chegou ao Rio de Janeiro em junho de 1923. Era mais um entre os jovens imigrantes que naquela época deslocavam-se para as grandes capitais. Tendo perdido o pai pouco após sua chegada ao Rio, não é difícil imaginar o anseio de Hernani para se estabelecer profissionalmente.

Durante sua hospedagem na pensão da Dona Terezinha de Jesus Gomes, Irajá conheceu Dona Antoninha Lobo, que reunia em sua casa na Rua Voluntários da Pátria um seleto grupo de pessoas ligadas à arte, principalmente à música. As tardes das terças-feiras tornavam-se inesquecíveis, não apenas pelas composições românticas que a anfitriã tocava ao piano, mas ainda por poder apreciar as melhores peças do repertório da contralto Leontina Kneese, e também pela poesia de Manlio Giudice. Participava dessas reuniões a família Navarro. Irajá acabou se aproximando de Mário Navarro da Costa, diplomata e marinheiro, e decidiram juntos fundar uma sociedade para “incentivar o desenvolvimento da pintura” (IRAJÁ, 1967, p. 126). Irajá e Mário Navarro passaram a se encontrar na “tenda” de Luiz Villarinho, embaixo do Hotel Avenida. Com o apoio de colegas músicos, pintores e jornalistas, foi fundada a Associação dos Artistas Brasileiros. Entre os que apoiaram a fundação da associação, Irajá cita Francisconi, jornalista de *O Globo*, Celso Kelly, que reforçou o grupo com seu dinamismo, e também Jorge Guinle, responsável pela negociação dos salões do Palace Hotel para futuras exposições. (IRAJÁ, 1967, p. 125-126)

Tempos depois, a Associação dos Artistas Brasileiros passou a acolher não só pintores, mas também desenhistas, gravadores, educadores, musicistas e cantores. Com o apoio de diversos membros da Academia Brasileira de Letras – como Rodrigo Otávio (pai e filho), João Ribeiro, Ademar Tavares, Laudelino Freire, Olegário Mariano, entre outros – a associação passou a contar com a contribuição destes literatos

e suas palestras, recitativos ou declamações. A associação contou ainda com a colaboração de pessoas não raramente ligadas ao jornalismo ou à literatura, como Osório Borba e Paulo Hasslcher (*ABC*), os irmãos Sousa e Silva (Editora Pimenta de Mello), Aureliano Machado (*Revista da Semana*), Gustavo Barroso (*Fon Fon!*), Sadi Garibaldi (*A Manhã*).

A Associação dos Artistas Brasileiros, segundo Irajá, foi a responsável pelos primeiros Salões do Livro, de Arte Decorativa, e de Planos e Plantas Arquiteturais (1967, p. 127), além de outros Salões, como o do Nu, de Arte Moderna, de Paisagens, e de Natal (1956a, p. 44).

Posteriormente, Irajá, juntamente de outros artistas ou pessoas relacionadas ao mundo das artes, como Celso Kelly, Luiz Villarinho, Armando (irmão de Mário Navarro da Costa) e Francisconi, teria fundado a Pró-Arte, associação que mais tarde foi abandonada pelo grupo de Irajá, tornando-se propriedade de Theodoro Heuberg e que tinha Getúlio Vargas como seu presidente de honra, a convite do próprio Hernani (1956a, p. 43; 1967, p. 127).

Além do seu envolvimento na fundação de associações artísticas, Irajá frequentava pequenos grupos de amigos comuns na Lapa. Destes grupos, Irajá cita um deles, que incluía os compositores Newton Teixeira, Bororó Simoens, Sílvio Caldas, Santos Roberti, além do major F. Maia. Segundo Irajá (1967, p. 157), este grupo tinha o hábito de passear à noite pelas ruas bem iluminadas do Rio de Janeiro em um confortável Buick. Cantarolando e relembando fatos interessantes, o animado grupo percorria as praias do Flamengo, Botafogo, Copacabana, Ipanema, Leblon, indo até o Colonial ou ainda até o Joá. De volta até a Lapa, o grupo parava em um restaurante, café ou bar. Com as recordações, o grupo de amigos se mobilizava nos bares, cantarolando, tocando violão, tamborilando uma caixa de fósforos e chamando a atenção dos frequentadores da casa.

Em agosto de 1926, uma colega do bonde São Januário disse a Irajá que o apresentaria a uma amiga sua que cantava muito bem. Seu professor de violão também gostaria de lhe apresentar uma cantora notável, dona de “uma graça toda sua” e de um “modo inimitável para interpretar o que canta” (IRAJÁ, 1967, p. 107). No dia seguinte, a amiga do bonde cumpriu sua promessa. A amiga em questão era Carmen Miranda, uma morena com “várias marcas de benigna varíola”, segundo Irajá (p. 107). Às oito horas e quarenta e cinco minutos da noite do dia seguinte, Irajá recebia alguns amigos (o médico e escritor Antônio Austregésilo, os escritores Olegário Mariano e Agripino Grieco, o médico Faustino Esposel e o editor N. Viggiani) no restaurante Rosas, onde jantava, para juntos ouvirem a aluna de quem seu professor de violão havia falado. Já apresentada no dia anterior pela amiga de bonde, Carmen ressurgiu surpresa pela coincidência e começa a cantar as músicas do seu já avultado repertório, sendo que *Tai* e *Dá-se um jeitinho*, ambas composições do médico mineiro Joubert Carvalho, foram as músicas que mais agradaram aquele seletivo grupo de amigos.

Irajá ofereceu seus préstimos enquanto médico para retirar as marcas de varíola do rosto brejeiro de Carmen. Ela fala de seu descontentamento com o nariz, questionando se não seria possível tirar-lhe uma “cinturinha”, sendo-lhe recomendado que mantivesse o nariz daquele jeito, pois, na opinião de Irajá, ele aumentava sua graciosidade.

Foi possivelmente a partir desse contato com Carmen Miranda que Irajá conheceu Joubert Carvalho, descrito como uma pessoa de “singular simpatia”, cuja afabilidade e destituição de poses tornaram-no próximo de Irajá (1967, p. 61). Com a vinda da companhia francesa Ba-ta-clan, sob o comando de Madame Rasimi, Joubert inspira-se e cria, segundo Irajá, os primeiros *foxes*, *rigtimes* e valsas. Irajá utilizava-se dos seus conhecimentos musicais para sugerir a Joubert composições de determinado estilo musical ou baseadas em alguma esquematização melódica específica.

Na mesma época, Irajá conheceu um rapaz “meio magro, meio narigudo, um tanto inquieto e completamente mineiro” (IRAJÁ, 1967, p. 61). Era Ary Barroso, vindo de Ubá para estudar Direito. Em 1925, ele ficou hospedado na Pensão Miramar e, por vezes, tocava piano para os moradores, fazendo improvisações diversas no tom e no ritmo da música. Seu pequeno show, segundo Irajá (1967, p. 62), agradava até mesmo ao maestro italiano Soriano, conhecido pela sua exigência e ranzinze.

Como Ary queixava-se do pouco dinheiro e, por isso, da impossibilidade de frequentar o curso de Direito, Irajá o apresentou a Álvaro Moreyra, que trabalhava na redação de *O Malho*, a fim de arranjar-lhe um trabalho como revisor das revistas da empresa, entre elas, uma publicação em série chamada *Dramas do Novo Mundo*, que era ilustrada por J. Carlos.

Ary Barroso agradeceu sorridente o favor e nunca mais voltou. “A revisão não era seu encaixe”, diz Irajá (1967, p. 62). Apesar dos infortúnios de Ary no trabalho, sua composição *Dá nela* tornou-o conhecido e popular. Irajá atribui o sucesso de Ary Barroso à sua presença na peça *Um Caso Singular*, pois reuniu a elite da crítica e produtores de diferentes modalidades da arte (IRAJÁ, 1967, p. 63).

Outro personagem citado por Irajá, e que participava talvez com alguma frequência das rodas de amigos na Lapa, era Catulo da Paixão Cearense. Irajá atribui a pouca conversa de Catulo à inadequação do ambiente da Lapa com seus “cantares”. Machado Florence, um “brincalhão inteligente” (IRAJÁ, 1967, p. 167-168), resolveu provocar Catulo dizendo que ouviu falar que *Luar do Sertão* não seria de sua autoria. Ofendido, Catulo começou a berrar, utilizando-se de argumentos e justificativas sem fim. Quando estava um pouco mais sereno, mas ainda ofegante, os amigos lhe explicaram que armaram a brincadeira por sentirem falta de ouvi-lo dizer seus versos ou cantá-los.

Conclusão

Escrever uma biografia não é tarefa fácil. Os cuidados devidos na estruturação de um trabalho biográfico dependem da consulta e confrontação de fontes diversas, da colaboração dos poucos colegas pesquisadores que se dedicam a um assunto tão específico, dos familiares e conhecidos do biografado e dos profissionais das bibliotecas, sebos e arquivos públicos.

A decisão de biografar Hernani de Irajá não foi simples. A História da Sexologia brasileira é um campo carente de pesquisas e a grande quantidade de fontes primárias adquiridas nos sebos era uma tentação para dar um passo além e escrever não apenas sobre uma história de vida singular como a de Irajá, mas sobre outros autores igualmente interessantes ou ainda sobre a constituição da Sexologia no Brasil.

Escrever uma biografia sobre Hernani de Irajá poderia trazer implícita a ideia de sua heroificação, de concordância com seus conceitos, teorias e, quiçá, seus valores pessoais. É muito arriscado tratar um autor proscrito como ousado ou à frente do seu tempo. Tão arriscado quanto tratá-lo como medíocre. Eis um bom motivo para se fazer uma biografia.

Aliás, e se chegarmos à conclusão que Irajá foi um autor medíocre? Medíocre significa mediano, comum ou ainda vulgar. A biografia de Hernani de Irajá mostra o oposto disso. Mas, supondo que Irajá de fato fosse medíocre, vem a pergunta: por que biografar apenas heróis, santos e guerreiros? Não é possível simplesmente observar a individualidade, o percurso de um homem que testemunhou fatos históricos de uma posição social privilegiada?

Obcecado pelos ideais de beleza estética, Irajá buscou-os na Medicina, nas Artes e na sua vida pessoal. Era também um homem místico. Simpatizante ou talvez praticante do espiritismo, não era raro encontrar o tema misticismo ou religião em suas

publicações e como um dos temas de suas pinturas. Opunha-se às modas e defendia seu ponto de vista, mesmo que parecesse conservador, como no caso de sua oposição ao modernismo.

A respeito do fenômeno da proscrição, alguns aspectos descritos na pesquisa ajudam a elucidar a questão, como sua oposição ao modernismo e seu voluntário enclausuramento. Por outro lado, a publicação em suas obras de inúmeras críticas que enaltecem seu “talento polimorfo” ou “espírito brilhante”, além da publicação dos três romances autobiográficos – *Amores e Paixões* (1956a), *O Homem* (1959) e *Confissões de um Conquistador de Criadas* (1968) – e do livro de memórias *Adeus! Lapa* (1967) são indícios de sua busca por uma autoconsagração. Outra possibilidade que deve ser considerada seria a necessidade de Irajá compreender – ou aliviar – seus próprios conflitos, como o do binômio arte/ciência, exposto no romance *Amores e Paixões*.

Seus livros são o reflexo de aspectos diversos de sua individualidade: *Confissões de um Conquistador de Criadas* (1968) revela aos leitores seu lado sedutor, enquanto *Feitiços e Crendices* (1932) revela aspectos místicos e religiosos; e *O Esforço para a Beleza* (1923), *Morfologia da Mulher* (1933) e *Sexo e Beleza* (1938) demonstram o fascínio de Irajá pela beleza feminina. Já *O Homem* (1959) e *Adeus! Lapa* (1967) servem como bons retratos de épocas específicas: a vida em Porto Alegre no período da Primeira Guerra Mundial e a vida boêmia na Lapa, respectivamente.

A principal contribuição desse estudo diz respeito à compreensão sobre a individualidade de Hernani de Irajá. Espero que futuros estudos possam se beneficiar desta pesquisa, ampliando as discussões aqui propostas.

Referências

Fontes Secundárias

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. O método nas ciências naturais e sociais: Pesquisa quantitativa e qualitativa. 1. ed., São Paulo: Pioneira, 1998.

ARANGO, A. C. Os palavrões: virtudes terapêuticas da obscenidade. 1. ed., São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

BARROS, J. D. O campo da história: especialidades e abordagens. 5. ed., Petrópolis: Vozes, 2008.

BORGES, V. P. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, C. B. (Org.). Fontes históricas. 2. ed., São Paulo: Contexto, 2006.

CADIOU, F. et al. Como se faz a história: historiografia, método e pesquisa. 1. Ed., Petrópolis: Vozes, 2007.

CAMPOS, R. H. F. (Org.) Dicionário biográfico da Psicologia no Brasil. 1. ed., Rio de Janeiro: Imago Editora, 2001.

CARRARA, S. Tributo a Vênus: A luta contra a sífilis no Brasil, da passagem do século aos anos 40. 1. ed., Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1996.

CASTRO, R. O leitor apaixonado: Prazeres à luz do abajur. 1. ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CAVALCANTI, R. Alguns aspectos da história da sexologia no Brasil. Revista Brasileira de Sexualidade Humana, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 56-65, 1992.

COUTINHO, A., SOUSA, J. G. de. Enciclopédia de literatura brasileira. 2. ed., São Paulo: Global Editora; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Academia Brasileira de Letras, 2001.

DURST, R. Madame Satã: Com o diabo no corpo. 1. ed., São Paulo: Brasiliense, 2005.

ECO, H. Como se faz uma tese. 19. ed., São Paulo: Perspectiva, 2005.

EL FAR, A. Páginas de sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924). 1. ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ENGEL, M. Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840 - 1890). 1. ed., São Paulo: Brasiliense, 1989.

FLORES, M. B. R. Tecnologia e estética do racismo: ciência e arte na política da beleza. 1. ed., Chapecó: Argos, 2007.

GAMA, L. H. Nos bares da vida: produção cultural e sociabilidade em São Paulo, 1940-1950. 2. ed., São Paulo: SENAC São Paulo, 1998.

GEERTZ, C. Obras e vidas: o antropólogo como autor. 2. ed., Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

GREEN, J. N. Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. 1. ed., São Paulo: UNESP, 2000.

MORAES, E. R., LAPEIZ, S. M. O que é pornografia. 1. ed., São Paulo: Abril Cultural, Brasiliense, 1985.

LAVILLE, C., DIONNE, J. A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. 1. ed., Porto Alegre: Artes Médicas Sul; Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LEITE JR., J. Das maravilhas e prodígios sexuais: a pornografia "bizarra" como entretenimento. 1. ed., São Paulo: Annablume, 2006.

LEVI, G. Usos da biografia. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. M. (Org.). Usos & abusos da história oral. 8. ed., Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 167-82.

LUNA, S. Planejamento de pesquisa: uma introdução. 1. ed., São Paulo: Educ, 1999.

LUSTOSA, I. (org.) Lapa do desterro e do desvario: Uma antologia. 1. ed., Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001.

MARTINS, A. Escritores do Rio Grande do Sul. 1. ed., Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul/Instituto Estadual do Livro, 1978.

- MICELI, S. *Intelectuais à brasileira*. 1. ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MOTTA, M. *Rio, Cidade-Capital*. 1. ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- OLIVEIRA, L. *O gênero dos invertidos: moralidade e homossexualidade no discurso de um sexólogo brasileiro no Rio de Janeiro dos anos 30*. Originalmente apresentada como monografia, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2003.
- PAIVA, S. P. *A difusão da sexologia no Brasil na primeira metade do século XX: um estudo sobre a obra de Hernani de Irajá*. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social, 2002.
- POMGRATZ, L. J. *Abordagem Descritiva e Analítica*. In: BROZEK, J.; MASSIMI, M. (Org.). *Historiografia da Psicologia Moderna*. 1. ed., São Paulo: Loyola, 1998, p. 339-349.
- PROST, A. *Doze lições sobre a história*. 1. ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- RAGO, M. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890 - 1930)*. 1. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- REIS, G. V. dos. *Sexologia e educação sexual no Brasil nas décadas de 1920-1950: um estudo sobre a obra de José de Albuquerque*. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, 2006.
- RIBEIRO, J. U. *A casa dos budas ditosos*. 1. ed., Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.
- RIBEIRO FILHO, J. S. *Dicionário bibliográfico de escritores cariocas (1565 - 1965)*. 1. ed., Rio de Janeiro: Brasiliana, 1965.
- RUSSO, J. A.; CARRARA, S. L. *A psicanálise e a sexologia no Rio de Janeiro de entreguerras: entre a ciência e a auto-ajuda*. *Hist. cienc. saude-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, 2002.
- SOUZA, B. F. de. *Contos do sobrado e outras histórias*. 1. ed., Porto Alegre: Age, 1998.

_____. Uma no cravo outra na ferradura. 1. ed., Porto Alegre: Age, 2004.

WERTHEIMER, M. Pesquisa histórica - por quê? In: BROZEK, J.; MASSIMI, M. (Org.). Historiografia da Psicologia Moderna. 1. ed., São Paulo: Loyola, 1998, pp. 21-41.

Fontes Primárias

ALBUQUERQUE, J. de. Catecismo da educação sexual. 1. ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1940.

ALBUQUERQUE, M. e. A arte de conquistar as mulheres. 1. ed., Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1968.

Annaes da Assembleia Nacional Constituinte (1933-1934). Imprensa Nacional. 1937. p. 170

AUSTREGÉSILO, A. Psiconeuroses e sexualidade. 1. ed., Rio de Janeiro: Leite Ribeiro & Maurillo, 1919.

AZEVEDO, M. F. H. S. V. de. Eu, Maria Flora: Feliz com a minha família. 1. ed., São Paulo: E; Edições Inteligentes, 2007.

O problema sexual. 1. ed., Rio de Janeiro: [s.n.], 1913.

BELLO DA MOTTA, A. Homossexualismo em medicina legal. 1. ed., Rio de Janeiro: Jornal do Commercio, 1937.

BRITO, J. G. L.. Psychologia do Adulterio. 2. ed., Rio de Janeiro: Jacintho, 1933.

COBRA, E. N. Virgindade inutil e anti-higienica: novela libelística contra a sensualidade egoísta dos homens. 1. ed., Paris: Societé D'Éditions Oeuvres Dês Maitres Célèbres, [193-].

DUARTE, P. M. J. Os homens aventureiros: scenas intimas para passatempo dos homens. 1. ed., Rio de Janeiro: Serafim José Alves, [18--].

ESCOLA NACIONAL DE BELLAS ARTES. XXXVIII Exposição Geral de Bellas Artes. Rio de Janeiro, 1931.

FILHO, T. Dona dolorosa: anomalias sexuaes. 6. ed., Rio de Janeiro: Atlântida, 1934.

GUSMÃO, C. de. Dos crimes sexuaes: estupro, atentado ao pudor, defloramento e corrupção de menores. 1. ed., Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1921.

IRAJÁ, HELENA DE. Cristais ao sol. 1. ed., Rio de Janeiro: Pongetti, 1958.

_____. Aventuras do detetive Petrônio Torres & Humorismo. 1. ed., Rio de Janeiro: Pongetti, 1967

IRAJÁ, HERNANI DE. Psychoses do amôr: estudo sobre as alterações do instinto sexual. 5. ed., Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1931.

_____. Sexualidade e amor. 2. ed., Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1932.

_____. Morphologia da mulher: a plástica feminina no Brasil. 3. ed., Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1933.

_____. Psycho-pathologia da sexualidade. 1. ed., Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1933.

_____. Tratamento dos males sexuaes. 1. ed., Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1933.

_____. O sensualismo na arte. 1. ed., Rio de Janeiro: Livraria Victor, 1945.

_____. Sexo e beleza. 3. ed., Rio de Janeiro: Getúlio Costa, 1947.

_____. Segredos sexuais. 1. ed., Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1953.

_____. Amores e paixões. 1. ed., Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1956a.

_____. Sexualidade perfeita. 3. ed., Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1956b.

_____. Impotência sexual. 1. ed., Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1957.

_____. Sexo e beleza. 4. ed., Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1958.

_____. O homem: encontro com o passado. 1. ed., Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1959.

_____. O sexo nu: formação e deformação, inversão sexual. 1. ed., Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1966.

_____. Adeus! Lapa. 1. ed., Rio de Janeiro: Record, 1967.

_____. Confissões de um conquistador de criadas. 1. ed., Rio de Janeiro: Record, 1968.

_____. Sexo e virgindade. 1. ed., Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1969.

LIMA, A. A victoria do feminismo: o problema sexual. 1. ed., Rio de Janeiro: Moderna, 1931.

_____. O amor físico e a mulher. [?], Rio de Janeiro: [?], 1949.

LIMA, E. A inversão dos sexos. 1. ed., Rio de Janeiro: Guanabara, [193-].

LYRA, R. Polícia e justiça para o amor! Criminalidade artística e passional. 1. ed., Rio de Janeiro: A Noite, [19--].

Madame Satã. O Pasquim Empresa Jornalística S. A. ed. 95. Rio de Janeiro, 29/04/1971 - 05/05/1971

MARTINS, L. Noturno da Lapa. 4. ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

_____. Lapa. 3. ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

MENEZES, R. Dicionário literário brasileiro. 2. ed., Rio de Janeiro: LTC, 1978.

NEVES-MANTA, I. de L. A arte e a neurose de João do Rio. 5. ed., Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

PEIXOTO, Afrânio. Novos rumos da medicina legal. 3. ed., São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

_____. Psico-patologia forense. 1. ed., Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1916.

_____. Sexologia forense. 3. ed., [Rio de Janeiro]: Companhia Editora Nacional, [1932?].

PORTO, L. P. Da intoxicação pelo amor. 1. ed., Porto Alegre: Livraria do Comércio, 1908.

PORTO-CARRERO, J. P. Grandeza e misérias do sexo. 1. ed., Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, [193-?].

_____. Sexo e cultura. 1. ed., Rio de Janeiro: Guanabara, [193-?].

RIBEIRO, L. Homossexualismo e endocrinologia. 1. ed., Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1938.

_____. De médico a criminalista: Depoimentos e reminiscências. 1. ed., Rio de Janeiro: Livraria São José, 1967.

RIO, J. do. A alma encantadora das ruas: crônicas. 1. ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

TEPEDINO, A. Amôr e sexo: hygiene do sentimento - psychanalyse. 1. ed., São Paulo: Garraux, 1931.

_____. Alma e Belleza. 2. ed., São Paulo: Garraux, 1930.

_____. Como evitar os males sexuaes? 1. ed., São Paulo: Casa Duprat, 1933.

VIVEIROS DE CASTRO, F. J., Attentados ao pudor: estudos sobre as aberrações do instinto sexual. 3. ed., Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1934.

_____. Os delitos contra a honra da mulher. 4. ed., Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1942.

Anexo A – Relação de obras publicadas por Hernani de Irajá

Obra	Ano de Publicação	Editora	Local da Publicação
Psychoses do Amôr	1918	Livraria do Globo	Porto Alegre
O Esfôrço para a Beleza	1923	Ed. do Autor	s/l
Loucos (observações - divagações)	1923	Olimpio de Campos	Rio de Janeiro
Landru no Inferno (poema tragicômico)	1923	Pimenta de Mello	Rio de Janeiro
O Ciúme (conferência)	1924	Ed. do Autor	s/l
Crítica (ópera lírica)	s/d	s/n	s/l
Cenestopathias	1924	Livraria do Globo	Rio de Janeiro
Neurasthenia e Melancolia	1924	Livraria do Globo	Rio de Janeiro
Delacroix e Gericault (conferência)	1927	s/n	s/l
Crítica (artes plásticas)	s/d	s/n	s/l
Artista (conferência)	1928	s/n	s/l
Sexualidade e Amôr	1930	Freitas Bastos	Rio de Janeiro
Morphologia da Mulher	1931	Freitas Bastos	Rio de Janeiro
Feitiços e Crendices	1932	Freitas Bastos	Rio de Janeiro
Tratamento dos Males Sexuaes	1932	Freitas Bastos	Rio de Janeiro
Psychopathologia da Sexualidade	1933	Freitas Bastos	Rio de Janeiro
Sexualidade Perfeita	1937	Freitas Bastos	Rio de Janeiro
Arte e Artistas	1937	Cueto	São Paulo
Crítica (arte literária)	s/d	s/n	s/l
Dentro do Mistério	s/d	s/n	s/l
Histórias e Lendas	s/d	s/n	s/l
Sexo e Beleza	1938	Livraria Jacinto	Rio de Janeiro
O Sensualismo na Arte	1945	Livraria Victor	Rio de Janeiro
De Ciências – crônicas, divulgações, estudos	s/d	s/n	s/l
De Arte (crônicas)	s/d	s/n	s/l
Mistérios (contos)	s/d	s/n	s/l
Segredos Sexuais	1953	Pongetti	Rio de Janeiro
Amores e Paixões	1956	Pongetti	Rio de Janeiro
Demonologia Brasileira	s/d	s/n	s/l
Impotência Sexual	1957	Pongetti	Rio de Janeiro
O Homem	1959	Pongetti	Rio de Janeiro
Macumba e Outros Mistérios	s/d	s/n	s/l
Sexos em Luta	s/d	s/n	s/l
Ensaio Entomológicos	s/d	s/n	s/l
Poemas Regressivos	s/d	s/n	s/l
Tempo Militar	s/d	s/n	s/l
Os Segredos dos Hormônios	s/d	s/n	s/l
Hirsutismo e Hipertricose	s/d	s/n	s/l
O Sexo Nu	1966	Record / RJ	Rio de Janeiro
Adeus! Lapa (Reminiscências)	1967	Record / RJ	Rio de Janeiro
Confissões de um Conquistador de Criadas	1968	Record / RJ	Rio de Janeiro
Memórias de um Modelo	s/d	s/n	s/l
Sexo e Virgindade	1969	Pongetti	Rio de Janeiro